

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA**  
**NÚCLEO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

**Orli José Batista**

**Competitividade e Vantagem Comparativa: análise do desempenho do comércio de  
carnes bovinas *in natura* dos países do Mercosul no período de 2001-2009**

**Porto Velho**

**2011**

**ORLI JOSÉ BATISTA**

**Competitividade e Vantagem Comparativa: análise do desempenho do comércio de  
carnes bovinas *in natura* dos países do Mercosul no período de 2001-2009**

Dissertação Apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação Mestrado em Administração  
da Universidade Federal de Rondônia como  
um dos requisitos para obtenção do título de  
Mestre em Administração.

**Orientador: Prof. Dr. Tomás Daniel  
Menéndez Rodríguez**

**Porto Velho**

**2011**

### **Ficha Catalográfica**

B3208c Batista, Orli José.

Competitividade e vantagem comparativa: análise do desempenho do comércio de carnes bovinas in natura dos países do Mercosul no período de 2001-2009/ Orli José Batista. - - Porto Velho: UNIR/ PPGMAD, 2011.

126 f.: il; 31cm.

Orientador: Prof. Dr. Tomás Daniel M. Rodríguez.

Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração (PPGMAD).

Bibliografia: p.113-118.

1.Competitividade 2.Carne Bovina 3.Mercosul 4.Integração Regional. I. Tomás Daniel Menéndez Rodríguez. II Título.

CDD –382.6338 1

**Orli José Batista**

**Competitividade e Vantagem Comparativa: análise do desempenho do comércio de carnes bovinas *in natura* dos países do Mercosul no período de 2001-2009.**

Dissertação julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Administração, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Administração (PPGMAD) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Porto Velho, 02 de dezembro de 2011.

**Prof. Dr. Osmar Siena**

Coordenador do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração –  
PPGMAD

BANCA EXAMINADORA:

**Prof. Dr. Tomás Daniel Menéndez Rodríguez** (Orientador)

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração – PPGMAD/UNIR

**Prof. Dr. Carlos André da Silva Müller** (Membro Interno)

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração – PPGMAD/UNIR

**Prof. Dr. George Queiroga Estrela** (Membro Externo)

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

À minha mãe que me ensinou a ser  
perseverante na vida.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela força, sabedoria e paciência.

A meu orientador e amigo Dr. Tomás Daniel Menéndez Rodríguez pela orientação e sugestões para que enriqueceram este trabalho. Ao professor Osmar Siena, coordenador do PPGMAD, pela compreensão e colaboração. Ao professor Carlos André que foi meu orientador de estágio de docência e participante da banca examinadora de defesa desta dissertação. Aos professores Dr. José Moreira da Silva Neto e Dr. João Vicente André (*in memoriam*) pelas contribuições dadas na qualificação do projeto. Aos demais professores do PPGMAD que contribuíram com as disciplinas e elaboração de artigos científicos.

Aos colegas do mestrado, em especial às minhas amigas Kátia e Solange pelas palavras de ânimo e ao Márcio pela parceria nas apresentações das disciplinas e redação de artigos científicos.

Ao Rossini Ewerton, Jorge Mascarenhas e Nildson Ribeiro, gestores imediatos que contribuíram readequando meus horários para que esse trabalho desse certo.

Ao meu amigo Vilmar dos Santos Alves pelo incentivo ao ingresso ao mestrado.

À minha mulher que desde o início foi a principal incentivadora e que me ajudou na organização dos dados da pesquisa.

Ao Professor Daniel Arruda Coronel da UFV e a Lenilma Machado que deram grande contribuição na compreensão do método *Constant Market Share*.

Ao professor George Estrela que gentilmente aceitou o convite para participar da banca examinadora de defesa desta dissertação

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a construção deste trabalho.

BATISTA, Orli José. **Competitividade e Vantagem Comparativa: análise do desempenho do comércio de carnes bovinas *in natura* dos países do Mercosul no período de 2001-2009**. 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação Mestrado em Administração (PPGMAD) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). 126 p. Porto Velho, 2011.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como escopo analisar a o desempenho competitivo das exportações de carnes bovinas *in natura* dos países partes do Mercosul no período de 2001-2009. Numa abordagem quantitativa, esta pesquisa faz uma análise do tipo *ex-post-facto*, de natureza aplicada, com fontes secundárias de dados e estratégia documental com utilização de dados do *International Trade Centre* (ITC) com estatísticas do *Commodity Trade* (COMTRADE) organizadas pela Organização Mundial do Comércio (OMC) em conjunto com a *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD). Os modelos de análise utilizados foram o índice de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR), o Índice de Orientação Regional (IOR) e o *Constant Market Share* (CMS). Como mercados exportadores foram escolhidos os quatro Estados Partes do Mercosul, desde sua fundação: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Consideraram-se como mercado de destino os principais importadores de carne bovina do Mercosul. Foram escolhidos para análise as subdivisões de quatro dígitos do Sistema Harmonizado (SH) que compõe as exportações de carnes bovinas *in natura*: Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas; Carnes de animais da espécie bovina, congeladas. Os resultados indicaram que os quatro países apresentaram vantagens comparativas reveladas para os dois produtos selecionados em todo o período analisado. Quanto a orientação das exportações os resultados indicaram que as exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, estão orientada para a UE27 e para o Chile, enquanto as exportações de carnes bovinas, congeladas, estão orientadas para a Rússia, Israel e Venezuela. As exportações brasileiras de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas estão orientadas para a OIC, enquanto as exportações de carnes bovinas, congeladas, estão orientadas para OIC, Rússia e Israel. As exportações paraguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas estão orientadas para o Chile, enquanto as exportações de carnes bovinas, congeladas, estão orientadas para Rússia, Israel e em 2009 foi orientada também para a Venezuela. As exportações Uruguaias apresentaram pouca orientação regional, entre os principais destinos do Mercosul, destacando-se o Chile, enquanto que as exportações de carnes bovinas, congeladas, foram orientadas para a Rússia e Israel. Na análise de CMS para os dois produtos analisados, os componentes que mais contribuíram para o crescimento foram os efeitos competitividade e o crescimento do comércio mundial, enquanto que o efeito destino das exportações evidenciou exportações para mercados pouco dinâmicos do comércio mundial. As exportações poderiam ser maiores se fossem destinadas a mercados mais dinâmicos do comércio mundial. O desempenho competitivo fica evidenciado com as vantagens comparativas reveladas que demonstraram que Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai são altamente competitivos, em relação à especialização no comércio de carnes bovinas. As variações das exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, que mostraram grandes dependências do mercado da UE27 mostraram que o Mercosul deve melhorar os seus meios de produção como forma de tornar mais atrativas suas exportações para aquele bloco, ou mesmo inserir-se em novos mercados.

**Palavras-Chave:** Competitividade, Carne Bovina, Mercosul, Integração Regional.

**BATISTA, Orli José. Competitiveness and Comparative and Comparative Advantage: performance analysis of trade in natura meat of bovine animals from Mercosur countries in the period 2001-2009.** 2011. Dissertation (Master in Business Administration). Program Graduate - Masters in Business Administration (PPGMAD) of the Federal University of Rondônia (UNIR). 126 p. Porto Velho, 2011.

## **ABSTRACT**

The aim of this research was to analyze the competitive performance of exports of meat of cattle from Mercosur countries in the period 2001-2009. In a quantitative approach, this study makes an analysis of the type ex-post-facto, of an applied nature, with secondary sources of data and document strategy using data from the International Trade Centre (ITC) with the Commodity Trade (COMTRADE) Statistics organized by World Trade Organization (WTO) in partnership with the United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). The analysis models used were the index of revealed comparative advantage (RCA), the Regional Orientation Index (IOR) and the Constant Market Share (CMS). Export markets were chosen as the four states of Mercosur, since its inception: Argentina, Brazil, Paraguay and Uruguay. Considered as the main destination market importers of beef from Mercosur. Were chosen for analysis subdivisions of four-digit Harmonized System (HS) that make up the exports of fresh beef: Meat of bovine animals, fresh or chilled; Meat of bovine animals, frozen. The results indicated that the four countries had revealed comparative advantage for the two selected products throughout the study period. The export orientation of the results indicated that Argentine exports of meat of bovine animals, fresh or chilled, are oriented to the EU27 and Chile, while exports of beef, frozen, are oriented to Russia, Israel and Venezuela. Brazilian exports of beef, fresh or chilled are geared for the ICO, while exports of beef, frozen, are oriented OIC, Russia and Israel. Paraguayan exports of beef, fresh or chilled are oriented to Chile, while exports of beef, frozen, are oriented to Russia, Israel and in 2009 was also driven to Venezuela. Uruguayan exports showed little regional orientation, among the main destinations of Mercosur, especially Chile, while exports of beef, frozen, were directed to Russia and Israel. In the CMS analysis for the two products tested, the components that contributed most to the growth were the effects of competition and growth of world trade, while the effect export destination markets for exports showed subdued global trade. Exports could be higher if they were the most dynamic markets for world trade. The competitive performance is evidenced by the revealed comparative advantage showed that Argentina, Brazil, Paraguay and Uruguay are highly competitive in relation to specialization in trade in beef. Changes in exports of beef, fresh or chilled, who showed great dependence on the market in the EU27 showed that Mercosur should improve their means of production as a way to make its exports more attractive for that block, or even enter into new markets.

**Keywords:** Competitiveness, Meat of Bovine, Mercosur, Regional Integration.



## LISTAS DE ABREVIATURAS

ARP	Asociación Rural del Paraguay
BNT	Barreiras Não Tarifárias
BT	Barreiras Tarifárias
BSE	Bovine Spongiform Encephalopathy
CMS	Constant Market Share
COMTRADE	Commodity Trade
DICOSE	División de Contralor de Semovientes
FAO	Food and Agriculture Organization of the United Nations
FOB	Free on Board
GATT	General Agreement on Tariffs and Trade
IMD	International Institute for Management Development
IOR	Índice de Orientação Regional
ITC	International Trade Center
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NCM	Nomenclatura Comum do Mercosul
OIC	Organization of the Islamic Conference
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
PAC	Política Agrícola Comum
PIB	Produto Interno Bruto
RPC	República Popular da China
SECEX	Secretaria do Comércio Exterior
SH	Sistema Harmonizado
SISBOV	Serviço Brasileiro de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos
SPS	Sanitary and Phytosanitary Measures
UE	União Europeia
UE27	União Europeia 27
UNCTAD	United Nations Conference on Trade and Development
VCR	Vantagem Comparativa Revelada

VRE	Vantagem Revelada nas Exportações
SENACSA	Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal
SIGOR II	Sistema Informático de Gestión de Oficinas Regionales del SENACSA
SITRAP	Sistema de Trazabilidad del Paraguay
TEC	Tarifa Externa Comum
WCY	World Competitiveness Yearbook
WEF	World Economic Forum
WTO	World Trade Organization

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Lista de Figuras

Figura 1 - Evolução histórica dos conceitos de competitividade. ....	28
Figura 2 - Os quatro determinantes amplos da vantagem nacional. ....	29

### Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Evolução do VRE do Brasil e concorrentes para a carne bovina, 1990-2003. ....	41
Gráfico 2 - Evolução das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	65
Gráfico 3 - Evolução do índice de VCR das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	66
Gráfico 4 - Evolução das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009, em milhões de dólares. ....	69
Gráfico 5 - Evolução do índice de VCR das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	70
Gráfico 6 - Evolução das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009, em milhões de dólares. ....	75
Gráfico 7 - Evolução do índice de VCR das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, 2001-2009. ....	76
Gráfico 8 - Evolução das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009, em milhões de dólares. ....	80
Gráfico 9 - Evolução do índice de VCR das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	81
Gráfico 10 - Evolução das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009, em milhões de dólares. ....	86
Gráfico 11 - Evolução do índice de VCR das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	87
Gráfico 12 - Evolução das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009, em milhões de dólares. ....	90
Gráfico 13 - Evolução do índice de VCR das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	91
Gráfico 14 - Evolução das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009, em milhões de dólares. ....	95
Gráfico 15 - Evolução do índice de VCR das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	96
Gráfico 16 - Evolução das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009, em milhões de dólares. ....	100
Gráfico 17 - Evolução do índice de VCR das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	101
Gráfico 18 - VCR para carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	104
Gráfico 19 - VCR para carnes bovinas, congeladas, 2001-2009. ....	107

### Lista de Mapas

Mapa 1 - Exportadores de carne bovina fresca ou refrigerada, 2010. ....	18
Mapa 2 - Exportadores de carne bovina congelada, 2010. ....	19

Mapa 3 - Principais destinos das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, em 2009. ....	64
Mapa 4 - Principais destinos das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em 2009. ....	69
Mapa 5 - Principais destinos das exportações brasileiras de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, em 2009. ....	74
Mapa 6 - Principais destinos das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em 2009. ....	79
Mapa 7 - Principais destinos das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, fresca ou refrigerada, em 2009. ....	85
Mapa 8 - Principais destinos das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congelada, em 2009. ....	90
Mapa 9 - Principais destinos das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, em 2009. ....	95
Mapa 10 - Principais destinos das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em 2009. ....	99

## Lista de Quadros

Quadro 1 - Definições de competitividade. ....	26
--	----

## Lista de Tabelas

Tabela 1- Exportações de carne bovina do Mercosul para o Mundo em milhões de dólares FOB em 2010. ....	18
Tabela 2 - Principais mercados de destino das exportações de carnes bovinas frescas ou refrigeradas do Mercosul, em milhares de dólares FOB. ....	62
Tabela 3 - Principais mercados de destinos das exportações de carne bovina congelada do Mercosul, em milhares de dólares FOB. ....	63
Tabela 4 – Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	66
Tabela 5 – Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	67
Tabela 6 - Resultados do <i>Constant Market Share</i> (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	68
Tabela 7 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	70
Tabela 8 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	71
Tabela 9 - Resultados do <i>Constant Market Share</i> (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	72
Tabela 10 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	75
Tabela 11 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	76
Tabela 12 - Resultados do <i>Constant Market Share</i> (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	78

Tabela 13 - Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	81
Tabela 14 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	82
Tabela 15 - Resultados do <i>Constant Market Share</i> (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	84
Tabela 16 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	86
Tabela 17 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	87
Tabela 18 - Resultados do <i>Constant Market Share</i> (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	89
Tabela 19 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	91
Tabela 20 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	92
Tabela 21 - Resultados do <i>Constant Market Share</i> (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	94
Tabela 22 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, fresca ou refrigerada, 2001-2009. ....	96
Tabela 23 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	97
Tabela 24 - Resultados do <i>Constant Market Share</i> (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. ....	98
Tabela 25 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2002. ....	100
Tabela 26 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	102
Tabela 27 - Resultados do <i>Constant Market Share</i> (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009. ....	103
Tabela 28 - CMS para carnes bovinas, 2001-2009. ....	105

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Contextualização e definição do problema.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Objetivos.....</b>	<b>20</b>
1.2.1 Objetivo Geral .....	20
1.2.2 Objetivos Específicos .....	20
<b>1.3 Relevância do Estudo .....</b>	<b>20</b>
<b>1.4 Estrutura da dissertação .....</b>	<b>21</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 As Teorias do Comércio e Competitividade.....</b>	<b>22</b>
2.1.1 As Teorias Clássicas do Comércio .....	22
2.1.2 As Teorias Neoclássicas do Comércio .....	24
<b>2.2 Competitividade.....</b>	<b>25</b>
2.2.3 Competitividade e Comércio Internacional. ....	29
2.2.4 Competitividade nacional, globalização e integração econômica .....	31
<b>2.3 O comércio de carnes no Mercosul e no Mundo.....</b>	<b>39</b>
2.3.1 As barreiras de entrada .....	43
2.3.2 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal nos países do Mercosul .....	45
2.3.2.1 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal na Argentina.....	45
2.3.2.2 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal no Brasil .....	47
2.3.2.3 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal no Paraguai.....	49
2.3.2.4 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal no Uruguai.....	50
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>52</b>
<b>3.1 Delineamento da Pesquisa .....</b>	<b>52</b>
<b>3.2 Fonte e preparação dos dados .....</b>	<b>52</b>
<b>3.3 Modelos de análise.....</b>	<b>53</b>
3.3.1 O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR).....	54
3.3.2 O índice de orientação Regional (IOR) .....	55
3.3.3 O Constant-Market-Share (CMS).....	56
<b>3.4 O período de análise .....</b>	<b>61</b>
<b>3.5 Mercado de origem.....</b>	<b>61</b>
<b>3.6 Mercado de destino.....</b>	<b>62</b>
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>64</b>
<b>4.1 O comércio de carnes argentino. ....</b>	<b>64</b>
4.1.1 Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas. ....	64
4.1.1.1 Vantagem Comparativa Revelada .....	65

4.1.1.2 Índice de Orientação Regional .....	66
4.1.1.3 Constant Market Share .....	67
4.1.2 Carnes de animais da espécie bovina, congeladas.....	68
4.1.2.1 Vantagem Comparativa Revelada .....	70
4.1.2.2 Índice de Orientação Regional .....	71
4.1.2.3 Constant Market Share .....	72
<b>4.2 O comércio de carnes brasileiro.....</b>	<b>73</b>
4.2.1 Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas. ....	73
4.2.1.1 Vantagem Comparativa Revelada .....	75
4.2.1.2 Índice de Orientação Regional .....	76
4.2.1.3 Constant Market Share .....	78
4.2.2 Carnes de animais da espécie bovina, congeladas.....	79
4.2.2.1 Vantagem Comparativa Revelada .....	81
4.2.2.2 Índice de Orientação Regional .....	82
4.2.2.3 Constant Market Share .....	84
<b>4.3 O comércio de carnes paraguaio.....</b>	<b>85</b>
4.3.1 Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas. ....	85
4.3.1.1 Vantagem Comparativa Revelada .....	86
4.3.1.2 Índice de Orientação Regional .....	87
4.3.1.3 Constant Market Share .....	88
4.3.2 Carnes de animais da espécie bovina, congeladas.....	89
4.3.2.1 Vantagem Comparativa Revelada .....	91
4.3.2.2 Índice de Orientação Regional .....	92
4.3.2.3 Constant Market Share .....	93
<b>4.4 O comércio de carnes uruguaio.....</b>	<b>94</b>
4.4.1 Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas. ....	94
4.4.1.1 Vantagem Comparativa Revelada .....	96
4.4.1.2 Índice de Orientação Regional .....	97
4.4.1.3 Constant Market Share .....	98
4.4.2 Carnes de animais da espécie bovina, congeladas.....	99
4.4.2.1 Vantagem Comparativa Revelada .....	100
4.4.2.2 Índice de Orientação Regional .....	101
4.4.2.3 Constant Market Share .....	102
<b>4.5 Similaridades e diferenças do Mercosul nas exportações de carnes bovinas.....</b>	<b>103</b>
4.5.1 O comércio de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas.....	103
4.5.2 O comércio de carnes bovinas, congeladas. ....	107
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>

**REFERÊNCIAS .....113**  
**ANEXOS .....119**



## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização e definição do problema

Em 1991 com o Tratado de Assunção nasceu o Mercado Comum do Sul – MERCOSUL, fundado por quatro países da América do Sul: República Argentina, República Federativa do Brasil, República do Paraguai e República Oriental do Uruguai. A partir de então estes países passaram a partilhar valores que se exprimem em suas sociedades democráticas, pluralistas, defensoras das liberdades fundamentais, dos direitos humanos, da proteção do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável. Partilham também seu compromisso com a consolidação da democracia, com a segurança jurídica, com o combate à pobreza e com o desenvolvimento econômico e social com equidade. (MERCOSUL, 2010)

O objetivo primordial do MERCOSUL, definido no tratado de Assunção, é a integração dos quatro Estados Partes por meio da livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC), da adoção de uma política comercial comum, da coordenação de políticas macroeconômicas setoriais e a harmonização de legislação nas áreas pertinentes. (MERCOSUL, 2010)

Em 1994, por meio do Protocolo de Ouro Preto que alterou o Tratado de Assunção, foram adotados os instrumentos fundamentais de política comercial comum que caracterizava a união aduaneira. (MERCOSUL, 2010)

Deu-se início então a uma nova etapa para atingir um mercado único que gerasse maior crescimento para os Estados Partes. Essa nova etapa contou com o aproveitamento da especialização produtiva, das economias de escala, da complementação comercial.

O conceito de integração econômica começou a ser utilizado, em seu sentido atual após a Segunda Guerra Mundial. Atualmente quase todas as grandes economias mundiais, de alguma forma, estão envolvidas em processo de integração econômica, que podem trazer vantagens para as nações envolvidas no processo.

Embora haja dificuldade em definir qual a melhor estratégia de integração tanto multilateral, quanto regional têm-se vantagens e desvantagens.

Se num contexto multilateral os países menos desenvolvidos e menores podem ter menor poder de barganha e sair prejudicados nos acordos comerciais, por outro lado, num contexto regionalista, a criação de blocos econômicos diminuem a chance de um comércio internacional livre, sem a imposição de tarifas, gerando portanto, distorções nos preços e no mercado. (KANO, 2007, p. 62)

Essas formações de blocos mudaram a forma de competir dos países. As nações passaram a competir de forma global e a distância, antes como problema tornou-se mínima e em alguns casos deixou de ser importante.

No contexto do Mercosul, Argentina e Brasil surgem como os principais mercados do bloco. São as duas economias que mais se destacam tanto no PIB (Produto Interno Bruto), quanto nas exportações dos dois países. Entretanto a formação do bloco é importante para todas as nações que se tornam competidoras globais. As nações menores, Paraguai e Uruguai, são beneficiadas pelo comércio que surge intrabloco e extrabloco.

O sucesso de cada nação neste contexto está vinculado na capacidade de competir internacionalmente, quer seja pela capacidade tecnológica, pela inovação, sustentabilidade, especialização de suas exportações, estratégias governamentais, logística de distribuição, cadeia produtiva, participação de mercado e vantagem comparativa.

Embora a competitividade dessas nações seja baixa, quando analisados os principais relatórios sobre o assunto (WORLD ECONOMIC FORUM, 2010; IMD, 2011), a explicação pode se dar por meio de outras análises, por setores ou indústrias, fazendo-se neste caso análise de vantagens comparativas.

Teixeira, Carvalho e Feldman (2010) argumentam que no caso do Brasil há vantagens comparativas em relação às suas exportações dentre os quais há destaque para o setor de agronegócios e pecuária. Estes setores apresentam vantagem comparativa perceptível e dela deve desenvolver mecanismos competitivos a partir de seus *clusters*. O Brasil possui vantagens de recursos naturais que ajudaram a criar a expertise das empresas destes setores. As vantagens comparativas em *agribusiness* devem ser aproveitadas pelo que pode trazer em termos de volume e recursos para determinar uma posição competitiva mais favorável relacionada ao investimento em tecnologia e inovação (TEIXEIRA; CARVALHO; FELDMAN, 2010).

Semelhantemente as demais nações do Mercosul também se destacam na produção agroalimentar, inclusive dando posição de destaque ao bloco, nas exportações de carnes de animais da espécie bovina *in natura* (Tabela 1).

O grande destaque está nas exportações de carnes congeladas, do qual o bloco respondeu por 38,2% do comércio mundial no ano de 2010. Tendo o Brasil como maior exportador do Mercosul, respondendo por 25,6% das exportações de carnes bovinas congeladas.

Embora um pouco menor, mas ainda assim com valores substanciais está o comércio de carnes frescas ou refrigeradas, com uma participação de 10,79% das exportações mundiais em 2010.

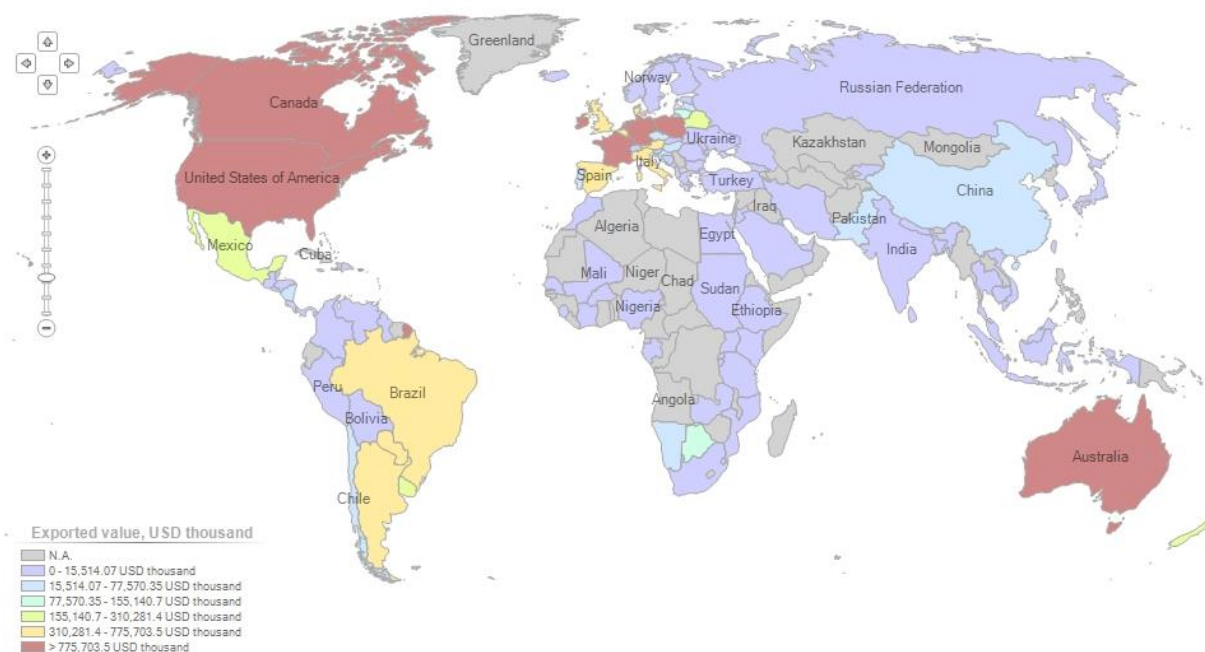
**Tabela 1- Exportações de carne bovina do Mercosul para o Mundo em milhões de dólares FOB em 2010.**

Exportadores	Carnes bovinas frescas ou refrigeradas		Carnes bovinas congeladas	
	Valor exportado	Market Share	Valor exportado	Market share
Mundo	18.081,00	100,00%	13.173,87	100,00%
Mercosul	1.951,41	10,79%	5.026,93	38,2%
Argentina*	692,97	3,83%	410,58	3,1%
Brasil	484,78	2,68%	3.376,28	25,6%
Paraguai	500,09	2,77%	379,96	2,9%
Uruguai	273,57	1,51%	860,11	6,5%

Fonte: Dados ITC calculado com base das estatísticas do COMTRADE. \*Dados informados pelos parceiros comerciais.

Para o grupo carnes bovinas frescas ou refrigeradas estes países, embora tenham participação importante no mercado mundial (Mapa 1) estão em colocações inferiores no total exportado em dólares FOB. A Argentina foi o 9º maior exportador dessa categoria, o Paraguai foi o 11º, seguido pelo Brasil, 12º, e o Uruguai o 18º. Como apresentado na Tabela 1, o *Market share* do Mercosul é de 10,79%, o que é um índice importante no contexto mundial.

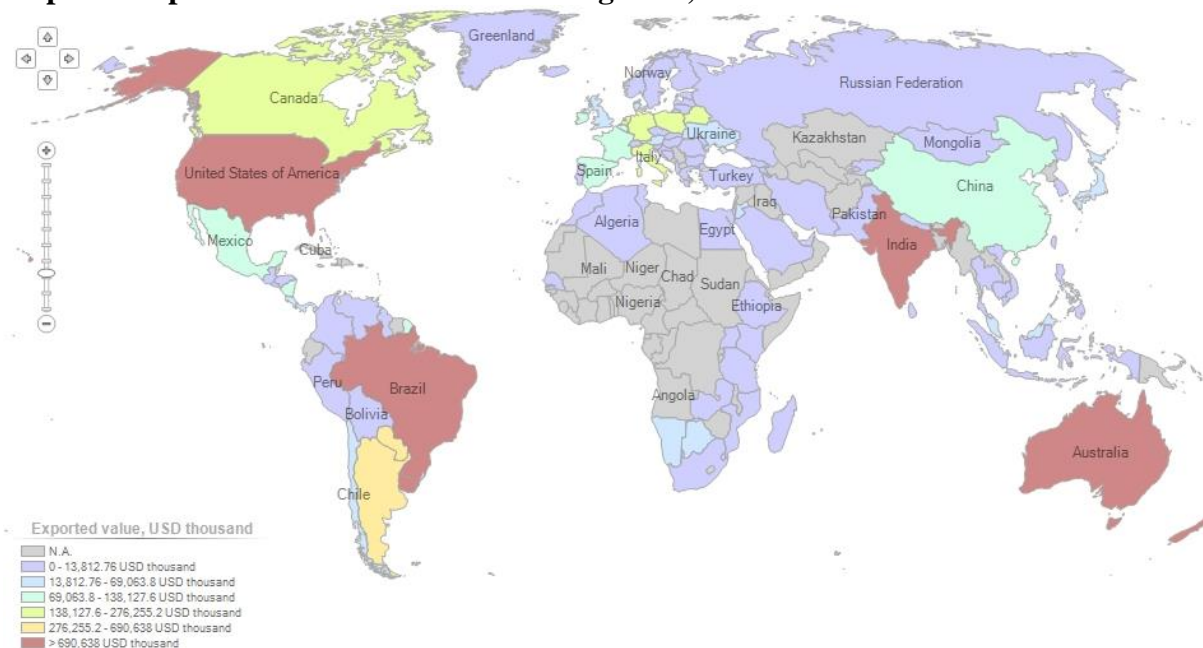
**Mapa 1 - Exportadores de carne bovina fresca ou refrigerada, 2010.**



Fonte: Elaborado pela ferramenta MAP do ITC com estatísticas do COMTRADE.

No *ranking* dos países que mais exportaram carnes bovinas congeladas no ano de 2010 estes países aparecem entre os oito maiores exportadores mundiais (Mapa 2), destaque para o Brasil que foi o maior exportador do mundo no mercado de carne bovina congelada. Os demais países do Mercosul, Uruguai, Argentina e Paraguai aparecem respectivamente na 5ª, 7ª e 8ª posição.

**Mapa 2 - Exportadores de carne bovina congelada, 2010.**



Fonte: Elaborado pela ferramenta MAP do ITC com estatísticas do COMTRADE.

As exportações de carnes dos países do Mercosul para outros mercados cresceram, principalmente pelo fator competitividade, durante o período de 1986-2004. (OLIVEIRA; FREITAS, 2005)

Esse crescimento que abriu o mercado para as importações de carne bovina pelos países da UE, parte vinda dos países do Mercosul podem estar vinculado a diversos fatores, dentre os quais a problemas sanitários em outros mercados como o mal da vaca louca (*Encefalopatia Espongiforme Bovina - BSE*) e surtos de febre aftosa que abalaram a confiança dos consumidores europeus na década de 90.

Os países do Mercosul souberam aproveitar as oportunidades e expandiram suas exportações para a União Europeia, Rússia e para os países da liga árabe.

Ainda que tenham aproveitado essas oportunidades, pouco ainda foi feito em relação aos programas de certificações ou de rastreabilidade do gado, que são importantes para a precificação do produto no comércio internacional. Em função disso esses países competem no mercado com produtos vendidos a preços mais baixos, exportando para mercados menos exigentes. (PROCÓPIO; CORONEL; LÍRIO, 2011)

Levando em consideração a importância das exportações de carne bovina por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, busca-se resposta numa abordagem quantitativa, com dados *ex-post* para saber: *Qual o desempenho competitivo do comércio de carnes bovinas dos países exportadores do Mercosul?*

Portanto, definiu-se a seguir os objetivos desta pesquisa.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

- Analisar o desempenho competitivo das exportações de carnes bovinas *in natura* dos países partes do Mercosul no período de 2001-2009.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Calcular o índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) para o comércio de carnes bovinas;
- Calcular o índice de orientação regional (IOR) das exportações para o comércio de carnes bovinas;
- Calcular o *Constant-Market-Share* (CMS) para o comércio de carnes bovinas;
- Discutir as similaridades da integração dos países do MERCOSUL nas exportações de carnes bovinas.

## **1.3 Relevância do Estudo**

A representatividade do Agronegócio e particularmente da pecuária de bovina, de corte tem grande relevância no volume total de exportações dos quatro países do Mercosul.

A proximidade dos quatro Estados Partes é importante para a manutenção do comércio destas nações. Embora, o Brasil seja extenso em toda a sua área e essas nações estejam nas fronteiras do sul do país e parte da fronteira no centro-oeste, casos como febre aftosa podem afetar a competitividade das exportações de carnes bovinas. É importante ressaltar problemas sanitários como surtos de febre aftosa em região de fronteira comprometem tanto a competitividade do país afetado, quanto ao país vizinho.

Embora existam muitos estudos sobre competitividade nacional (SMIT, 2010; PORTER, 1999; MARCHETTI, 2001; SILVA, 2009) ainda há muitas lacunas a serem preenchidas (MARCHETTI, 2001; SILVA, 2009), principalmente nas abordagens de competitividade no âmbito regional, decorrente da escassez de estudos sobre o Mercosul.

Especificamente sobre as exportações de carnes bovinas ainda há muito trabalho a se desenvolver sobre competitividade.

É também relevante a realização da pesquisa com utilização de dados com quatro dígitos do Sistema Harmonizado (SH), pois é um diferencial em relação a outros estudos, que geralmente fazem abordagem da somatória dos produtos exportados, ou seja, com apenas dois dígitos do SH.

Outra grande contribuição deste estudo está em conhecer como a integração destas nações contribui ou possa contribuir para o crescimento das exportações no setor estudado.

Considera-se também a importância do estudo que se insere na linha de pesquisa Agronegócios do Programa de Pós Graduação Mestrado em Administração – PPGMAD. Esta pesquisa somada a outros trabalhos já realizados contribuirá para o aprimoramento acadêmico no que diz respeito ao conhecimento científico de casos particulares do próprio Estado onde está localizado o PPGMAD.

#### **1.4 Estrutura da dissertação**

Este capítulo dedicou-se a explicar de forma geral o tema, o problema, os objetivos desta pesquisa. Os tópicos que seguem foram divididos em quatro outros capítulos. No capítulo dois explana-se o referencial teórico sobre a temática estudada, abordando: As teorias clássicas e neoclássicas do comércio, competitividade, integração econômica e o comércio de carnes bovinas no Mercosul e no mundo. No terceiro capítulo, procedimentos metodológicos explicam-se a estratégia adotada neste trabalho, bem como o método de abordagem, a origem dos dados e sua organização, modelos de análise, definições dos mercados de origem e de destino. No quarto capítulo expõem-se os resultados alcançados pela pesquisa. No quinto e último capítulo as conclusões que se obteve a partir desta pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 As Teorias do Comércio e Competitividade

Há dois motivos básicos para os países participarem do comércio e cada participante ganha com isso. Primeiro, os países são diferentes uns dos outros e por isso fazem comércio. Tanto nações, quanto indivíduos se beneficiam dessas diferenças chegando a um arranjo em que cada um produza as coisas que faz melhor em relação aos demais. Segundo, os países fazem comércio para obter economias de escala na produção. Em outras palavras, cada país produz uma quantidade limitada de bens, pode produzir cada um desses bens em uma escala maior e, portanto, com mais eficiência do que se tentasse produzir tudo. (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005)

#### 2.1.1 As Teorias Clássicas do Comércio

As teorias do comércio têm origem nas teorias clássicas das vantagens absolutas de Adam Smith e das Vantagens Comparativas de David Ricardo.

Adam Smith publicou em 1876 a obra *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua natureza e suas causas), nessa obra abordando a Teoria das Vantagens Absolutas.

Na concepção de Smith um país pode melhorar sua prosperidade se há especialização na produção de bens e serviços em que ele tem uma vantagem de custo absoluto sobre outros países e as importações desses bens e serviços em que ele tem uma desvantagem de custo absoluto. Esta teoria explica por que os países, através de importações, poderão aumentar seu bem-estar, simultaneamente, vendendo bens e serviços nos mercados internacionais. (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005)

Adam Smith, assim, via o comércio como um jogo de soma positiva. Isso foi em contraste direto com o ponto de vista dos mercantilistas do Século XVI em que o comércio era um jogo de soma zero. Eles acreditavam que se os países queriam tornar-se ricos e poderosos deviam exportar mais e restringir as importações ao mínimo. Tal política resultaria em um influxo de ouro e prata que tornaria o país rico. Defendiam o controle governamental estrito, e pregavam o nacionalismo econômico (SALVATORE, 2002, apud SMIT, 2010).

Entretanto, nenhuma nação pode conseguir saldo positivo em exportações em todas as suas indústrias. Caso tente-se manter o equilíbrio, que não é a meta adequada, o padrão de vida nacional será baixado. (PORTER, 1989, p. 692)

A teoria da vantagem absoluta tornou-se um paradoxo, no sentido de que um país que tinha uma vantagem absoluta em todos os produtos ou serviços que ela produz não iria importar, pois poderia produzir mais eficientemente esse produto ou serviço. Este paradoxo de que a vantagem de custo absoluto leva à especialização, mas que essa especialização pode não necessariamente levar a ganhos do comércio deu origem à teoria da vantagem comparativa de David Ricardo.

Para Ricardo ter alta produtividade em um setor, em comparação com os estrangeiros, não basta para assegurar que um país exportará os produtos daquele setor; a produtividade relativa deve ser alta em comparação com produtividade relativa dos outros setores. (KRUGMAN; OBSTFELD, 2010)

A Teoria de Smith foi aprimorada por David Ricardo que considerava que não era o princípio da vantagem absoluta que determina a direção e a possibilidade de se beneficiar do comércio, mas sim as vantagens comparativas. Na visão de Ricardo os países deveriam competir, ao permitir que as forças de mercado alocassem recursos nas indústrias em que eles fossem relativamente mais produtivos. Nações que não possuem vantagens absolutas também podem ganhar, na teoria das vantagens comparativas.

O modelo ricardiano tinha o enfoque de que o comércio internacional se deve somente a diferenças internacionais na produtividade do trabalho (KRUGMAN; OBSTFELD, 2010)

Em sua visão, as trocas internacionais seriam vantajosas mesmo em uma situação em que um determinado país tivesse maior produtividade que o outro na produção de todas as mercadorias. (RICARDO, 1996)

De acordo com a lei da Vantagem Comparativa um país deve especializar-se naqueles produtos que ela pode produzir relativamente com mais eficiência do que outros países (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005). Isto implica que, apesar de desvantagens de custo absoluto na produção de bens e serviços, um país ainda pode exportar esses bens e serviços em que as suas desvantagens absolutas são menores e importar produtos com a maior desvantagem absoluta. Isso também implica que um país com vantagens de custo absoluto em todos os seus produtos vai se especializar e exportar esses produtos onde a vantagem absoluta é maior, e importar produtos com menores vantagens absolutas.

A competitividade era avaliada com as estatísticas dos fatores de produção: terra, capital, recursos naturais e de trabalho. Essa teoria ainda é válida hoje, entretanto os



economistas mais tarde reconheceram que era incompleta e que os fatos em relação à produção por si só não pode explicar tudo (PORTER, 1989; GARELLI, 2011). Algumas nações podem ser ricas em ativos: terras, pessoas e recursos naturais, o que não indica que são competitivas. Este pode ser o caso do Brasil, Índia e Rússia. Outras nações como Cingapura, Japão e Suíça são pobres em recursos naturais e têm contado essencialmente em processos de transformação. Em geral, as últimas nações são mais competitivas do que as anteriores (GARELLI, 2011). Mas as nações podem gerenciar seus ambientes competitivos, confiando mais pesadamente em ativos ou em processos.

### 2.1.2 As Teorias Neoclássicas do Comércio

A teoria do comércio foi revolucionada com a teoria das proporções de fatores de Eli Hecksher e Bertil Ohlin, também conhecida como modelo de Heckscher-Ohlin (HO). Segundo Krugman e Obstfeld (2010) o modelo HO é uma das idéias mais influentes em economia internacional e tem sido objeto de frequentes testes empíricos.

Essa teoria se diferencia do modelo de Ricardo por fazer distinção entre o comércio internacional e o comércio regional e na identificação dos fatores que determinam a existência de vantagens comparativas (KRUGMAN; OBSTEFELD, 2005).

O Teorema de Heckscher-Ohlin define em resumo que cada nação exportará a *commodity* intensiva em seu fator abundante de produção e importará a *commodity* que exija a utilização do seu fator escasso e maior custo de produção. (SALVATORE, 1999; WILLIAMSON, 1998; apud CORONEL, 2008)

“Um país que possua grande oferta de um recurso, superior à de outros recursos, é abundante naquele recurso. Esse país tenderá a produzir mais bens que utilizem intensivamente tal recurso abundante” (KRUGMAN; OBSTFELD, 2010, p. 61). O resultado é a teoria básica do comércio de Heckscher-Ohlin: os países tendem a exportar bens intensivos nos fatores cuja oferta é abundante.

A teoria HO, de fato, só pode explicar os padrões gerais de vantagem comparativa, por exemplo, de capital em relação ao trabalho e exportações intensivos. Para entender vantagem comparativa a nível específico de uma *commodity*, é preciso re-centrar a idéia de custo de oportunidade, aproximando-a um quadro decisório produtivo. A decisão de produção para selecionar uma forma de empresa ou outra é apenas parcialmente com base na abundância e fator de custo de fatores. Fatores sociais, como a história, meio ambiente, clima, infra-

estrutura disponível, bem como o risco relativo e preços esperados, também influenciam produtor de tomada de decisão. (LEISHMAN; MENKHAUS; WHIPPLE, 1999)

Segundo Kenen (1998<sup>1</sup>, apud DALTO, 2004) na teoria H-O as diferenças de custos de uma nação para outra são consequência de outros fatores, como:

- a) Custo dos insumos: pois as matérias-primas se encontram distribuídas de forma diferente em relação a outros países;
- b) As mercadorias são compostas de fatores de produção (natureza, trabalho, capital), em proporções diferenciadas;
- c) Existem dificuldades, relativas principalmente às leis de imigração, para a transferência de mão-de-obra de uma nação para outra, ocasionando diferenças salariais entre as nações; e,
- d) Existem dificuldades, principalmente relacionadas a confiscos, na transferência de fatores de produção (tecnologia, equipamentos, entre outros) de um país para outro.

Krugman e Obstfeld (2010) fazem ressalva de que o modelo de Heckscher-Ohlin é extremamente útil, sobretudo quando se quer analisar os efeitos do comércio sobre a distribuição de renda.

São inconclusivas as constatações empíricas quanto ao modelo de Heckscher-Ohlin, entretanto a maioria dos pesquisadores não acreditam que a diferença de recursos, isoladamente, possa explicar o padrão do comércio mundial ou o padrão dos preços de fatores. As substanciais diferenças de tecnologia entre os países devem ser levado em conta. (KRUGMAN; OBSTFELD, 2010)

## 2.2 Competitividade

O conceito de competitividade não é recente e as suas origens remontam há mais de três séculos com as teorias do comércio (BENZAQUEN, *et al.*, 2010; GARELLI, 2011), conforme apresentado na figura 1. Embora a definição de empresa competitiva seja nítida (BENZAQUEN, *et al.*, 2010), ainda é obscura a idéia de nação competitiva (PORTER, 1999) e nem a forma de medi-la (BENZAQUEN, *et al.*, 2010).

Alguns argumentos surgiram de que a competitividade é um fenômeno macroeconômico, alcançada por taxa de câmbio, taxas de juros e déficits governamentais. Outros argumentos de competitividade se concentram em afirmar que a mão-de-obra barata e abundante é fator de competitividade. (PORTER, 1999)

---

<sup>1</sup> KENEN, Peter B. **Economia internacional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

No quadro 1 são apresentadas diversas definições de competitividade elaboradas por instituições importantes no contexto internacional.

**Quadro 1 - Definições de competitividade.**

<b>Definição de competitividade</b>	<b>Fonte</b>
Um campo de conhecimento econômico, que analisa os fatos e as políticas que moldam a capacidade de uma nação para criar e manter um ambiente que sustenta a criação de mais valor para suas empresas e mais prosperidade para seu povo.	IMD's World Competitiveness Yearbook, 2003
O conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país.	World Economic Forum, Global Competitiveness Report, 2004-2005.
Competitividade é relativa e não absoluta. Depende de acionista e valores dos clientes, da força financeira que determina a capacidade de agir e reagir dentro do ambiente competitivo e do potencial das pessoas e da tecnologia na implementação das mudanças estratégicas necessárias. Competitividade só pode ser sustentada se é mantido um equilíbrio adequado entre esses fatores que podem ser de natureza conflitante.	Feurer, R. and K. Chaharbaghi, "Defining Competitiveness: A Holistic Approach," Management Decision, 1994, Vol. 32, No. 2, pg. 58.
Uma empresa é competitiva se ela pode produzir produtos e serviços de qualidade superior e custos mais baixos do que seus concorrentes nacionais e internacionais. Competitividade é sinônimo de desempenho de lucro de longo prazo de uma empresa, e sua capacidade de remunerar seus funcionários e fornecer retornos superiores para seus proprietários	Report of the Select Committee of the House of Lords on Overseas Trade, 1985
A capacidade imediata e futura de, e as oportunidades para, empresários em todo o mundo para projetar produtos cujo preço e não preço qualidades formam um pacote mais atraente do que os dos concorrentes estrangeiros e nacionais.	European Management Produce and Market (also used for defining Competitiveness of Enterprises in the World Competitiveness Report, 1991, IMD and World Economic Forum)
Competitividade nacional refere-se à capacidade de um país para criar, produzir, distribuir produtos ou serviços no comércio internacional ao ganhar retornos crescentes de seus recursos.	Scott, B. R. and Lodge, G. C., US Competitiveness in the World Economy, 1985, pg. 3
Competitividade inclui tanto eficiência (atingir metas ao menor custo possível) como eficácia (tendo os objetivos certos). É esta escolha de metas industrial é crucial. Competitividade inclui tanto os fins e os meios para esses fins.	Buckley, P. J. et al, "Measures of International Competitiveness: A Critical Survey," Journal of Marketing Management 4.2, 1988, pg. 195.
Competitividade implica elementos de produtividade, eficiência e rentabilidade. Mas não é um fim em si ou um alvo. É um meio poderoso para alcançar a aumentar os padrões de vida e aumentando o bem-estar social - uma ferramenta para alcançar metas. Globalmente, aumentando a produtividade e eficiência no contexto da especialização internacional, a competitividade fornece a base para aumentar os ganhos das pessoas de uma forma não-inflacionária.	Competitiveness Advisory Group, (Ciampi Group). "Enhancing European Competitiveness". First report to the President of the Commission, the Prime Ministers and the Heads of State, June 1995.
Competitividade deve ser encarada como um meio fundamental para elevar o padrão de vida, proporcionar empregos para os desempregados e erradicar a pobreza.	Competitiveness Advisory Group, (Ciampi Group). "Enhancing European Competitiveness". Second Report to the President of the Commission, the Prime Ministers and the Heads of State, December 1995.
Competitividade é o grau em que uma nação pode, em condições claras de comércio e mercado livre, produzir bens e serviços que satisfaçam o teste dos mercados internacionais e, simultaneamente, manter e expandir a renda real dos seus cidadãos.	OECD, Technology and the Economy: The Key Relationships, 1992, pg. 237.
Competitividade industrial é a capacidade de uma empresa	US Department of Energy.

ou indústria para enfrentar os desafios colocados por concorrentes estrangeiros.	
A capacidade de produzir bens e serviços que atendam os testes dos mercados internacionais, enquanto cidadãos ganhar um padrão de vida que é ao mesmo tempo crescente e sustentável em longo prazo.	The First Report to the President and Congress, 1992. US Competitiveness Policy Council.
Apoiar a capacidade das empresas, indústrias, regiões, nações ou regiões supranacionais para gerar, ao ser e permanecer expostos à concorrência internacional, fatores relativos de renda alta e os níveis de fatores de emprego.	OECD, Industrial Competitiveness: Benchmarking Business Environments in the Global Economy, 1996.

Fonte: Adaptado de Garelli (2011)

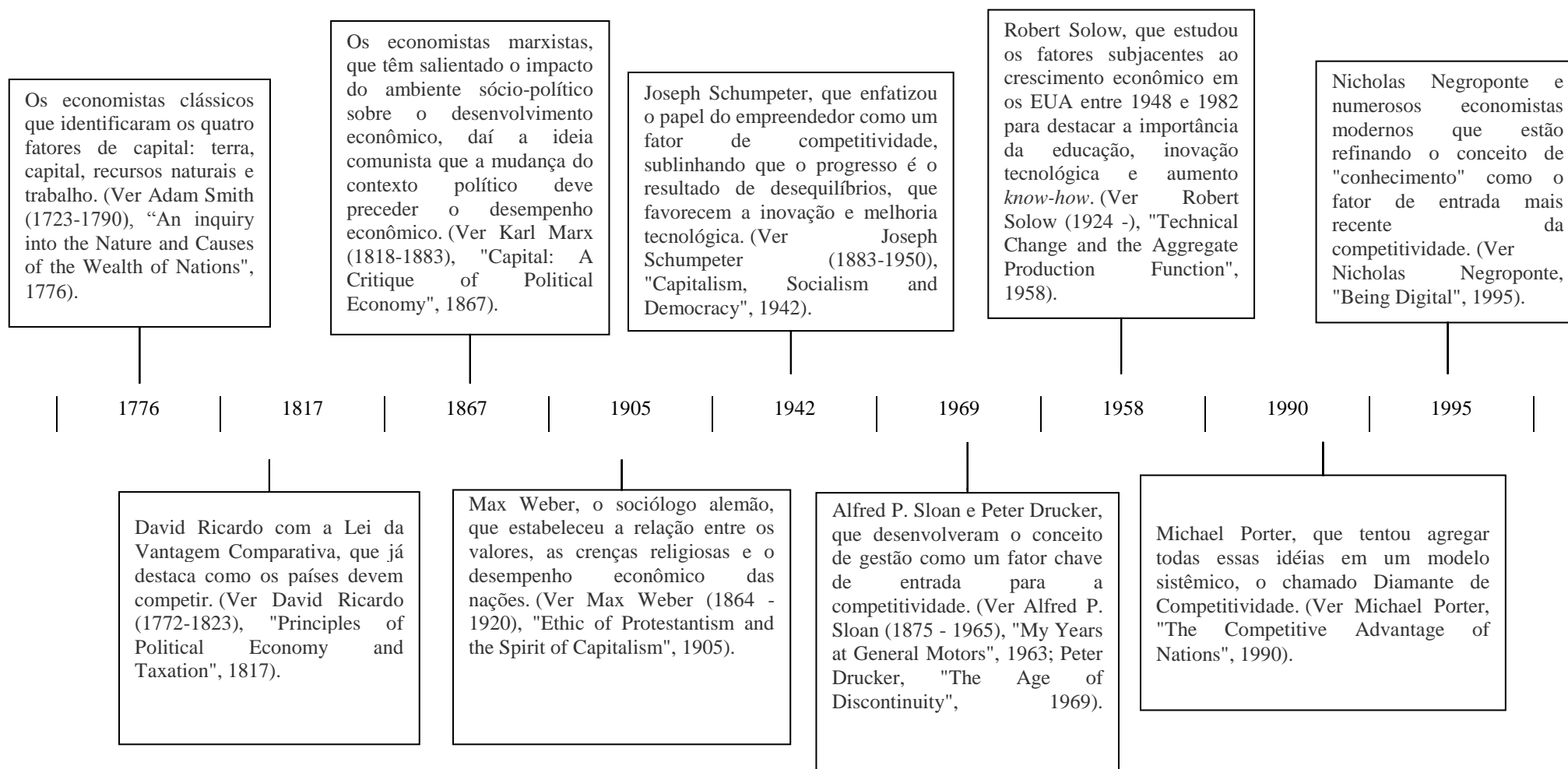
Outra grande contribuição para as teorias competitivas foram dadas por Schumpeter, que defendia a inovação para que ocorresse o desenvolvimento. Para Schumpeter (1961, p. 93) o desenvolvimento se define como o levar avante novas combinações que abrangem:

1. A aceitação de um novo bem – ou seja, de um bem com o qual o consumidor não esteja ainda familiarizado – ou de nova qualidade de um bem;
2. A adoção de um novo método de produção, isto é: aquele que não comprovado pela experiência no ramo da indústria a que está ligado, o qual não precisa absolutamente basear-se numa descoberta cientificamente recente e pode também consistir em uma nova maneira de tratar comercialmente uma utilidade.
3. A abertura de um novo mercado, quer dizer: um mercado onde ainda não houvesse penetrado o ramo específico da indústria do país em jogo, quer este mercado existisse ou não anteriormente.
4. A conquista de nova fonte de suprimento das matérias-primas ou produtos semi-industrializados, também sem levar em conta, se esta fonte já existe, ou primeiro precisa ser criada.
5. A execução de uma nova organização de qualquer indústria, qual a instauração de um sistema de monopólio (por exemplo: através da “trustificação”), ou do colapso da situação monopolista.

“O realizar novas combinações significa, portanto, simplesmente o emprego diferente dos suprimentos de meios produtivos existentes no sistema econômico [...]” (SCHUMPETER, 1961, p. 95)

Robert Solow, economista do MIT e vencedor do Prêmio Nobel, estudou os fatores de crescimento que levou a economia dos EUA entre 1948 e 1982. Seu trabalho destacou a importância fundamental da inovação tecnológica e aumento know-how em uma economia.

**Figura 1 - Evolução histórica dos conceitos de competitividade.**



Fonte: adaptado de Garelli (2011).

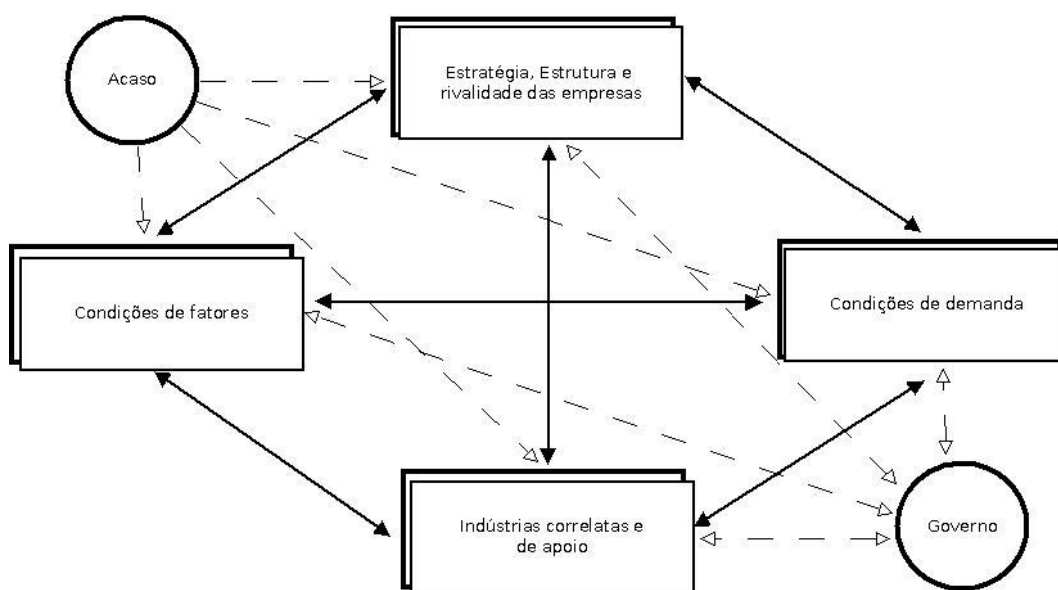
Michael Porter, da Harvard University, em seu livro "A Competitividade das Nações", propõe o uso de uma "abordagem do diamante", que ilustra a relação sistêmica entre os fatores de competitividade. Estudiosos recentes enfatizam o "conhecimento" como um fator de entrada cada vez mais importante para a competitividade. (GARELLI, 2002; GARELLI, 2011)

### 2.2.3 Competitividade e Comércio Internacional.

Para caracterizar a competitividade de uma indústria em particular, como o setor de alimentos é significativo a consideração de referências da teoria econômica, e, conseqüentemente, as fontes do conceito de competitividade. As principais teorias de referências para a competitividade baseiam-se em vantagem comparativa e vantagem competitiva. (BANTERLE, 2009)

Quando se trata das teorias das vantagens competitivas, o autor mais citado é Michael E. Porter. A obra A Vantagem Competitiva das Nações (PORTER, 1989) trata dos quatro determinantes amplos da vantagem nacional, ou Diamante de Porter (Figura 2) que são: (1) estratégia, estrutura e rivalidade das empresas; (2) condições de fatores; (3) condições de demanda; (4) indústrias correlatas e de apoio. Estes quatro determinantes também são conhecidos como o Diamante de Porter.

**Figura 2 - Os quatro determinantes amplos da vantagem nacional.**



Fonte: Porter (1989).

Estes quatro determinantes, segundo Porter podem ser influenciados pelo Governo ou pelo acaso.

Em livros de negócios internacionais, a teoria do Diamante de Porter é discutida em conjunto com as teorias de comércio. Isso cria a impressão de que se trata de teorias concorrentes, enquanto na verdade ela é um *framework* de gestão. As teorias do comércio ampliam a compreensão de como os países se beneficiam do comércio, tendo este como um jogo de soma positiva. Isto não implica que o país deve ter uma vantagem absoluta ou competitiva sobre seus rivais. No entanto, os benefícios que uma empresa deriva da concorrência (ou a competitividade internacional) não dependem da capacidade das empresas para ter uma vantagem competitiva sobre os rivais, neste caso tendo a vantagem competitiva como um jogo de soma zero (SMIT, 2010). Nenhum país é capaz de competir em todos e nem mesmo na maioria dos setores (PORTER, 1999).

Porter (1999) afirma que a rentabilidade divulgada muitas vezes é enganosa para análise da vantagem competitiva nacional. Os melhores indicadores para se avaliar a vantagem competitiva é a existência de exportações substanciais e sustentadas para uma vasta gama de outros países e/ou investimentos externos significativos, com base em habilidades e em ativos gerados internamente.

O aumento nas exportações resulta em ganhos para o país, os quais, por si só, não determinam que este seja competitivo em dado setor. Assim, é necessário verificar os fatores que influenciaram o comportamento das exportações, para verificar se o país tem sido competitivo no mercado internacional. (MACHADO et al., 2006, p. 196)

É competitivo o setor de um país que apresente vantagem competitiva em relação aos melhores competidores do mundo. (PORTER, 1999)

Para Porter (1999) o único conceito significativo de competitividade a nível nacional é a produtividade. Um país tem como objetivo principal proporcionar um padrão de vida elevado e crescente para os cidadãos. Portanto, para se atingir esses objetivos a capacidade produtiva é fundamental. A produtividade depende tanto da qualidade e das características dos produtos (determinantes do preço) como da eficiência que são produzidos.

O comércio internacional e os investimentos externos podem melhorar ou ameaçar a produtividade nacional. “eles a fortalecem ao permitir que os países se especializem naqueles setores segmentos nos quais suas empresas são mais produtivas e ao importar nos casos em que é menor a produtividade” (PORTER, 1999, p. 172).

Porter (1999) propõe que a teoria da vantagem competitiva deve ir além da vantagem comparativa. Deve refletir o conceito fecundo de competição, que inclui mercados segmentados, produtos diferenciados, diversidades tecnológicas e economias de escala. Não deve estar limitada ao aspecto de custo, mas deve explicar por que as empresas de alguns

países são melhores que outras na geração de vantagens baseadas na qualidade, características e na inovação de produtos.

Entretanto Smit (2010) critica o modelo de Porter por não explicar casos como o da indústria indiana de *software*. Embora corrobore com Porter (1989) de que o simples fato de que um país tenha uma vantagem comparativa em uma indústria não implica que aquela firma ou indústria seja internacionalmente competitiva, também não implica que o país seja internacionalmente competitivo.

A competitividade da indústria de *software* indiana, segundo Smit (2010), pode ser explicada pela teoria da vantagem comparativa. Na abordagem do diamante de Porter para a Índia, além da condição dos fatores, todos os outros aspectos são relativamente fracos em relação ao diamante dos EUA.

#### 2.2.4 Competitividade nacional, globalização e integração econômica

No período recente, entretanto, os analistas regionais têm se preocupado com questões inerentes ao comércio internacional devido, dentre outros fatores, ao processo de globalização e à hipótese de que o crescimento de uma região está diretamente relacionado com a sua habilidade em competir no mercado internacional. (PEROBELLI; HADDAD, 2006)

Para Porter (1999) os países são importantes para o crescimento da competição global. A vantagem competitiva é gerada e sustentada através de um processo altamente localizado.

A cultura e as fronteiras nacionais são importantes e moldam as instituições nacionais e influenciam os valores e caráter da economia. Os valores e culturas nacionais, desde o idioma, política, as estruturas econômicas, as instituições e a história são fatores que contribuem para o êxito competitivo (PORTER, 1999). Empiricamente, de acordo com Rangan (2006, p. 249), “o idioma e as fronteiras nacionais aparecem como determinantes importantes e grandes do comércio e dos investimentos internacionais”.

Porter (1989) afirma que os países têm êxitos em indústrias onde as vantagens locais são valiosas em outros países e onde suas inovações e melhorias antecipam as necessidades internacionais. O sucesso na competição internacional exige que suas posições internas sejam traduzidas em posições externas. Isso permite que as estratégias sejam aumentadas e reforçadas por uma estratégia global.

A economia da globalidade é composta por empresas com operações internacionais. Assume-se que a produção não precisa necessariamente estar perto do usuário



final, e beneficia de vantagens comparativas dos mercados em todo o mundo, especialmente no que diz respeito aos custos operacionais. (GARELLI, 2011).

A proporção entre essas duas economias da prosperidade nacional varia com o tamanho e o desenvolvimento econômico de um país. Em média, pode-se supor que dois terços do PIB na Europa Ocidental são gerados pela economia de proximidade e o restante de um terço da economia da globalidade. Países menores são muito mais dependentes de uma economia da global. Países maiores, como os Estados Unidos, ainda contam com seus enormes mercados nacionais, embora a tendência para a globalização esteja aumentando. (GARELLI, 2011)

Nos últimos 25 anos, a economia da globalidade tem crescido enormemente, por vezes, invadindo o território da economia de proximidade (com medidas como a abertura das barreiras comerciais, acordos de comércio, integração regional, privatização e desregulamentação). Uma consequência importante da globalização é que ela exerce uma forte pressão sobre margens de preços, e de salários. Nações com elevados padrões de vida doméstica e os custos operacionais, tais como Alemanha e Suíça, estão passando por um processo de dura adaptação. Outros países como Grã-Bretanha, Chile e Cingapura, têm desenvolvido a globalização de suas economias. (GARELLI, 2011)

Entretanto os grandes países da periferia precisam ser cautelosos, não alimentando demasiadas esperanças na globalização, colocando-a simplesmente como uma importante perspectiva e não como o centro de suas políticas. Cabe aos países periféricos focar sua atenção na criação de instituições domésticas sólidas e projetos realísticos de desenvolvimento. Portanto é necessário reconstruir o conceito de Estado nacional capaz do exercício maduro de sua soberania, informada simultaneamente por uma noção de identidade pelas circunstâncias do mercado global. (DUPAS, 2003)

Essas circunstâncias e a condição para fazer da inserção internacional também uma fonte de ganhos de competitividade e graus de liberdade para o desenvolvimento econômico e não apenas um fator determinante de aumento do desemprego e de instabilidade exige cada vez mais a tomada de consciência do caráter específico de cada país e da necessidade de manter a mobilização em torno de uma concepção de projeto nacional viável, acoplado a um discurso político que possa ser entendido pela população. Abandoná-lo, imaginando que os cidadãos se conformarão a estarem entregues unicamente à liberdade negativa das forças do mercado, e que estas darão conta do crescimento equilibrado do país, significa um sério risco de retrocesso econômico e institucional. (DUPAS, 2003, p.292)

Para Cardoso e Faletto (1970) somente se alcançaria a justiça social com o desenvolvimento do capitalismo e da civilização tecnológica. De acordo com estes autores os países estão interligados através de investimentos industriais e as empresas estrangeiras têm uma participação importante no desenvolvimento da América Latina. Consideram que tanto o

fluxo de capitais quanto o controle das decisões econômicas passam pelo exterior. As decisões de investimento também dependem parcialmente de decisões e pressões externas. As multinacionais dominam os setores-chave da economia.

Por outro lado em contradição a Cardoso e Faletto (1970), Dupas (2003) afirma que o discurso hegemônico estruturado para garantir a abertura econômica que traria um surto de crescimento e melhor distribuição de renda para os grandes países periféricos, estava equivocado. Os problemas dos cidadãos, que continuam gerando demandas locais, distanciam cada vez mais da possibilidade de ação dos mecanismos públicos, gerando perda de capacidade reguladora dos Estados Nacionais, o que torna a situação mais complexa.

Uma nova forma de desenvolvimento é encontrada com a transformação em doutrina, da crença no mercado livre, que só tornou realidade na década de 80. (DUPAS, 2003)

Ela apareceu como racionalização do discurso hegemônico em busca de mercados globais e operações progressivamente transnacionais viabilizadas pelas tecnologias da informação. Além das vantagens inerentes aos países centrais e suas corporações mais eficientes, havia igualmente elementos de convicção nessa pregação que pareciam poder garantir crescimento também aos países mais pobres. No famoso Consenso de Washington, suas dez normas a serem aplicadas à América Latina foram adotadas no pressuposto de garantirem uma fase de crescimento auto-sustentado baseado no fluxo livre de comércio e de capitais. (DUPAS, 2003, p. 288)

Para Brandão (2007<sup>2</sup>, citado por BRANDÃO, 2008, p. 75), resta, tão-somente, “integrar-se complementarmente à economia do polo dinâmico da acumulação, submetendo-se e enquadrando-se a uma hierarquia comandada por aquele centro do processo de decisões atinentes à acumulação de capital”. Integrar-se implica, desde então, inserir-se profundamente em algo maior (BRANDÃO, 2008, p. 69).

A integração reafirma o fosso de desenvolvimento das forças produtivas entre as regiões, explicitando uma “questão regional”. Ao evidenciar os descompassos e as assimetrias da dinâmica de transformação nos espaços regionais, a criação de um “mercado interno” expõe os “desequilíbrios” regionais a forças desintegradoras, capaz de criar uma densidade social para a reivindicação de políticas compensatórias. (BRANDÃO, 2007<sup>2</sup>, citado por BRANDÃO, 2008, p. 75)

As estratégias de integração contribuem para o crescimento comercial entre os países parceiros (AZEVEDO; PORTUGAL; BARCELLOS NETO, 2006), mesmo que nesse processo envolva países com diferenças econômicas expressivas, como no caso do MERCOSUL, em que a integração de países como Uruguai e Paraguai apresenta como objetivo a ascensão direta a mercados externos de enorme tamanho comparativo. O alcance destes países tem baixo risco relativo, sua produção interna dificilmente será afetada de forma negativa pela integração. (FIGUEIRAS, 1996)

---

<sup>2</sup> BRANDÃO, L. A. G. A. Distribuição de Poder no Cone Sul: abordagem realista dos desafios e oportunidades à integração regional. In: **Congresso Ibero-americano de Relações Internacionais**. Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2007.

Há autores que apontam que as semelhanças econômicas contribuem para a coalizão entre os estados que possuem certas similaridades, sendo este o caso do Brasil, Índia e África do Sul (OLIVEIRA; ONUKI; OLIVEIRA, 2006).

A formulação de que esses países de porte médio são tendencialmente mais coletivistas ou multilateralistas do que países de outros portes não encontra assento nas evidências empíricas. Contudo, em particular a partir da observação do comportamento da Índia e do Brasil, pode-se defender a tese de que tais países têm maior propensão a arcar com os custos do empreendimento político da formação dessas mesmas coalizões. É esta propensão diferenciada, a ser analisada em pesquisas empíricas mais calibradas, e não outra razão, que confere especificidade ao que se vem atribuindo à categoria de países intermediários. (OLIVEIRA; ONUKI; OLIVEIRA, 2006, p. 496)

Schmitter (2010) afirma que a integração ocorre não com a similaridade entre as nações, mas com suas diferenças. Para este autor a integração ocorreu com muito mais sucesso entre a União Europeia do que com países que possuem traços culturais semelhantes como o idioma e religião. Ele aponta que as diferenças entre os países da União Europeia contribuíram para o sucesso da integração, muito mais que os países árabes e os países da América Latina. Supõe que se qualquer região transnacional quiser tornar-se integrada deverá aprender a partir do modelo europeu e segui-lo. Aponta doze lições a partir da experiência europeia, para integração:

1. A integração regional é um processo e não um produto.
2. A integração regional tem que começar em algum lugar e, nas condições contemporâneas, o melhor lugar para isso é numa área funcional com visibilidade política relativamente baixa, área essa com que aparentemente se pode lidar em separado e que pode gerar benefícios significativos para todos os participantes.
3. A integração regional é dirigida pela convergência de interesses, e não pela formação de uma identidade. Alguns dos conjuntos de Estados nacionais que mais compartilham em termos de idioma, religião, cultura e experiência histórica foram os que tiveram menos sucesso na criação e desenvolvimento de organizações de integração regional; por exemplo, o Oriente Médio, as Áfricas do Norte, Ocidental e Oriental, a América Central e a do Sul. Ironicamente, foi a Europa – com seus múltiplos idiomas, culturas nacionais firmemente estabelecidas e uma terrível experiência de conflitos armados – a que mais avançou, embora seja importante observar que o processo de sua integração regional tenha se tornado cada vez mais controverso e ninguém tenha sido capaz de discernir onde, quando e com quem ele acabará. Quando nada, a União Europeia demonstra que foi possível “fazer a Europa sem europeus”. Frustraram-se aqueles que previam que o esforço combinado para resolver problemas concretos, o

aumento da interdependência econômica ou a comunicação social mais fácil através das fronteiras nacionais, produziriam um declínio das identidades nacionais e uma mudança de lealdades. [...] os europeus sabem, compreendem e aceitam que muitos de seus interesses só podem ser satisfeitos por processos que transcendem as fronteiras nacionais.

4. A integração regional pode ser pacífica e voluntária, mas não é linear nem isenta de conflitos.
5. A integração regional deve começar com um pequeno número de Estados membros, mas deve desde o começo anunciar que está aberta a adesões futuras.
6. A integração regional envolve inevitavelmente Estados nacionais de tamanho e recursos de poder muito diferentes. Como é um processo voluntário, os membros maiores e mais poderosos não podem simplesmente impor sua vontade. Eles têm que respeitar os direitos e a presença das unidades menores e mais fracas. No mínimo, isso implica firmes garantias sobre a continuação da existência deles, isto é, que o processo de integração não fará com que sejam “amalgamados” nos maiores.  
 “Deve haver uma garantia implícita ou explícita de que a integração regional não significa assimilação dos membros pequenos pelos maiores, ou dos menos desenvolvidos pelos mais desenvolvidos. O contrário é verdadeiro: a integração é muitas vezes a melhor garantia de sobrevivência para os Estados pequenos ou menos desenvolvidos. O melhor resultado imaginável é a “convergência”, onde os membros mais fracos em desempenho econômico e político se descobrem crescendo rapidamente e tornando-se mais seguros relativamente àqueles [...]”
7. A integração regional, porém, requer liderança, isto é, atores que sejam capazes de tomar iniciativas e estejam dispostos a pagar uma parte desproporcional dos custos delas.
8. A integração regional requer um secretariado com poderes supranacionais limitados, mas potenciais.
9. A integração regional requer que os Estados membros sejam democráticos. Este é um fator que todas as teorias da integração europeia supõem. Também era suposto pelos primeiros proponentes até que, no início da década de 1960, a Espanha de Franco solicitou ingresso como membro da Comunidade Econômica Europeia, o que fez com que explicitamente se estipulasse que a “democracia doméstica” era um pré-requisito para o ingresso na organização.

10. A integração regional parece possível com membros que estão em diferentes níveis de desenvolvimento e de riqueza per capita. No começo, na Comunidade Econômica Europeia, apenas a Itália era marcadamente mais pobre e menos desenvolvida. A subsequente incorporação de Irlanda, Grécia, Portugal e Espanha reconfirmou a capacidade de a União Europeia não só acomodar essa óbvia fonte de tensão, mas também reagir a ela. Através de uma combinação de políticas – *der-rogações* seletivas na entrada, fundos regionais e estruturais, subsídios agrícolas, além da pura dinâmica de mercados competitivos mais amplos –, ela promoveu um padrão que poderia ser chamado de “convergência ascendente”.
11. A integração regional é basicamente um processo endógeno, mas pode ser vulnerável a forças exógenas de modo crítico, especialmente em seus estágios iniciais. Uma vez que um subconjunto de Estados nacionais concorda em criar uma “região”, aceitando certas obrigações mútuas, e adotando uma organização comum de poderes específicos, seu sucesso ou fracasso ulterior é primeiramente uma questão de trocas entre esses Estados membros, e depois da influência de atores não estatais dentro de suas fronteiras e cada vez mais através delas. Obviamente, quanto mais poderes os Estados membros delegarem à organização regional, mais importante será o papel de suas lideranças e de sua administração. A experiência europeia, contudo, sugere que, em seus estágios iniciais, a integração regional pode depender muito de poderes externos.
12. A integração regional, pelo menos até que esteja bem-establishada, é consumidora e não produtora de segurança internacional.

Para Schmitter (2010) aumentar os fluxos de comércio, encorajar contatos entre elites, tornar mais fácil a comunicação entre as pessoas ou o encontro entre fronteiras, promover símbolos de identidade comum pode tornar mais provável que a integração venha a ocorrer, mas nenhuma delas fazem isso “pra valer”.

Para Schmitter (2010, p. 12), segundo a teoria neofuncionalista,

[...] a integração regional é um processo intrinsecamente esporádico e conflituoso, mas que, em condições de representação democrática e pluralista, envolve cada vez mais os governos nacionais em pressões regionais e termina por resolver os conflitos entre esses governos pela concessão de maior alcance e atribuição de maior autoridade às organizações regionais que eles criaram.

Para Marchetti (2001, p. 11)

Os benefícios e custos de um processo de integração econômica são numerosos e diversificados. A sua avaliação é uma tarefa complexa devido à natureza do processo, pois envolve a relação do crescimento econômico com inúmeras variáveis, tais como: tecnologia, aprendizagem, especialização, comércio internacional, economias de escala, concorrência, estratégia, competitividade e incertezas. (MARCHETTI, 2001, p. 11)

A integração regional permite a ampliação de mercado pelas uniões aduaneiras, que pode dar origem a muitos outros efeitos importantes, incluindo o aproveitamento das economias de escala, o aumento da produtividade dos fatores sobre a produção, o aumento da taxa de crescimento econômico, a estabilidade econômica, a distribuição da renda, e também o aumento da concorrência, do fluxo de investimentos e a melhora da competitividade internacional. (MARCHETTI, 2001, p. 11)

No âmbito da teoria econômica, merece reavaliação a abordagem tradicional das uniões aduaneiras. Esta abordagem tenta captar os efeitos de uma integração em termos do bem-estar advindo do acordo, mas coloca a ênfase da análise nos conceitos de criação de comércio e desvio de comércio. Desta forma, negligencia os efeitos dinâmicos, subavaliando os impactos da integração. (MARCHETTI, 2001, p. 21)

Perobelli e Haddad (2006, p. 834) demonstraram que no caso do Brasil é necessário inserir, de forma competitiva o país nos fluxos dinâmicos do comércio e dos investimentos para sustentar o processo desenvolvido implementado. Estes autores (2006, p. 834) ainda acrescentam que a maior inserção da economia brasileira no contexto internacional está centrada na necessidade de um aumento da competitividade, de uma diminuição de custos e da reestruturação produtiva.

Mesmo os casos de desenvolvimento de economias periféricas mais desenvolvidas, como a brasileira, têm ocorrido num ambiente de crescente integração (PEROBELLI; HADDAD, 2006, p. 834). Entretanto, esse aumento da competitividade através da inserção internacional não é exclusivo do Brasil, ou mesmo de um país isolado. Para Marchetti (2002/2003) é necessário condução a uma reflexão mais cuidadosa do papel estratégico do acordo para os países integrados no Mercosul e permitir perceber que, em bloco, as economias terão maior probabilidade do que individualmente para realizar a transformação produtiva que efetiva uma melhor inserção competitiva internacional, aproveitando a crise vivida pelo Mercosul no período de 1999-2000.

Marchetti (2002/2003) ainda conclui em suas pesquisas que um dos principais feitos do processo de integração do Mercosul, tendo por foco a inserção internacional, foi a mudança qualitativa da estrutura de suas exportações, acompanhando a direção da transformação da estrutura das importações globais, embora em ritmo inferior ao ritmo da mudança destas últimas. Constatou-se, contudo, a participação do Mercosul em segmentos menos dinâmicos do comércio mundial, bem como um reduzido efeito da integração sobre a especialização dos dois maiores países do bloco, Argentina e Brasil. A integração do Mercosul, assim, embora realizadora de muitos resultados favoráveis, não foi suficiente para a transformação produtiva e para a melhora da inserção competitiva de suas economias.

A exploração da força competitiva do Mercosul está baseada em recursos naturais e bens tradicionais, setores que geraram a maior parcela da contribuição das exportações. Por este motivo, em razão de estar havendo uma redução progressiva da importância de recursos naturais e bens tradicionais entre as importações dos países importadores, este posicionamento estratégico do Mercosul pode ter significado uma forte restrição ao crescimento de comércio da área integrada. (MARCHETTI, 2002/2003)

Para Marchetti (2002/2003) o ponto focal da proposta é uma política industrial que dê apoio à promoção da competitividade, por meio de intervenções seletivas e temporárias. Isso significa selecionar indústrias específicas para auxiliá-las, por prazo determinado, a superar falhas de mercado e capacitá-las para a geração e a incorporação da mudança tecnológica.

De acordo com Marchetti (2001, p. 21) à medida que a integração se aprofundar, os principais impactos esperados, em relação à expansão comercial e à especialização produtiva, tendo por foco os setores industriais, são:

Primeiro, para os casos em que os setores industriais já operavam, antes da integração, em mais de um dos países membros, com padrões de qualidade e eficiência próximos aos padrões internacionais, o efeito provável é o simples crescimento do comércio, mantendo-se as mesmas configurações existentes. A integração permitiria elevar os fluxos de comércio intra-setorial, como resultados de estratégias de diferenciação de produtos e segmentação de mercados.

Segundo, para os casos em que é possível a exploração de economias de escala, a integração possibilitaria a formação de configurações industriais em cada país, ajustadas as características das tecnologias disponíveis e a dimensão do mercado. Processos de fusões, incorporações, associações e de reestruturação de empresas são observados, que, para estes casos, implicam em mudança de pautas de produção das firmas. Dessa forma, os ganhos da integração decorrem, em essência da especialização intra-setorial.

E por fim, para os setores industriais nos quais não é possível corrigir os desníveis de produtividade através dos processos de fusões, incorporações, associações e de reestruturação de empresa, o efeito esperado é a realocação industrial.

Na abordagem de Marchetti (2001) a expansão do tamanho do mercado provocado por uma integração econômica é um fator decisivo para a especialização, o aumento do porte das firmas e a obtenção de economias de escala.

Existindo a possibilidade de obter economias de escala, é possível que as empresas se posicionem estrategicamente, frente à nova dinâmica do mercado ampliado pela integração, desistindo de produzir toda gama de produtos em seus países, e se especializando em alguns produtos, sem sacrificar a variedade no consumo. Assim, um mercado ampliado oferece maior oportunidades para a especialização, pois se

pode produzir maior variedade de produtos em firmas de maior escala, e por esta via, reduzir os custos e elevar a produtividade. (MARCHETTI, 2001, p. 16)

Sobre o Mercosul, Marchetti (2001) indagou se a integração produziu efeitos de especialização entre os países membros. “A análise para os dois principais países, Argentina e Brasil, evidencia que, se houve especialização produtiva, ainda não se fez sentir nos números de seu comércio internacional.” (MARCHETTI, 2001, p. 77)

A expectativa em relação ao Mercosul apóia-se na esperança de que possibilite a especialização, amplie a concorrência e o surgimento de empresas de porte maior, e propicie a captura de economias de escala e a incorporação do progresso tecnológico. A importância desta integração reside na possibilidade de permitir incorporar o progresso tecnológico, elevar a produtividade e impulsionar a construção de vantagens competitivas. Desta forma, realizar a transformação produtiva e melhorar a inserção internacional das economias integradas. (MARCHETTI, 2001, p. 30)

### **2.3 O comércio de carnes no Mercosul e no Mundo**

As exportações de carne bovina pelos países do Mercosul vem ganhando participação no mercado internacional ao longo dos últimos 25 anos, principalmente a partir dos anos 90, período que ocorreu a formação do bloco e principalmente por causa das crises sanitárias ocorrida em grandes mercados consumidores e exportadores, como o caso dos Estados Unidos da América (EUA) e União Europeia (UE). (OLIVEIRA; FREITAS, 2005; RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008; MACHADO et al., 2006)

Esse crescimento substancial das exportações fez com que vários pesquisadores realizassem pesquisas para analisar o efeito desse crescimento.

Dentre as ferramentas abordadas, para efetuar essas análises, pesquisadores utilizaram o *Constant-Market-Share* (CMS), índice de vantagens comparativas reveladas (VCR) e o índice de orientação regional (IOR), entre outras ferramentas de análise.

Com utilização do CMS para análise do crescimento nos anos de 1986 a 2004 verificou-se que os resultados da decomposição das exportações de carne bovina dos Países do Mercosul indicam um crescimento diferenciado e mais expressivo no período 2002-2004, sendo o efeito crescimento do comércio mundial e o efeito competitividade os principais fatores explicativos para o aumento das exportações neste período. (OLIVEIRA; FREITAS, 2005, p. 22).

Oliveiras e Freitas (2005) já haviam afirmado que a competitividade da carne bovina dos países do Mercosul pode ser atribuída ao sistema local de produção como utilização de pastos naturais, sistemas orgânicos certificados, não uso de insumos externos e a disponibilidades de fatores de produção. (OLIVEIRA; FREITAS, 2005, p. 22)



Rubin, Ilha e Waquil (2008) enfatizam que o Mercosul consolidado como um mercado comum sólido e consistente deve fazer parte do projeto político brasileiro. Os ganhos oriundos de futuros projetos de integração preferencial podem estar associados, fundamentalmente, ao poder político de negociação externa com outros blocos econômicos ou países. Sugerem a criação de certificações comuns e uma marca do Mercosul como estratégia de promoção dos produtos do setor de carnes bovinas que beneficiarão os quatro países membros, a fim de garantir estruturas produtivas altamente qualificadas no que diz respeito ao setor de carne bovina. (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

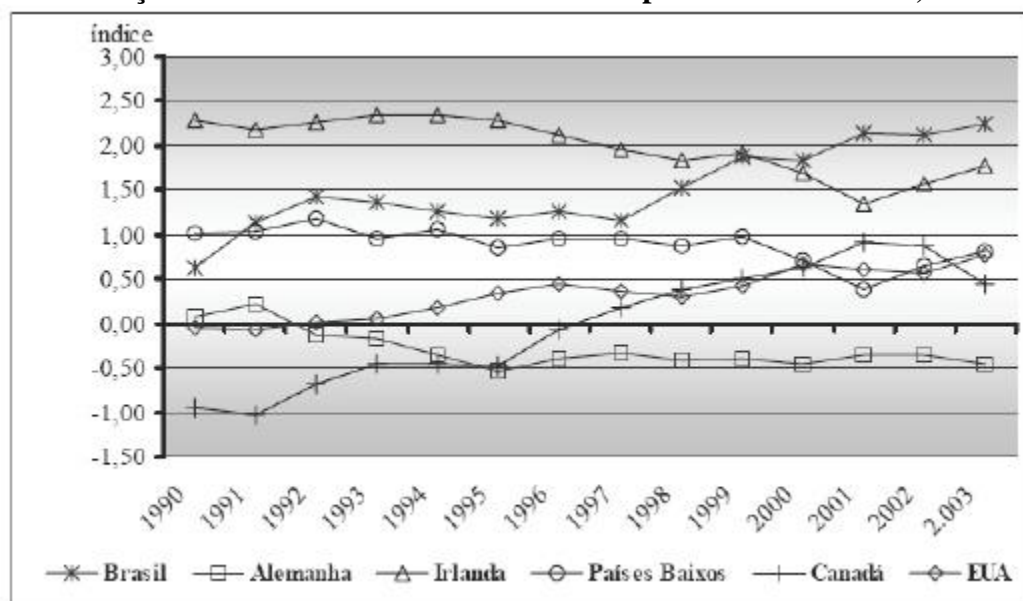
Numa análise feita sobre as exportações de carne dos países do Mercosul em três períodos (1986-88/1993-95; 1993-95/1998-00; 1998-00/2002-04), Oliveira e Freitas (2005) constataram que a Argentina mostrou-se competitiva, já que possui indicadores positivos (31,5%; 107,8% e 106,9%), na média dos três períodos analisados, respectivamente.

Com utilização do mesmo método, o CMS, em pesquisa realizada por Machado et al. (2006) (considerando o período de 1995-2003, com agrupamentos diferentes para os anos e utilização de dados em toneladas) obtiveram resultados diferentes para a Argentina em relação à competitividade em relação aos estudos de Oliveira e Freitas (2005). Durante o período analisado o desempenho de exportação de carnes argentinas apresentou desempenho desfavorável durante o período de 1995-2003. Foi constatado que os efeitos negativos das exportações estavam associados à competitividade e ao destino das exportações. Isso ocorreu pela escolha de mercados menos dinâmicos para exportação, ao invés de destinar a mercados com crescimento acima da média mundial.

Para Machado et al. (2006) a Argentina soube aproveitar o a expansão do comércio mundial, embora tenha apresentado decréscimos em suas exportações globais, o resultado positivo do efeito crescimento de mercado são evidenciados em seu estudo. “A participação positiva desse efeito colaborou para diminuir as perdas geradas pelos outros efeitos.” (MACHADO et al, 2006, p. 210)

Em relação às exportações de carnes bovinas pelo Brasil, houve alta e crescente competitividade neste setor para o período de 1990-2003 (Gráfico 1), quando abordado a metodologia das vantagens comparativas reveladas, com aplicação de logaritmo natural, que resultou no que estes autores chamaram de vantagem revelada das exportações (VRE). (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

**Gráfico 1 - Evolução do VRE do Brasil e concorrentes para a carne bovina, 1990-2003.**



Fonte: Rubin, Ilha e Waquil (2008, p. 1080)

Com utilização do CMS o Brasil também se mostrou competitivo na produção de carne bovina nos períodos (1986-88/1993-95; 1993-93/1998-00; 1998-00/2002-04), pois apresenta bons indicadores (121,34%; 97,24% e 146,5%). (OLIVEIRA; FREITAS, 2005, p. 22).

Para o Brasil os resultados mostram que vem conseguindo manter sua posição competitiva no mercado internacional. O efeito competitividade foi o principal responsável pelo aumento das exportações de carne bovina *in natura*. Com um pouco menos de contribuição o efeito estrutural do crescimento do mercado mundial e destino das exportações contribuíram para o aumento das exportações. (MACHADO et al., 2006, p. 213)

Machado et al. (2006) argumentam que a competitividade das exportações de carne bovina *in natura* pelo Brasil pode estar relacionada a investimento em tecnologia, sanidade do rebanho e desvalorização cambial, entre outras ações.

Os investimentos em tecnologia permitiram melhorar os índices da pecuária de corte, visto que contribuíram para o aumento do rebanho e da produção de carne para atender à demanda externa crescente do produto brasileiro. A sanidade do rebanho foi fator fundamental para o crescimento das exportações, uma vez que a ocorrência de doenças no rebanho dos principais exportadores levou os países importadores a procurar novos fornecedores; assim, o Brasil ampliou suas vendas para a Europa e conquistou mercados no Oriente Médio. A desvalorização cambial contribuiu para impulsionar as exportações, ao tornar os preços da carne bovina mais competitivos no mercado internacional. Além disso, as ações de marketing e promoção do produto no mercado externo também podem ter estimulado a expansão das vendas. (MACHADO et al., 2006, p. 213)

Entretanto, a partir do ano 2000 percebeu-se perda da importância da carne brasileira no mercado europeu como verificado pela aplicação do Índice de Orientação Regional (IOR). Ressalta-se que embora tenha havido redução do IOR neste período, o volume em dólares

para a UE não diminuíram: em 2003 as exportações eram de 166 milhões de dólares e em 2003 de 741 milhões de dólares. (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

De acordo com pesquisa realizada por Pitelli e Moraes (2006) os clientes da UE são os clientes mais exigentes, entretanto pagam o melhor preço pela carne bovina brasileira. A maioria dos frigoríficos abordados na pesquisa (75%) exportam carne *in natura*, enquanto os demais exportam carne *in natura* e carne industrializada. Os cortes exportados para a UE geralmente são aqueles que possuem maior valor agregado como filé mignon, contrafilé, coxão mole entre outros. Frigoríficos se adequam para atender as exigências que retratam a preocupação dos consumidores do mercado de destino com implantação de programas de qualidade e P&D. (PITELLI; MORAES, 2006)

Essa queda ocorreu por causa da diversificação de mercados do produto brasileiro para países como Chile, Grécia, Israel, Egito e Arábia Saudita, do que perda de mercado na UE. Entretanto, as barreiras sanitárias, sob alegação da febre aftosa, de tarifas altas, de quotas e de subsídios ou ajuda direta aos produtores para cobrir a diferença entre o alto preço interno e o internacional, têm contribuído para diminuir a importância e o grau de penetração do produto brasileiro naquele mercado (SECEX, 2004 apud RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008). Logo, o grau de penetração atribuído é muito bom, porém, decrescente. (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

Quanto às exportações para a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), os valores do IOR calculados por Rubin, Ilha e Waquil (2008), somente em 2002 e 2003 o índice passou de 1, chegando a 1,96 e 3,14 respectivamente.

Com relação à República Popular da China (RPC), o IOR mostrou-se, para alguns anos, superior a 1, entretanto, acabou perdendo representatividade no final do período (1990-2003). No mesmo período analisado, as exportações brasileiras de carne bovina para o Japão teve um IOR abaixo de 1 tanto para carne *in natura*, quanto para carne industrializada. (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

O efeito competitividade, encontrado pelo CMS, do Paraguai mostrou que o país não era competitivo na produção de carne bovina no período de 1993-1995, já que seu indicador foi negativo (-19,66%). No entanto, nos demais períodos aumentou a sua competitividade, de forma que esse efeito tornou-se positivo (84,78% e 50,84%). Pode-se ressaltar os bons resultados do País no que se refere à taxa de crescimento e tendência. (OLIVEIRA; FREITAS, 2005, p. 22).

Já o Uruguai demonstrou que é competitivo na produção de carne bovina. O país apresentou resultados positivos (18,54%; 77,84% e 78,05%), demonstrando que produz com padrões de eficiência aceitados internacionalmente (OLIVEIRA; FREITAS, 2005, p. 22).

Em relação aos maiores exportadores de carne bovina *in natura*, Estados Unidos e Austrália:

As exportações da Austrália cresceram tanto em decorrência do crescimento das exportações mundiais como da competitividade, com exceção do último período, 2001-2003, quando o resultado foi desfavorável para este efeito. A retomada das exportações de carne bovina pelos Estados Unidos, nos próximos anos, pode afetar a rentabilidade da Austrália, que aumentou as vendas para os principais mercados consumidores em virtude das restrições à comercialização da carne americana. (MACHADO et al., 2006, p. 214)

### 2.3.1 As barreiras de entrada

A entrada de produtos alimentares muitas vezes tem restrições protecionistas nos países de destino. Essas proteções ou barreiras podem ser de natureza tarifária ou não tarifária.

As barreiras não tarifárias têm ganhado importância como fator de restrição ao fluxo do comércio internacional. No mercado mundial de carne bovina destacam-se as barreiras sanitárias, que restringem a comercialização da carne *in natura*. O registro de focos de febre aftosa e de vaca louca tem trazido prejuízos aos países exportadores, dada a suspensão parcial ou total das compras pelos países importadores, preocupados com a segurança alimentar. (MACHADO et al., 2006, p. 200)

“Um país infectado por febre aftosa sofre elevadas perdas, seja pela redução da produtividade, seja por impedimento da efetivação de comércio, de acordo com os ditames internacionais previstos no Acordo SPS, da Rodada do Uruguai do GATT.” (MÜLLER, 2004)

Embora a pesquisa de Pereira (2009) tenha abstraído da análise a possibilidade de as Barreiras Não-Tarifárias (BNTs) influenciarem nas relações comerciais entre clientes e fornecedores de carne bovina, afirma com segurança que essa prática foi abolida. As exigências dos importadores são criteriosamente fundamentadas por normas científicas estabelecidas por instituições regulatórias, das quais a grande maioria dos exportadores são membros ou signatários. (PEREIRA, 2009, p. 101, 102)

O que se evidenciou na pesquisa de Pereira (2009) é que as justificativas apresentadas que levam as restrições ou suspensões ao comércio são respostas dos consumidores de que a carne importada de determinado país com fragilidade sanitária pode colocar em risco a sua

saúde. “Esta constatação fica ainda mais evidente quando se observa as pesquisas de marketing realizadas em países onde o nível de renda é mais elevado.” (PEREIRA, 2009, p. 102)

Para Rubin, Ilha e Waquil (2008) as barreiras impostas revelaram ser, de modo geral, extremamente elevadas e, em alguns casos, impeditivas. Portanto, o setor brasileiro de carnes teria muito a ganhar caso fossem eliminadas tais barreiras. (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

De acordo com Miranda (2001<sup>3</sup>, apud RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008) A carne brasileira *in natura* está sujeita a três tipos de cota na UE: (1) A cota Hilton, de cinco mil toneladas ao Brasil, incide um imposto de importação *ad valorem* de 20% sobre o valor de custo mais frete; (2) a cota GATT e (3) A&B estão sujeitas à tarifa *ad valorem* de 12,8% sobre o valor de custo mais frete, mais uma tarifa fixa de 3.040 euros por tonelada. Para esta última, o Brasil possui uma cota permanente de cinco mil toneladas. Entretanto, algumas exigências não são consideradas barreiras não tarifárias. Há exigências que não são pertinentes ou não têm fundamentos técnicos, tais como a exigência de animais abatidos com 30 meses. O que se torna difícil para casos em que a criação se dá de forma extensiva (criados a pasto). (PITELLI; MORAES, 2006)

Os mercados CEI e Japão passaram a aumentar as barreiras aos produtos do setor de carne bovina nos últimos anos. (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

Em relação ao mercado Russo, em 2003 autoridades deste país adotaram um sistema de quotas com início em abril de 2003 para o setor de carnes brasileiras, em função das dificuldades que os exportadores russos encontravam para comercializar seus produtos com o Brasil. (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

Em relação às imposições sanitárias da Rússia, quando comparado a outros importadores, as barreiras são baixas, não sendo tão rigorosas, com exceção para proibições temporárias quando há foco de aparição de febre aftosa. A Rússia apresenta um grau de imposição de barreiras bastante baixo ao setor de carne (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

Já os mercados da China e Japão passaram a aumentar as barreiras aos produtos do setor de carne bovina nos últimos anos. (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

Quanto às barreiras tarifárias, estas vêm sendo reduzidas por um acordo bilateral entre Brasil e China. A carne bovina sem osso, teve uma redução 39% *ad valorem* podendo chegar a 12%. (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008)

---

<sup>3</sup> MIRANDA, Sílvia Helena G. **Quantificação dos Efeitos das Barreiras Não-Tarifárias sobre as Exportações Brasileiras de Carne Bovina**. Piracicaba, Tese de Doutorado, jun, 2001.

O maior problema está nas barreiras não tarifárias de proteção contra as importações. As exigências sanitárias chinesas são extremamente rigorosas em relação ao setor de carnes. São exigidas certificações sanitárias que assegurem a ausência de doenças, tornando-se quase impossível exportar para aquele mercado. Quanto a Hong Kong não apresenta barreiras ao setor de carnes (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008) o que se torna uma vantagem no sentido da reexportação.

### 2.3.2 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal nos países do Mercosul

As integrações regionais favorecem ao comércio de carne bovina, no que diz respeito ao crescimento do mercado, porém, não determinam a preferência de um importador por um exportador. Um sistema de rastreabilidade eficiente pode proporcionar essa preferência, além de uma condição sanitária que atenda a demanda dos países que melhor remuneram o produto, ou, quando se pode ofertar o produto a preços mais baixos, conseguindo assim acessar clientes menos exigentes. (PEREIRA, 2009, p. 101)

A rastreabilidade de bovinos para o abate é importante para a segurança e para a aceitabilidade da carne bovina no comércio internacional. No entanto faltam incentivos para os produtores.

O único incentivo dado aos pecuaristas [no caso brasileiro] é o pagamento de um preço maior à carne rastreada, o que não garante a oferta de animais se houver a rivalidade de outro frigorífico. Ou seja, ou não se adota uma estrutura de governança eficiente ou não se compra um boi realmente rastreado dado o baixo *enforcement* existente no quesito rastreabilidade. (PITELLI; MORAES, 2006, p. 43)

Uma elevada condição sanitária e um sistema de rastreabilidade bovino eficiente são essenciais para se conquistar a preferência dos mercados mais remunerativos. (PEREIRA, 2009)

Para Irurueta e Cruz (2006), a rastreabilidade é uma ferramenta que, por meio de identificação adequada no gado contribui para a melhoria de informações sobre os estoques de rebanhos de gado e conhecimento sobre a dinâmica do estoque nacional, permitindo uma melhoria do sistema sanitário nacional como um controle de aspectos comerciais.

#### 2.3.2.1 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal na Argentina

Desde 2003, a Argentina adotou um sistema de identificação individual dos animais e gestão deste com a implementação da rastreabilidade. O sistema foi desenvolvido a fim de cumprir os requisitos da UE, tendo em conta a importância deste mercado e sua importância

na contribuição para a cadeia de valor. Entendendo que uma mudança estrutural dessa magnitude exigida na gestão da informação, os membros da cadeia alimentar foram chamados para integrar o Comitê Consultivo Nacional sobre Rastreabilidade Animal em Pé e Cadeias Agroalimentares, a fim de discutir o tema. A Comissão concluiu os trabalhos em 13 de agosto de 2003, com a assinatura do documento Final. Em seguida, em particular, se abordou a questão da carne bovina, na subcomissão de carnes, produtos e subprodutos, e em 23 de dezembro de 2004 foi documentado oficialmente aspectos a considerar sobre a identificação dos animais, rastreabilidade da carne Argentina e fundamentalmente os próximos passos a serem adotados. (IRURUETA; CRUZ, 2006)

Em, 2005, o Governo Argentino implementou políticas governamentais para o setor pecuário com a imposição de um peso mínimo de abate, seguido pelo controle das exportações implementado no ano seguinte e das recorrentes intervenções no mercado interno através de preços de referência intervenções ao Mercado de Liniers, confinamento de compensação, dentre outros. (PICARDI; BLANCO; PERRIER, 2011)

A partir de novembro de 2005 entrou em vigor a proibição de abate de animais com peso inferior a 260 kg. Esta legislação foi alterada várias vezes com peso variando entre 240 e 280 kg para o abate. Isso trouxe graves inconvenientes, primeiro houve uma queda na produção de carne a partir das categorias novilhos dado que se abatiam animais mais leves, juntamente com o aumento do abate de fêmeas se originou perda na capacidade de reposição de vacas velhas, promovendo uma menor produção de bezerros. (PICARDI; BLANCO; PERRIER, 2011)

Outra das políticas implementadas pelo governo argentino foi a suspensão por 180 dias as exportações de carne, a fim de conter a alta dos preços, para incentivar o consumo doméstico. Esta medida entrou em vigor em Março de 2006 e só conseguiu chegar em dois meses a redução 3% no balcão. (PICARDI; BLANCO; PERRIER, 2011)

Além disso, em meados de 2007, o governo formalizou o Plano Nacional de Pecuária (Plano de Desenvolvimento da Pecuária e cadeia da carne), que foi concebido pelo Ministério da Agricultura. Através da resolução 246/07 da existência de um programa estratégico para o setor, a fim de aumentar a oferta de carne bovina foi formalizado para fornecer aos mercados interno e externo. Entre as considerações mais importantes do plano é o programa "Mais Bezerros", que procurou melhorar e aumentar a produção entre 2007 e 2010. (PICARDI; BLANCO; PERRIER, 2011)

Todas essas medidas mudaram o sistema de preços, de modo que as percepções recebidas pelos produtores não estavam claras, e isso incomodou as decisões do setor. A

incerteza gerada por estas medidas adiou investimentos e enfraqueceu o prestígio da Argentina como um exportador confiável no mundo. (PICARDI; BLANCO; PERRIER, 2011)

No entanto, ele mostrou conclusivamente que o setor pode perder oportunidades, mas tem uma força comparativa, se as forças competitivas devidamente desenvolvidos poderia adotar estratégias sustentáveis, mesmo para os pequenos agricultores e as áreas marginais. (PICARDI; BLANCO; PERRIER, 2011)

Outra evidência disso é que o comprometimento de todos os indicadores durante o período de 1998 - 2003 não foi o resultado de crise interna, mas um ciclo de preços baixos de produtos de carne, no contexto global, como mostra claramente o índice de preços da FAO internacional de produtos derivados da carne. (PICARDI; BLANCO; PERRIER, 2011)

#### 2.3.2.2 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal no Brasil

Por sua vez, a estratégia e empreendedorismo do governo no Brasil foi oposta a da Argentina. O Brasil desenvolveu processos e adoção de novas práticas e genética plena utilização dos potenciais vantagens competitivas que lhes permitiu uma mudança de produção em poucos anos e forte penetração e posicionamento no contexto internacional, o que lhe permitiu tornar-se o primeiro exportador mundial. Deve notar-se que durante todo o período analisado, de 1997-2007, os indicadores para o Brasil mostram uma tendência crescente, apesar do ciclo de preços internacionais. (PICARDI; BLANCO; PERRIER, 2011)

Entretanto, para Pereira (2009) o Brasil é dependente de fatores econômicos, não possui atualmente um sistema de certificação aceito por seus clientes, possui restrições de alguns consumidores quanto aos valores intrínsecos de sua carne bovina e pode no futuro, vir a encontrar dificuldade em oferecer um produto com valores extrínsecos percebidos pelo cliente, principalmente o europeu. Para se contornar esse problema seria necessário negociar um aumento da cota destinada ao Brasil, porém, antes de tal pleito, faz-se necessário que o país atenda as regras estabelecidas pelo cliente e conquiste a confiança e preferência do consumidor.

Há poucas instituições responsáveis pelo controle e concessão dos selos de qualidade. E também não há clareza do papel exercido por elas. Há agravante de falta de marcos regulatório, pela burocracia e pela lentidão na discussão sobre regulamentação dos casos de certificação. As certificações enfrentam, também, grandes problemas com o direito do uso da imagem dos selos de qualidade e com a legalidade dos processos de certificação. (RIBEIRO, 2008)



De acordo com Pereira (2009), o Brasil precisa fundamentalmente de estratégias que visem erradicar a febre aftosa de todo o território nacional, conquistar o status de zona de risco mínimo para BSE, adequar os valores intrínsecos do produto exportado às expectativas dos consumidores e, principalmente, implementar um programa de rastreabilidade viável e reconhecido para assim obter preços mais elevados no mercado internacional. (PEREIRA, 2009)

Com objetivo de estabelecer normas para a produção de carne bovina com garantia de origem e qualidade, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) publicou a Instrução Normativa nº 17, em 14/07/2006, com nova estrutura operacional para o Serviço de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos – SISBOV. O novo sistema é de adesão voluntária, permanecendo a obrigatoriedade de adesão para a comercialização para mercados que exijam a rastreabilidade. (MAPA, 2006)

Tem como objetivo registrar e identificar o rebanho bovino e bubalino do território nacional possibilitando o rastreamento do animal desde o nascimento até o abate, disponibilizando relatórios de apoio a tomada de decisão quanto a qualidade do rebanho nacional e importado. (MAPA, 2006)

Com a nova normativa (MAPA, 2006), surge o conceito de Estabelecimento Rural Aprovado no SISBOV, que terá como principais requisitos:

- Cadastro de Produtor;
- Cadastro da Propriedade;
- Protocolo Básico de Produção;
- Termo de Adesão ao SISBOV;
- Registro dos Insumos Utilizados na Propriedade;
- Identificação individual de 100% dos bovinos e bubalinos da propriedade;
- Controle de Movimentação de Animais;
- Supervisão de uma única certificadora credenciada pelo MAPA; e
- Vistorias Periódicas pela Certificadora.

De acordo com as novas regras, todos os bovinos e bubalinos dos Estabelecimentos Rurais Aprovados no SISBOV serão, obrigatoriamente, identificados individualmente, cadastrados na Base Nacional de Dados, com o registro de todos os insumos utilizados na propriedade durante o processo produtivo. (MAPA, 2006)

Trata-se de um grande avanço, uma vez que, a partir de 2009, só será permitido o ingresso de bovinos e bubalinos nos Estabelecimentos Rurais Aprovados no SISBOV se oriundos de outros Estabelecimentos na mesma condição. O Sistema permitirá a atualização

das informações entre o Órgão Executor da Sanidade Animal nos Estados e a Certificadora do Estabelecimento Rural Aprovado no SISBOV, credenciada pelo MAPA. (MAPA, 2006)

### 2.3.2.3 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal no Paraguai

O Paraguai conta com dois projetos implementado entre o setor público e privado e outro em implementação (SANABRIA, 2006). Todos com finalidade de levar um registro sanitário e a atualização de existência de gado a nível nacional:

1. O SIGOR II (Sistema Informático de Gestión de Oficinas Regionales del SENACSA) – um programa para a reestruturação e melhoramento do sistema de registro sanitário e existência nacional de gado, que opera como uma ferramenta especializada para a gestão das atividades das unidades zonais do Serviço Nacional de Qualidade e Saúde Animal (*Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal* – SENACSA), tendo como principais objetivos:

- a. Melhorar o registros dos proprietários de gado bovino; e
- b. A vigilância epidemiológica nos mesmos.

2. O sistema de Rastreamento do Paraguai (SITRAP - *Sistema de Trazabilidad del Paraguay*).

Em 5 de maio de 2004 foi instituído o SITRAP para os animais da espécie bovina, designando-se a Associação Rural do Paraguai, Escritório de Registros Zootécnicos como organismo executor do SITRAP, sob fiscalização do Ministério de Agricultura e Pecuária, representado pela SENACSA. (SANABRIA, 2006)

O SITRAP é um sistema de informação capaz de entregar os dados de um animal individualizado, sendo uma ferramenta eficaz para o controle sanitário e de outras naturezas. (SANABRIA, 2006)

Este sistema também certifica produtores sobre as práticas sanitárias e de nutrição, de transporte, entre outros, bem como organizar e implementar os registros de identificação e certificação da origem do gado, proporcionando assim maiores garantias para a importação de carne do mercados paraguaio, sobre a origem dos produtos e subprodutos de origem animal. (SANABRIA, 2006)

São vantagens do sistema (SANABRIA, 2006):

- a) Centralização da informação, evitando duplicações e registros duplos;
- b) Simplificação dos registros mediante a utilização do Sistema Informatizado de Gestão de Escritórios Regionais (SIGOR II) do SENACSA;

c) Interação com o SIGOR II e qualquer outra unidade para tarefas de controle sanitário e administrativo

1. Reinscrição de marcas e sinais para todos os proprietários de gado atacado e varejo (Lei 2576/05).

Em novembro de 2005, a *Asociación Rural del Paraguay* (ARP) assinou com a Suprema Corte de Justiça um acordo de cooperação e ajuda recíproca para elaboração de um sistema informatizado de digitalização dos registros de marcas e sinais de gado, a cargo da Direção de Marcas e Sinais dependente da Suprema Corte de Justiça. (SANABRIA, 2006)

Este acordo tem por objeto oferecer um sistema que ampare e controle a expedição e uso das marcas e sinais no território paraguaio e posteriormente permita o acesso a informação digitalizada as instituições públicas encarregadas de seu controle, devendo esta informação estar contida nos serviços da ARP e SENACSA. (SANABRIA, 2006)

Este registro será integrado ao SIGOR II para a expedição do Certificado Oficial de Trânsito de Animais, com a impressão das marcas correspondentes nas transferências e traslados realizados pelos proprietários registrados. (SANABRIA, 2006)

#### 2.3.2.4 Políticas, programas de rastreamento e de sanidade animal no Uruguai

O Uruguai firmou acordo com a UE para que a carne bovina exportada dentro da Cota Hilton seja de animais identificados grupalmente seja a data limite de 31/03/2009. (Brito, 2006)

O nível de rastreamento no âmbito de país, pelo Uruguai, é grupal, baseado nas normas de controle de existência e movimentos de gado, estabelecidos pela Lei 16.736 (Decreto 700/973 de 8 de agosto de 1973, normas modificadoras e complementares). O órgão competente é a División de Contralor de Semovientes (DICOSE), dependente de la Dirección General de Servicios Ganaderos do Ministerio de Ganadería Agricultura y Pesca (MGAP). Desde 1973, e ratificados pela lei de orçamentos nacional (Lei 16.736 de 5 de janeiro de 1996), se estabelece o sistema de controle de existência e movimentos de gado bovino, ovino, equino, suíno e caprino e frutos do país em todo o território nacional. (Brito, 2006)

O artigo 279 da citada Lei proibiu no território Uruguai:

- a) Transitar com qualquer tipo ou espécie de gado bovino, ovino, equino, suíno e caprino sem a portabilidade da Guia de Propriedade e Trânsito;

- b) Intervier em qualquer tipo de operação que seja possuir, transferência de propriedade ou movimento de qualquer tipo de gado ou frutos do país sem estar previamente inscritos na *División de Contralor de Semovientes* (DICOSE).

O controle de existências se se realiza mediante a inscrição dos obrigados na DICOSE através de declaração jurada, atualização anual dos dados aportados por intermediação da mesma declaração Jurada Anual e o controle de movimentos pela emissão das guias de propriedade e trânsito. (Brito, 2006)

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Delineamento da Pesquisa

Numa abordagem quantitativa, esta pesquisa faz uma análise do tipo *ex-post-facto* ao responder aos objetivos propostos.

Os dados aqui manipulados correspondem a um período do tempo que se estende pelos anos de 2001 a 2009, dando uma característica longitudinal. As análises são efetuadas em períodos correspondentes a cada ano, ou por períodos trienais.

Esta pesquisa tem como finalidade resolver casos concretos com aplicação imediata dos seus resultados. Caracterizando-se como pesquisa aplicada (CASTRO, 2006). Busca um modelo que melhor se ajuste aos dados, sendo esse procedimento classificado de ação exploratória por Balassiano (2006). Este autor ainda afirma que investigações exploratórias são realizadas quando o investigador não dispõe de informações prévias sobre a estrutura das relações envolvendo os fenômenos a serem analisados. O investigador procura algum tipo de tendência ou padrão de comportamento que o leve às conclusões. Neste tipo de investigação, não necessariamente há a postulação de hipótese a ser testadas. Estas poderão emergir da manipulação da exploração dos dados.

Por apresentar características que procura descrever o fenômeno estudado, ou a relação entre as variáveis, esta pesquisa é ainda descritiva. (GIL, 1994)

A estratégia ou meio elegidos para esta investigação é a documental. Os documentos a serem investigados são de domínio público, disponíveis em banco de dados organizados pelo *International Trade Center* (ICT – Centro do Comércio Internacional) com estatísticas do *Commodity Trade* - COMTRADE.

#### 3.2 Fonte e preparação dos dados

A coleta dos dados foi efetuada com utilização da ferramenta *Trade Map* do ICT, com estatísticas do COMTRADE, desenvolvida pelo *World Trade Organization* (TWO – Organização Mundial do Comércio) em conjunto com a *United Nations Conference on Trade and Development* - UNCTAD.

A estratégia abordada, que utiliza de fontes secundárias de dados, tem a vantagem de ter acesso fácil à fonte, sem a necessidade de ir a campo para efetuar a coleta, além da impossibilidade de manipulação dos dados pelo pesquisador. Por outro lado, ainda que esses

dados podem sofrer alterações ao longo dos anos, quer seja para atualização dos dados, quer seja para correções. Em alguns casos os dados atuais são fornecidos por parceiros comerciais e não pelo próprio exportador, quando as informações são repassadas poderão ser divergentes das informações utilizadas na época da pesquisa.

A escolha pela base de dados do ICT deu-se pela facilidade de cruzamento dos dados com diversos destinos importadores, além da obtenção de dados em séries anuais a partir do ano de 2001, com a utilização de uma única base de dados.

Outra vantagem do uso do *Trade Map* é o uso de nomenclatura do Sistema Harmonizado (SH). Com base no SH, o Mercosul adota a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) que é composta de oito dígitos, sendo os seis primeiros formados pelo SH (capítulo, posição e subposição). Os dois últimos (item e subitem), criados por definição estabelecida entre os países do Mercosul. (ALICEWEB2, 2011)

Por se tratar de um estudo sobre a competitividade das exportações de carnes bovinas *in natura*, foram escolhidas para análise as subdivisões de quatro dígitos que compõe as exportações de carnes bovinas:

- 0201 – Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas;
- 0202 – Carnes de animais da espécie bovina, congeladas.

Os dados foram preparados em planilhas eletrônicas com o objetivo de facilitar as análises.

Os dados foram organizados das seguintes formas:

- 1) anual, por produto, somente com as exportações totais dos países, sem identificação do destino, com objetivo de analisar as vantagens comparativas de cada país;
- 2) anual, por produto, por exportador, com informações dos principais blocos ou países de destino, com objetivo de analisar o índice de orientação regional.
- 3) trienal, por produto, por exportador, com informações dos principais blocos ou países de destino, com o objetivo de analisar o *Constant Market Share* de cada exportador.

### 3.3 Modelos de análise

Para o alcance do objetivo desta pesquisa foram escolhidos três modelos de análises: (1) Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), ou Índice de Balassa; (2) O Índice de Orientação Regional (IOR); e (3) o modelo do *Constant-Market-Share* (CMS).

### 3.3.1 O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

Balassa (1965) introduziu o indicador de vantagens comparativas reveladas (VCR) na literatura econômica.

O método de vantagem comparativa revelada de Balassa indica uma competitividade *ex-post*, ou seja, a competitividade é revelada no desempenho das exportações do país.

Com este índice é possível fazer uma análise da competitividade em um determinado tempo, estática, não sendo possível fazer uma análise da dinâmica setorial do país.

Este indicador parte do pressuposto de que o país em análise tende a se especializar nas exportações de produtos que ofereçam vantagens competitivas.

Este índice de Balassa (1965) foi definido como:

$$VCR_{ij} = \frac{\frac{X_{ij}}{\sum_{j=1}^n X_{ij}}}{\frac{\sum_{i=1}^n X_{ij}}{\sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^n X_{ij}}}$$

Definindo:

$X_{ij}$  : Exportações do produto  $i$  pelo país  $j$ ;

$\sum_{j=1}^n X_{ij}$  : Exportações do produto  $i$  por todos os países (total mundial);

$\sum_{i=1}^n X_{ij}$  : Exportações totais do país  $j$ ;

$\sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^n X_{ij}$  : Exportações totais mundial.

Por definição o VCR evidencia se a participação das exportações de um determinado produto de uma região ou país é maior ou menor do que sua participação nas exportações de todos os produtos em relação a outro país, ou mesmo ao mundo.

Portanto, se

$VCR_{ij} > 1$ , infere-se que o país  $j$  possui vantagem comparativa revelada em relação, ou seja, o país tem especialização naquele setor;

$VCR_{ij} < 1$ , o país  $j$  apresenta desvantagem comparativa revelada em relação ao produto  $i$ ;

$VCR_{ij} = 1$ , o país  $j$  apresenta a mesma competitividade média vigente no mercado internacional para o produto  $i$ . (LAURSEN, 1998)

Essa definição apresenta amplitudes assimétricas variando entre 0 e 1 e entre 1 e  $+\infty$ . De acordo com Laursen (1998), esse valor não pode ser comparado em ambos os lados -1 e 1. Dessa forma o índice foi normalizado como forma de resolver este problema, subtraindo 1 do

numerador e somando um ao denominador, ao que se chamou de Índice de Vantagem Comparativa Simétrica.

$$VCRS_{ij} = \frac{VCR_{ij} - 1}{VCR_{ij} + 1}$$

Portanto:

Se  $0 < VCRS_{ij} < 1$ , então o país  $j$  tem vantagem comparativa em relação ao produto  $i$ .

Se  $-1 < VCRS_{ij} < 0$ , então o país  $j$  tem desvantagem comparativa em relação ao produto  $i$ .

Se  $VCRS_{ij} = 0$ , então o país  $j$  tem a mesma competitividade média dos demais exportadores.

Em análises econométricas, de acordo com Laursen (1998), sempre deve ser utilizado o índice VCRS.

Este índice foi usado em pesquisas do impacto de comércio bilateral entre o Brasil e Estados Unidos (KUME; PIANI, 2004), na competitividade e saldos agroalimentares (OLIVEIRA, 2005), sobre o impacto do NAFTA nas exportações brasileiras (KANO, 2007).

Recentemente foram realizadas pesquisas utilizando o índice tradicional das vantagens comparativas reveladas (VITTI, 2009; ZHEMOYDA, GERASYMENKO, 2009; BANTERLE, 2008) e em outros casos com aplicação de logaritmo natural ( $\ln VCR$ ) (DIZ, 2008).

### 3.3.2 O índice de orientação Regional (IOR)

O VCR, conforme proposto por Balassa (1965), possui limitações por trabalhar exclusivamente com valores das exportações sem definir o destino.

Para efetuar uma análise se as exportações estão sendo orientadas para um determinado país ou região ao longo do tempo, propõe-se aqui a utilização do Índice de Orientação Regional (IOR) proposto por Yeats (1997), assim definido:

$$IOR = \frac{\frac{X_{rj}}{X_{tr}}}{\frac{X_{oj}}{X_{to}}}$$

Em que:

$X_{rj}$ : Valor das exportações do país A do produto  $j$  intrabloco;

$X_{tr}$ : Valor total das exportações do país A intrabloco;

$X_{oj}$ : Valor das exportações do país A do produto  $j$  extrabloco;



$X_{to}$ : Valor total das exportações do país A extrabloco.

O valor do IOR obtido, situa-se entre 0 e infinito, sendo que valores iguais à unidade indicam uma tendência para exportação intra e extrabloco. Valores crescentes do IOR, ao longo do tempo, indicam uma tendência para exportar mais para dentro do bloco. (YEATS, 1997)

### 3.3.3 O Constant-Market-Share (CMS)

“O Método *Constant Market Share* (CMS) tem sido aplicado a análises da determinação dos fatores que tiveram influência no desempenho das exportações de um país ao longo do tempo.” (CARVALHO, 2004, p. 225) O modelo do *Constant-Market-Share* (CMS) tem sido utilizado para a análise da competitividade dos países em relação à sua participação de mercado (*Market Share*) nas exportações. Essa utilização tem ocorrido tanto no âmbito do Agronegócio, como em setores industriais, mineração, quer seja no Brasil ou em outros Países do Mundo.

O modelo foi criado por Tyszynski (1951) e posteriormente por (LEAMER; STERN, 1970), Richardson (1971). No Brasil já foram calculados o CMS em setores como frutas selecionadas (VITTI, 2009; DIZ, 2008), competitividade do desempenho do complexo agroindustrial brasileiro (DALTO, 2004), desempenho das exportações de madeira serrada (NOCE *et al.*, 2003), desempenho das exportações de carne bovina (MACHADO *et al.*, 2006), exportações de soja (CORONEL, 2008; CORONEL; MACHADO; CARVALHO, 2009), produtos lácteos (PEREIRA, 2008).

O CMS analisa as causas de variação de quantidade ou valor exportadas de um produto  $i$  por um país ou região  $j$  em relação ao tempo. O modelo pressupõe que cada país ou região mantenha constante sua parcela no comércio mundial. Se a participação for alterada, ela deve estar implícita no modelo, e sua performance é atribuída à competitividade, associada aos preços relativos (LEAMER; STERN, 1970).

De acordo com Sereia, Nogueira e Câmara (2002, p. 49) a decomposição do CMS implicitamente tem a hipótese de que o país aumenta sua participação no comércio mundial e suas exportações crescem acima da média quando:

- a) estão concentradas em mercadorias cujas demandas crescem mais velozmente;
- b) são destinadas a mercados/países cuja demanda cresce relativamente mais rápido;
- c) estão se beneficiando de outros ganhos de competitividade, além dos mencionados.

O método atribui o crescimento das exportações, favorável ou desfavorável, ao setor exportador, tanto na estrutura das exportações do país quanto em sua competitividade. A suposição do modelo é de que, mantida a parcela de exportação pelo país, a variação verificada é atribuída à competitividade.

A variação na taxa de crescimento das exportações de um determinado produto é decomposta em três efeitos distintos (CARVALHO, 2004):

- a) Efeito crescimento do mercado mundial: representa o crescimento porcentual, ou decréscimo, que seria observado caso as exportações do país crescessem proporcionalmente ao comércio mundial;
- b) Efeito destino das exportações: representa os ganhos e as perdas em função de as exportações serem direcionadas a países que cresceram a taxas superiores ou inferiores à mediado mercado mundial;
- c) Efeito competitividade: representa os ganhos e as perdas em participação no mercado de cada país em função da competitividade do produto, podendo ser em preço, custo ou qualidade.

“O efeito competitividade, quando associado apenas às alterações nos preços relativos, indica que os países ou as regiões importadoras tendem a substituir o consumo de mercadorias que se tornam mais caras por aqueles cujos preços se tornam relativamente mais baixos.” (CORONEL; MACHADO; CARVALHO, 2009, p. 291)

O modelo CMS tem vantagens de permitir a análise por componentes e pelo comportamento do produto no mercado de destino, indicando os mercados onde o país é mais competitivo. Embora se utilize de séries passadas, o método CMS apresenta a possibilidade de fazer inferências sobre o direcionamento e a concentração do setor exportador em produtos mais dinâmicos. (SEREIA; NOGUEIRA; CÂMARA, 2002)

O modelo do CMS pode ser calculado tanto para quantidade, quanto para valor do produto exportado, partindo da pressuposição de que a evolução da participação de mercado de um determinado país no comércio internacional é em função de sua competitividade relativa aos demais países exportadores do mesmo produto (RICHARDSON, 1971).

A forma mais simples do modelo CMS define que a parcela de mercado de um dado país é função de sua competitividade relativa (LEAMER; STERN, 1970):

$$S \equiv \frac{q}{Q} = f\left(\frac{c}{C}\right), f' > 0$$

Sendo:

$S$  = participação das exportações do país no comércio mundial;

$q$  = quantidade total exportada do país A;

$Q$  = quantidades totais exportadas do mundo;

$c$  = competitividade do país A;

$C$  = competitividade do mundo.

Derivando a quantidade exportada pelo país em relação ao tempo, obtém-se:

$$\frac{dq}{dt} = S \frac{dQ}{dt} + Q \frac{ds}{dt} \equiv s \frac{dQ}{dt} + Q f' \left[ \frac{\left( \frac{dc}{dC} \right)}{\frac{dC}{dt}} \right], f' > 0$$

(a)
(b)

O primeiro termo (a) representa a quantidade total exportada pelo país no período final, caso tivesse mantido a mesma participação de mercado adquirida no período inicial. O termo (a) representa a variação das exportações do país em função das mudanças na competitividade relativa do país.

Essa forma simplificada não contempla a participação dos países importadores no mercado do produto analisado.

Então partindo do pressuposto que exista um produto  $i$  a ser exportado e um país  $j$  importador, têm-se:

$$S_{ij} \equiv \frac{q_{ij}}{Q_{ij}} = f_{ij} \left( \frac{c_{ij}}{C_{ij}} \right), f'_{ij} > 0$$

Em que:

$i$  = produto;

$j$  = mercado de destino.

Dessa forma então o crescimento total das exportações é dado por:

$$\Delta q \equiv \sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^n s_{ij} \Delta Q_{ij} + \sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^n Q_{ij} \Delta s_{ij}$$

Expandindo:

$$\Delta q \equiv S \Delta Q + \left[ \sum_{i=1}^n (S_i \Delta Q_i - s \Delta Q) \right] + \left[ \sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^n s_{ij} \Delta Q_{ij} - \sum_{i=1}^n \Delta Q_i \right] + \sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^n Q_{ij} \Delta s_{ij}$$

(a)
(b)
(c)
(d)

Em que as quatro partes da equação acima correspondes a:

(a) Efeito crescimento do comércio;

(b) Efeito pauta das exportações;

- (c) Efeito destino das exportações;
- (d) Efeito competitividade.

Aplicando-se o modelo CMS para valores, num primeiro nível, considerando que exista um único produto e um único destino, têm-se:

$$V^1 - V^0 \equiv r V^0 + (V^1 - V^0 - r V^0)$$

(a)
(b)

Em que:

$V^0$  = valor total das exportações do país A, no período 0;

$V^1$  = valor total das exportações do país A, período 1;

$r$  = aumento percentual no total das exportações mundiais do período 0 para o 1.

A variação das exportações do país A de um período a outro está associada à variação das exportações mundiais (a) e a um efeito residual atribuído à competitividade (b).

Considerando que exista um produto  $i$  distinto a ser exportado, ainda considerando um único destino, têm-se:

$$V_i^1 - V_i^0 = r_i V_i^0 + (V_i^1 - V_i^0 - r_i V_i^0)$$

Em que:

$V_i^0$  = valor total das exportações do produto  $i$  do país A, período 0;

$V_i^1$  = valor total das exportações do produto  $i$  do país A, período 1;

$r_i$  = aumento percentual nas exportações do bem  $i$  do período 0 para o 1

Rearranjando os termos da equação temos:

$$V^1 - V^0 = r V^0 + \sum_{i=1}^n (r_i - r) V_i^0 + \sum_{i=1}^n (V_i^1 - V_i^0 - r_i V_i^0)$$

(a)
(b)
(c)

O efeito do crescimento das exportações apresentados na equação () resulta em três efeitos:

- (a)  $r V^0$ : efeito crescimento das exportações mundiais;
- (b)  $\sum_{i=1}^n (r_i - r) V_i^0$ : efeito composição dos bens do país A no período 1;
- (c)  $\sum_{i=1}^n (V_i^1 - V_i^0 - r_i V_i^0)$ : efeito competitividade: resíduo que indica a variação efetiva e a variação esperada nas exportação de cada grupo de bens.

Considerando que exista um país de destino  $j$ , têm-se:

$$V_{ij}^1 - V_{ij}^0 = r_{ij} V_{ij}^0 + (V_{ij}^1 - V_{ij}^0 - r_{ij} V_{ij}^0)$$

Em que:

$V_{ij}^1$ : valor das exportações do bem  $i$  pelo país A, no período 1, para o país  $j$ .

$V_{ij}^0$ : valor das exportações do bem  $i$  pelo país A, no período 0, para o país  $j$ ;

$r_{ij}$ : aumento percentual das exportações do bem  $i$  para o país  $j$  do período 0 para o 1.

Rearranjando os termos, resulta:

$$V^1 - V^0 = rV^0 + \sum_{i=1}^n (r_i - r)V_i^0 + \sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^n (r_{ij} - r_i)V_{ij}^0 + \sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^n (V_{ij}^1 - V_{ij}^0 - r_{ij}V_{ij}^0)$$

(a)                      (b)                      (c)                      (d)

A desagregação e rearranjo da equação acima pode explicar o crescimento das exportações pelos seguintes efeitos explicativos:

(a) efeito crescimento do comércio mundial:  $rV^0$  representa o crescimento observado se as exportações do país ou região tiveram crescido à mesma taxa de crescimento do comércio mundial.

(b) efeito composição da pauta: esse efeito,  $\sum_{i=1}^n (r_i - r)V_i^0$  representa a mudança na estrutura da pauta com concentração em mercadorias com maior crescimento da demanda. Se as exportações do produto  $i$  aumentarem mais que a média mundial  $(r_i - r)V_i^0$  é positivo. O resultado tornará forte esse efeito se  $V_i$  for relativamente grande. Neste caso o efeito composição da pauta será positivo se as exportações do país A estiverem concentradas no produto de maior expansão ou quando a taxa de crescimento for superior à média mundial.

(c) efeito destino das exportações: mudanças decorrentes das exportações de mercadorias para mercados de crescimento mais ou menos dinâmicos.

(d) efeito competitividade: o resíduo reflete a diferença entre o crescimento efetivo das exportações e o que teria ocorrido nas exportações do país ou bloco se a participação de cada bem, para os mercados compradores, tivesse sido mantida. A medida deste efeito residual está relacionada com as mudanças nos preços relativos, ou seja, os importadores tendem a substituir o consumo dos bens cujos preços se elevam pelo consumo daqueles com preços relativos menores. De acordo com Leamer e Stern (1970), além dos preços relativos, o efeito competitividade sofre influências de outros fatores como mudança tecnológica, medidas de incentivo, maiores ações de marketing, aprimoramento dos mecanismos de financiamento e crédito e habilidade para atender com prontidão as encomendas importadas. Os fatores que estão subjacentes ao conceito de competitividade não podem facilmente serem identificados. O efeito competitividade é quantificado sem envolver a identificação dos fatores explicativos desse indicador (DALTO, 2004). Em análise do complexo soja, Coronel concluiu que “[...] contudo é pertinente ressaltar que não se pode afirmar de maneira discriminada quais os

fatores que influenciaram o efeito competitividade, uma vez que esse é residual no modelo” (CORONEL, 2008, p. 90). “O efeito competitividade significa que uma economia é competitiva na produção de determinada mercadoria quando consegue pelo menos se igualar aos padrões de eficiência vigentes no resto do mundo quanto à utilização de recursos e à qualidade do bem.” (OLIVEIRA; FREITAS, 2005)

Por se tratar de análise para produto único, ou seja, efetuada individualmente para os dois produtos selecionados, o efeito pauta das exportações torna-se nulo, não fazendo parte das análises de CMS.

O método CMS apresenta limitações por “não permite desmembrar o efeito da taxa de câmbio, embora esta seja entendida como um importante componente do efeito endógeno de qualquer nação”. (NOCE; et. al., 2003, p. 700)

### 3.4 O período de análise

A série anual escolhida foi de 2001 a 2009. A escolha destes anos ocorreram pelos seguintes limitadores: (1) a base de dados da ferramenta *Trade Map* disponibiliza informações a partir do ano de 2001; (2) o ano de 2010 ainda possui inconsistências para a Argentina, o que provoca informações incompletas quando abordado o bloco Mercosul.

Dessa forma, foi considerado para análise a série anual para as análises de VCR e IOR.

O CMS deve ser analisado com um período maior de tempo, por causa de variações que podem ocorrer nas exportações num curto espaço de tempo, quando analisado períodos anuais. Portanto, para fins dessa pesquisa foram definidos três períodos de análise:

- Período I: 2001-2003;
- Período II: 2004-2006;
- Período III 2007-2009.

As comparações do CMS foram efetuadas em pontos discretos do tempo com análises do período II em relação ao I, do III ao II e do III ao I.

### 3.5 Mercado de origem

Foi considerado como mercados de origem os quatro Estados Partes do Mercosul, desde a fundação: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

A Venezuela não foi incluída na análise por dois motivos: (1) a sua entrada no bloco, como Estado Parte, somente ocorreu em 2006; (2) Conforme dados do *Trade Map* (2011) a

Venezuela é um potencial importador mundial de carne bovina, suas exportações de carne bovina foram insignificantes, quando comparadas com outros mercados.

### 3.6 Mercado de destino

Considerou-se como mercado de destino os principais parceiros comerciais (importadores de carne bovina) do Mercosul. Não foi levado em conta a importância individual do parceiro, mas sim o valor de carne bovina exportado pelo Mercosul para o mercado de destino.

Também foi considerado como parceiro os próprios países partes do Mercosul, inclusive Venezuela, exceto para as análises de CMS que exige a escolha de padrão de análise mais representativo, em função da sensibilidade do modelo (RICHARDSON, 1971).

Nas tabelas 2 e 3 são apresentados os principais mercados de destinos das exportações de carnes bovinas do Mercosul, a partir de 2001.

Sendo que os principais mercados de destinos para carnes bovinas, frescas ou refrigeradas (Tabela 2), são Chile, União Europeia 27 (UE27), OIC, Brasil, Suíça, Estados Unidos da América (EUA) e Venezuela.

**Tabela 2 - Principais mercados de destino das exportações de carnes bovinas frescas ou refrigeradas do Mercosul, em milhares de dólares FOB.**

Importador	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>World</b>	412.651	621.290	856.600	1.199.357	1.482.178	1.623.861	1.957.743	1.678.902	1.569.777
<b>UE27</b>	199.827	397.629	531.634	743.670	888.527	1.074.219	1.292.126	997.840	789.563
<b>Chile</b>	126.665	140.800	187.929	225.325	320.281	299.715	345.408	355.559	423.867
<b>OIC</b>	11.311	19.714	36.004	51.961	70.694	83.680	108.099	155.532	197.762
<b>Brasil</b>	38.309	46.213	38.880	63.608	61.388	53.810	77.772	85.659	70.961
<b>Suíça</b>	8.804	8.206	12.871	18.582	24.681	27.950	35.320	36.462	32.345
<b>EUA</b>	10.188	103	23.663	45.832	61.825	29.847	28.813	8.592	15.886
<b>Venezuela</b>	-	-	2.087	16.264	13.996	17.478	27.204	6.358	15.686
<b>Argentina</b>	10.972	2.979	5.690	2.315	2.466	3.583	3.282	3.994	1.441
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	268	7	-	2
<b>Uruguai</b>	-	772	34	724	1.695	39	634	211	-
<b>Resto do mundo</b>	6.575	4.874	17.808	31.076	36.625	33.272	39.078	28.695	22.264

Fonte: Elaborado com dados do ICT.

Como observado na Tabela 2, dos países do Mercosul, apenas o Brasil é um dos grandes importadores do próprio bloco. Os demais países, embora fazem parte do objeto da análise de IOR, não possuem exportações expressivas intrabloco.

Como mercado de destino para as exportações de carnes bovinas, congeladas, foram considerados os maiores importadores :Rússia, OIC, UE27, Grande China (Hong Kong,

China, Taipei Chinesa, Macau), Venezuela, Israel, EUA, Brasil, Chile (Tabela 3), além dos demais países do Mercosul.

**Tabela 3 - Principais mercados de destinos das exportações de carne bovina congelada do Mercosul, em milhares de dólares FOB.**

Importador	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	724.171	823.565	1.167.955	2.335.951	3.084.720	3.966.060	3.882.367	5.486.288	4.488.073
<b>UE27</b>	241.055	299.645	329.142	536.554	590.217	728.740	571.976	537.182	507.696
<b>OIC</b>	168.664	228.196	307.561	536.782	542.016	812.308	823.402	1.099.902	1.013.991
<b>Grande China</b>	29.498	29.191	37.418	51.339	48.856	63.938	105.433	255.018	395.680
<b>Rússia</b>	5.094	61.349	136.958	425.505	1.000.931	1.534.357	1.345.686	2.158.725	1.528.267
<b>Venezuela</b>	2.427	4.036	1.390	48.659	25.874	43.683	177.092	499.432	350.537
<b>Israel</b>	115.896	87.830	93.682	137.202	128.130	193.363	187.139	308.656	270.239
<b>Chile</b>	29.375	24.892	22.964	24.972	22.833	16.299	15.787	25.497	14.802
<b>Argentina</b>	595	253	125	92	255	346	320	500	236
<b>Brasil</b>	15.265	22.957	11.515	14.906	19.089	15.892	17.774	34.725	45.242
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Uruguai</b>	-	380	35	-	70	-	1.183	-	-
<b>Resto do Mundo</b>	116.302	64.836	227.165	559.940	706.449	557.134	636.575	566.651	361.383

Fonte: Elaborado com dados do ICT.

De forma análoga as exportações de carnes bovinas frescas ou refrigeradas, a Tabela 3 apresenta como importadores importantes intrabloco apenas o Brasil.



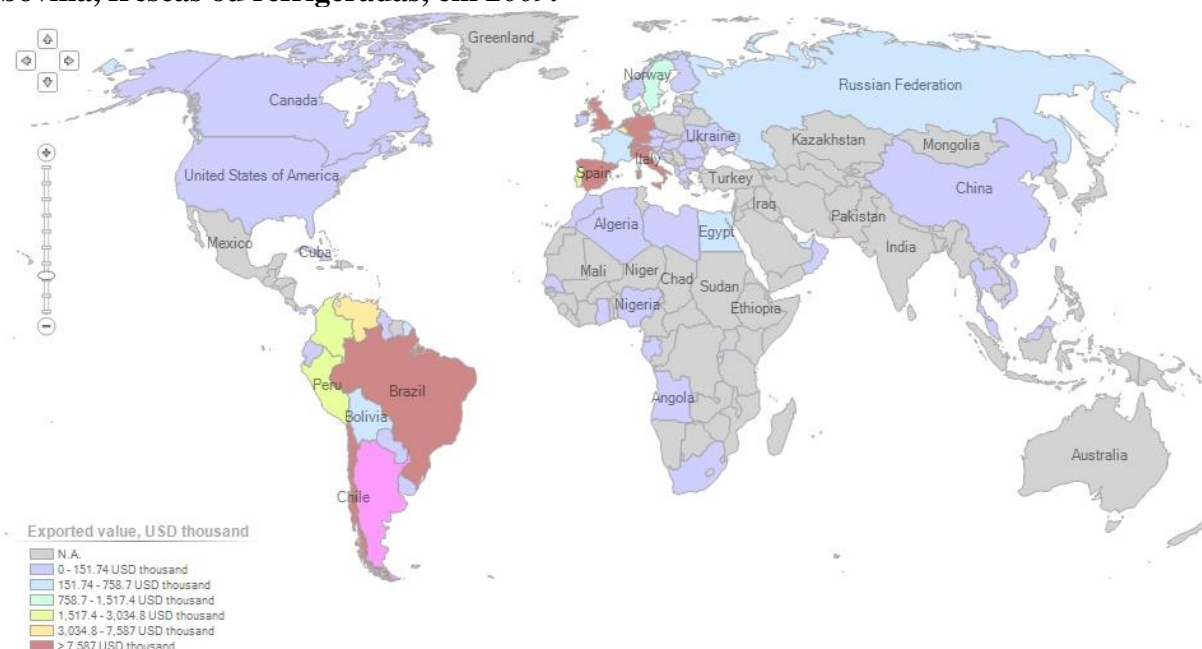
## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 O comércio de carnes argentino.

#### 4.1.1 Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas.

A carne bovina, fresca ou refrigerada exportada pela Argentina (Mapa 3), com dados de 2009, tem uma maior concentração na União Europeia, com um total de 506,7 milhões de dólares exportados para aquele bloco. A participação Argentina na exportação deste tipo de carne para a UE corresponde a 64,2% de toda exportação do Mercosul, em 2009.

**Mapa 3 - Principais destinos das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, em 2009.**



Fonte: Elaborado pela ferramenta MAP do ITC com estatísticas do COMTRADE.

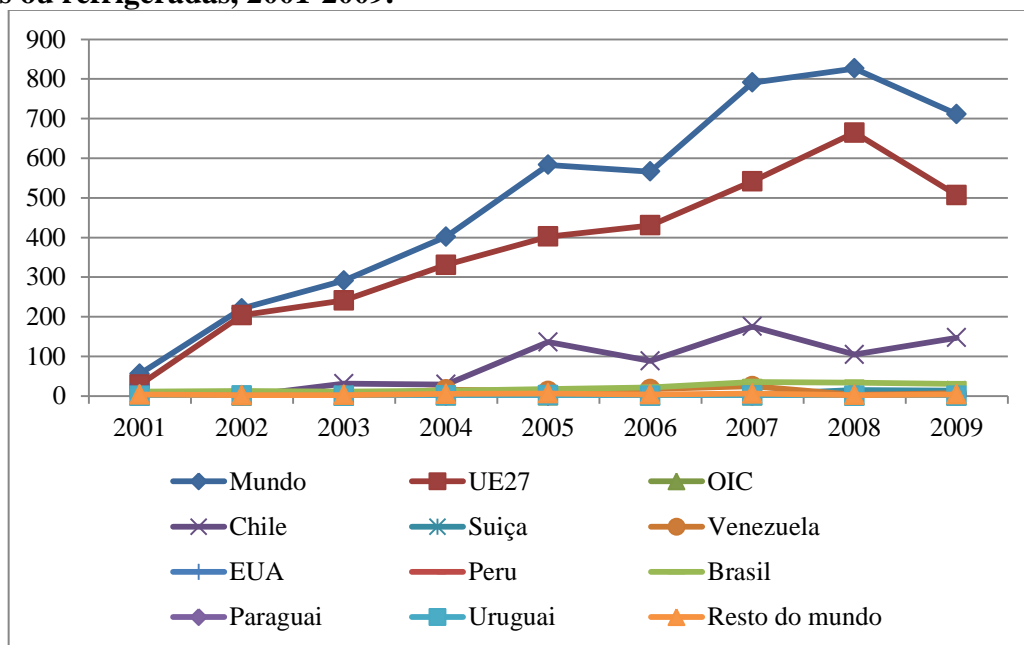
Fora da UE o Chile foi o maior importador de carnes bovinas frescas ou refrigeradas da Argentina, sendo que em 2009 o valor total importado foi de 146,9 milhões de dólares. O Brasil, principal parceiro da Argentina também tem destaque, com importação de 30 milhões de dólares.

Quanto a OIC (Organização da Conferência Islâmica), a Argentina exportou pouco para aquele bloco, apenas 1,2 milhões de dólares, valor pequeno quando comparado ao volume total exportado pelo Mercosul que foi de 197 milhões de dólares.

Ressalta-se que as exportações Argentinas cresceram substancialmente de 2001 a 2009, conforme apresentado no Gráfico 2. As importações que mais evoluíram nesse período foram as da UE, com oscilações para baixo apenas em 2009. As exportações para o Chile

também teve um crescimento importante, porém com oscilações tanto para baixo como para cima.

**Gráfico 2 - Evolução das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**



Fonte: Elaborado com dados do ICT.

Os demais países pouco contribuíram para o crescimento das exportações argentinas de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas.

A Argentina ainda foi o principal exportador de carnes bovinas frescas ou refrigeradas no Mercosul, com um *market share*, no bloco, de 45,31%.

#### 4.1.1.1 Vantagem Comparativa Revelada

O índice de VCR para as exportações argentinas de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas no período de 2001-2009 sofreu importante crescimento. Este índice saltou de 1,74, em 2001, para 6,44, em 2002. De 2003 a 2005 o crescimento do índice continuou ocorrendo, passando para 7,19, 9,36 e 11,60. Uma pequena queda ocorreu em 2006, quando este índice voltou novamente a 9,95. Um novo crescimento foi registrado em 2007 e nos anos seguintes queda para 9,89 e 9,05 nos anos de 2008 e 2009 respectivamente (Tabela 4).

Os índices apresentam Vantagem Comparativa Revelada em todo o período analisado.

Como o índice de VCR foi maior que 1 em todo o período analisado, fica evidenciada vantagem comparativa revelada.

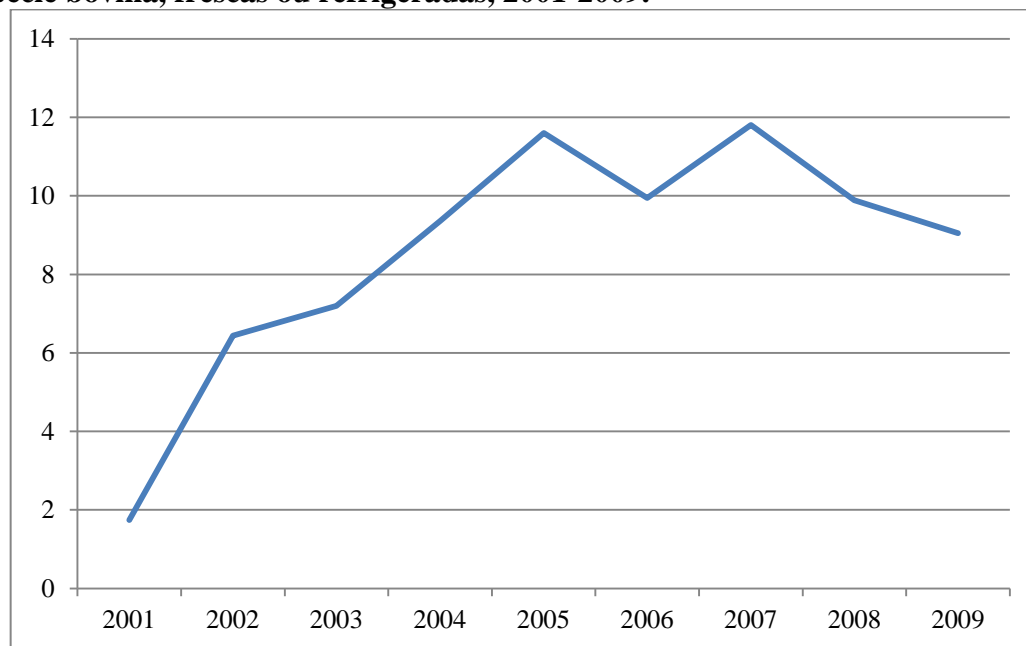
**Tabela 4 – Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>VCR</b>	1,74	6,44	7,19	9,36	11,60	9,95	11,80	9,89	9,05
<b>VCR simétrica</b>	0,27	0,73	0,76	0,81	0,84	0,82	0,84	0,82	0,80

Fonte: Resultados da pesquisa.

O gráfico 3, possibilita uma melhor visualização da evolução do índice de VCR.

**Gráfico 3 - Evolução do índice de VCR das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa.

O valor positivo do índice de VCR simétrica comprova vantagem comparativa. Mas a vantagem da utilização deste segundo índice está em poder verificar se a VCR obtida é alta ou baixa. Para o VCR simétrica, quanto mais próximo de 1, maior vantagem comparativa o país obtém no produto exportado. É evidente que em todo tempo houve VCR, entretanto, foi a partir de 2004 que o índice superou 0,8.

#### 4.1.1.2 Índice de Orientação Regional

O IOR calculado para os principais blocos ou países indicou que as exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, exportadas pelo mercado argentino estão mais direcionadas para a UE (Tabela 5).

O volume de exportações argentinas em 2001 era ainda muito pequeno, se comparado com outros exportadores mundiais. Já em 2001 o IOR para a UE era de 4,85 e em 2002 saltou para 45,69.

A Argentina é o país que tem a maior participação de exportação de carne bovina sem osso, de alta qualidade para a UE, beneficiada pela cota Hilton, que era de 28.000 toneladas por ano. Entretanto, a orientação para esse bloco não acompanhou o crescimento das exportações argentinas de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas. O orientação para a UE ainda é alto, mas, tem oscilado desde 2003, quando o índice foi de 18,89. A queda observada em 2009 indica que as exportações não estão sendo direcionadas para o mercado da UE. Uma das causas que podem explicar essa queda pode ser a crise global de 2008 que teve seus maiores reflexos em 2009.

**Tabela 5 – Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>UE27</b>	4,85	45,69	18,89	20,80	10,75	15,00	10,15	17,72	10,95
<b>OIC</b>	0,00	0,01	0,01	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,02
<b>Chile</b>	1,11	0,00	0,89	0,63	2,41	1,77	3,52	2,00	3,04
<b>Suíça</b>	3,41	1,68	6,56	8,57	1,80	0,30	0,51	1,67	1,11
<b>Venezuela</b>	-	-	1,54	3,31	1,69	1,80	1,50	0,19	0,51
<b>EUA</b>	0,88	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Peru</b>	0,73	0,37	0,55	0,58	0,39	0,19	0,18	0,12	0,16
<b>Brasil</b>	0,79	0,26	0,21	0,19	0,16	0,19	0,20	0,18	0,17
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	0,03	-	-	-
<b>Uruguai</b>	-	0,16	0,01	0,09	0,13	0,00	0,04	0,01	-

Fonte: Resultados da pesquisa.

O índice observado para a OIC foi muito pequeno, aproximando-se de zero. Diferentemente de outros países do Mercosul que apresentaram um índice maior para esse mercado.

A orientação para o Chile, com algumas oscilações, vem apresentando evolução.

#### 4.1.1.3 Constant Market Share

As análises de CMS foram efetuadas utilizando como mercado de destino os principais importadores do Mercosul para as exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas e os demais países do bloco como importadores. No caso da Argentina foram considerados os mercados destinos UE27, Chile, Brasil e o Resto do Mundo.

De acordo com a Tabela 6, os componentes do crescimento das exportações Argentinas, do período II em relação ao período I foram os efeitos crescimentos do comércio mundial e o efeito competitividade. O efeito crescimento do comércio mundial contribuiu

com 96,13% do crescimento das exportações, enquanto o efeito competitividade contribui com 55,67%. O resultado negativo dos destinos das exportações, -51,80%, indica que as exportações argentinas de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, no período II em relação ao período I, indica que as exportações foram destinadas a mercados menos dinâmicos.

**Tabela 6 - Resultados do *Constant Market Share* (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

Componentes	Período I (2001-2003)		Período II (2004-2006)		Período I (2001-2003)	
	Período II (2004-2006)		Período III (2007-2009)		Período III (2007-2009)	
	Valor	Percentual	Valor	Percentual	Valor	Percentual
Efeito total	983.162	100,00%	777.248	100,00%	1.760.410	100,00%
Efeito crescimento do comércio mundial	945.094	96,13%	608.431	78,28%	945.094	53,69%
Efeito destino das exportações	-509.279	-51,80%	-44.154	-5,68%	-509.279	-28,93%
Efeito competitividade	547.347	55,67%	212.970	27,40%	1.324.595	75,24%

Fonte: Resultados da pesquisa.

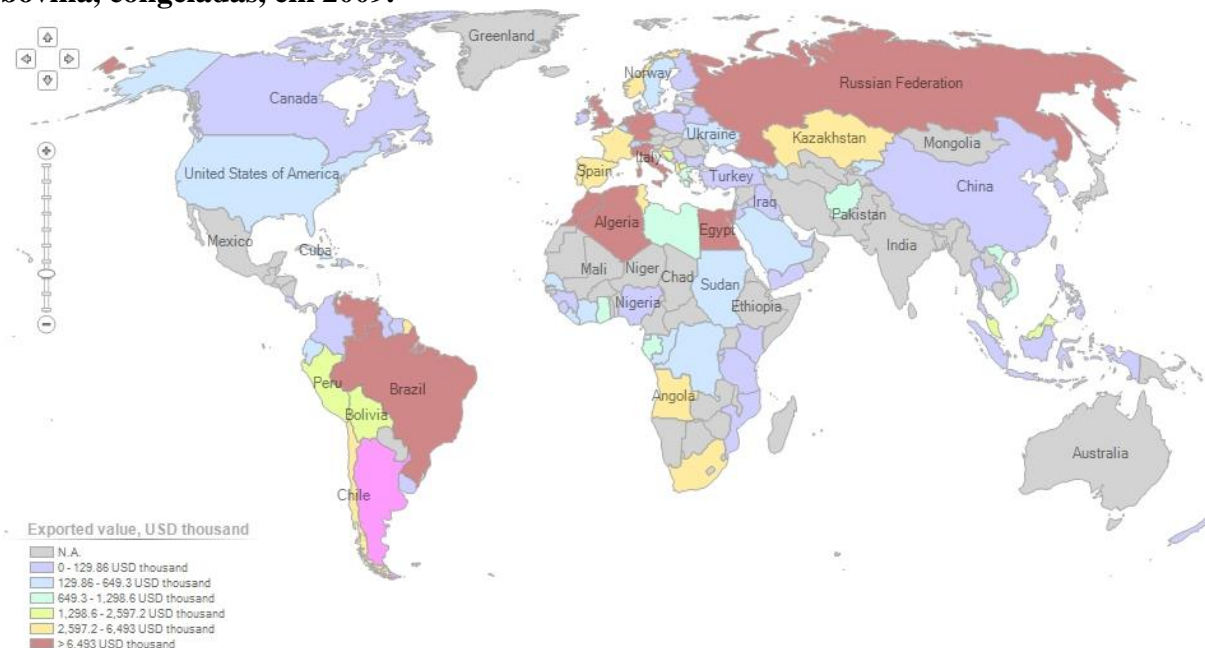
Quando analisadas as fontes de crescimento do período III em relação ao período II verifica-se que os componentes que contribuíram para o crescimento das exportações foram o efeito crescimento do comércio mundial, contribuindo com 78,28%. O efeito residual representando a competitividade 27,40%. O efeito destino das exportações, contribuindo com -5,68% indica que as exportações argentinas de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, foram exportadas para destinos menos dinâmicos do comércio mundial.

As análises efetuadas do período III em relação ao período I indicam que os componentes efeito crescimento do comércio mundial e o efeito competitividade foram os fatores que contribuíram para o crescimento. O efeito negativo, -28,93%, do efeito destino das exportações indicam que as exportações foram destinadas a mercados menos dinâmicos do comércio mundial. Se as exportações argentinas de carnes frescas fossem mantidas constantes no comércio mundial, elas seriam maiores na ausência deste efeito.

#### 4.1.2 Carnes de animais da espécie bovina, congeladas.

O destaque das exportações argentinas de carnes bovinas congeladas em 2009 foi para a Rússia, o que correspondeu a 39,45% do total de carnes bovinas congeladas exportadas naquele ano. Além da Rússia, destacam-se como principais importadores UE27, Venezuela, Israel e Brasil (Mapa 4).

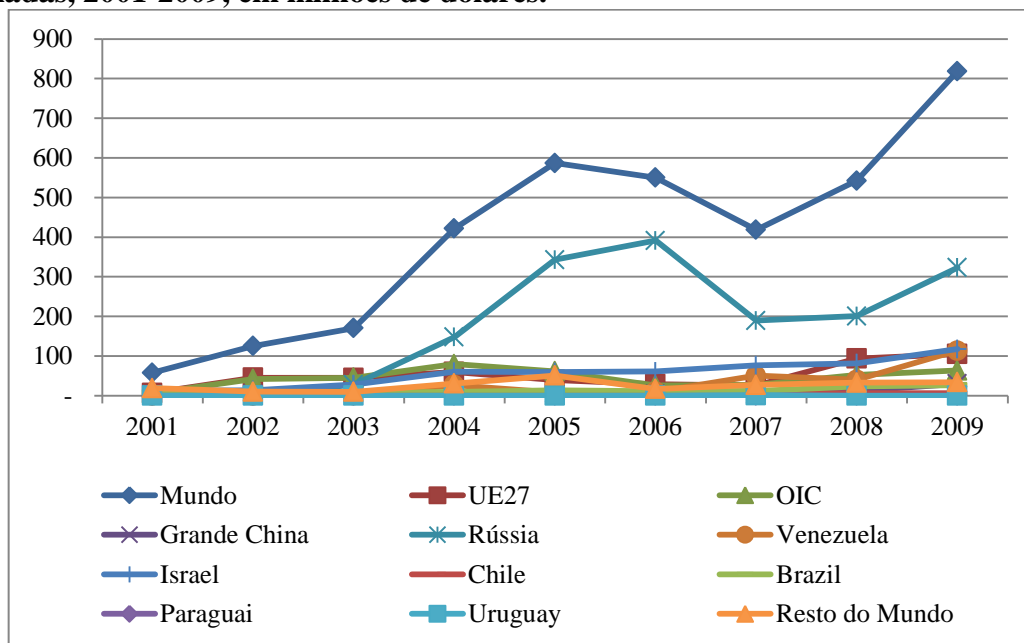
**Mapa 4 - Principais destinos das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em 2009.**



Fonte: Elaborado pela ferramenta MAP do ITC com estatísticas do COMTRADE.

Em 2009 a Argentina foi o segundo maior exportador de carnes bovinas congeladas, com um total de 818,5 milhões de dólares FOB.

**Gráfico 4 – Evolução das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009, em milhões de dólares.**



Fonte: Elaborado com dados do ICT.

De 2001 a 2005 as exportações argentinas de carnes bovinas, congeladas, cresceu, conforme apresentado no gráfico 4. Em 2006 e 2007 houve queda no total de exportações. Em 2008 e 2009 o total exportado voltou a crescer. Como pode ser observado a Rússia foi o

principal mercado que influenciou na evolução das exportações argentinas no período analisado.

#### 4.1.2.1 Vantagem Comparativa Revelada

Durante todo o período analisado a Argentina apresentou VCR. Embora o índice obtido em 2001 tenha sido de 2,48, menor que os demais apresentados nos anos seguintes, este valor indica VCR por ser maior que 1 (Tabela 7).

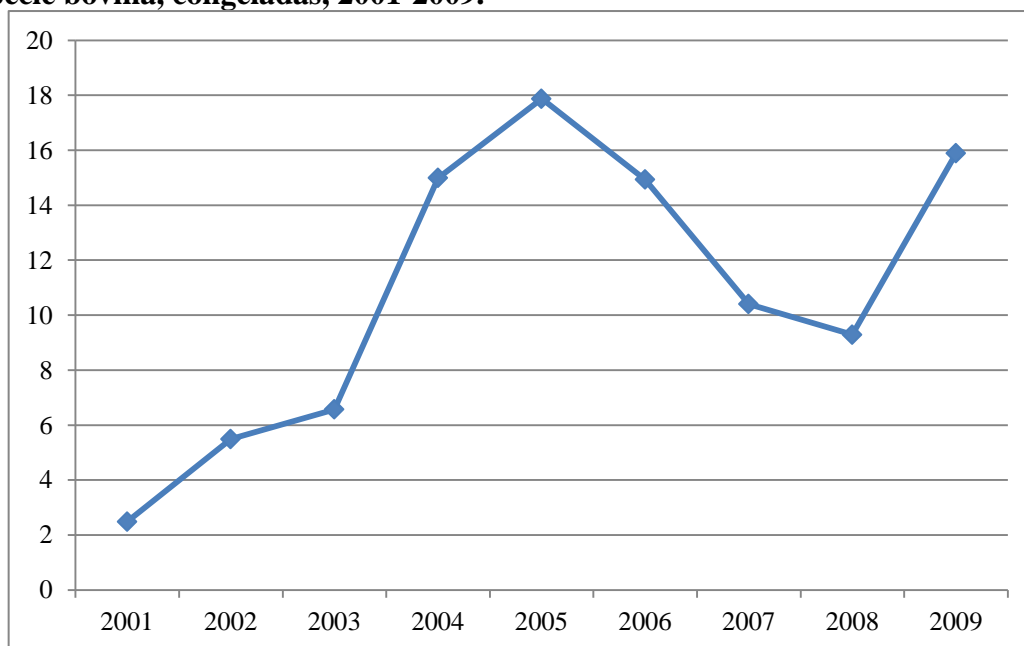
**Tabela 7 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>VCR</b>	2,48	5,49	6,57	14,99	17,87	14,93	10,40	9,29	15,89
<b>VCR simétrica</b>	0,43	0,69	0,74	0,87	0,89	0,87	0,82	0,81	0,88

Fonte: Resultados da pesquisa.

Houve crescimento de VCR de 2001 a 2005 e queda do índice no período de 2006 a 2008 e em 2009 o índice voltou a crescer (gráfico 5).

**Gráfico 5 - Evolução do índice de VCR das exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa.

Embora tenha ocorrido as oscilações, o índice foi superior a 0,80 a partir do ano de 2004, quando analisado o índice de VCR simétrica. Outro ponto a ser considerado é que o índice VCR simétrico foi positivo em todo o período, dessa forma apresentando VCR. Mesmo com as quedas do índice no período de 2006-2008, o índice manteve respectivamente 0,87, 0,82 e 0,81.

#### 4.1.2.2 Índice de Orientação Regional

As análises do IOR indicam que as exportações argentinas de carnes bovinas congeladas, no período analisado têm grande orientação para os mercados da Rússia e Israel.

**Tabela 8 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>UE27</b>	0,62	2,16	1,39	0,74	0,35	0,26	0,31	0,90	0,65
<b>OIC</b>	1,22	5,07	4,06	2,21	1,14	0,53	0,64	0,87	0,71
<b>Grande China</b>	0,86	0,66	0,35	0,19	0,11	0,07	0,08	0,22	0,48
<b>Rússia</b>	1,74	0,16	29,35	51,69	82,77	124,98	58,02	41,76	43,33
<b>Venezuela</b>	0,14	0,19	1,12	5,36	1,08	0,99	6,33	3,83	8,45
<b>Israel</b>	89,46	51,15	59,50	32,83	21,53	42,83	58,36	56,17	34,80
<b>Chile</b>	0,14	0,00	0,02	0,01	0,08	0,04	0,16	0,16	0,08
<b>Brasil</b>	0,60	0,36	0,25	0,12	0,12	0,10	0,13	0,19	0,13
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Uruguai</b>	-	0,14	-	-	0,01	-	0,13	-	-

Fonte: Resultados da pesquisa.

A Tabela 8 mostra a evolução desse índice para os principais importadores. Em 2001 as exportações argentinas foi de apenas 57,2 milhões de dólares e o principal importador foi Israel, que teve um IOR de 89,46. Entretanto, a Tabela 8, mostra que no decorrer do período analisado houve oscilações do índice, com decréscimo já em 2002, quando o índice caiu para 51,15. Em 2003 o índice voltou a crescer, mas ainda foi inferior ao ano de 2001. Nos demais anos o índice sofreu novas oscilações, fechando em 2009 em 34,80, demonstrando que as exportações já não tem mais a mesma orientação dos anos anteriores.

O mercado Russo, que timidamente tinha uma pequena orientação nos anos de 2001 e 2002, 1,74 e 0,16 respectivamente, teve forte orientação nos anos seguintes com os índices de 29,35, 51,69, 82,77 e 126,98 para os anos de 2003-2006, respectivamente. O salto no IOR para o mercado russo no período de 2004-2006 pode ser explicado pela assinatura de acordo entre Argentina e Rússia em fevereiro de 2004 para a exportação de carnes certificadas do mercado argentino (FUENTES, 2009). Observa-se que embora ainda seja alto o IOR para a Rússia, a partir de 2007 houve quedas significativas do índice.



#### 4.1.2.3 Constant Market Share

As análises do CMS para as exportações argentinas de carnes de animais bovinas, congeladas, foram efetuadas considerando os mercados da UE27, OIC, Grande China, Rússia e Resto do Mundo.

De acordo com a Tabela 9 o efeito crescimento do comércio mundial influenciou o crescimento do comércio de carnes bovinas, congeladas, nas três comparações realizadas.

Na análise efetuada do período II em relação ao período I, verifica-se que o efeito crescimento do comércio mundial contribuiu com 20,10% e o efeito competitividade contribuiu com 81,55%. Esta análise permite inferir que o comércio de carnes bovinas, congeladas, exportadas pela Argentina foi competitiva nas relações dos períodos analisados. O componente efeito destino das exportações, -1,64%, indicou que as exportações argentinas foram efetuadas para destinos menos dinâmicos do comércio mundial. Considerando a ausência deste último efeito, se as exportações argentinas fossem mantidas constantes seriam maiores.

**Tabela 9 - Resultados do *Constant Market Share* (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

Componentes	Período I (2001-2003)		Período II (2004-2006)		Período I (2001-2003)	
	Período II (2004-2006)		Período III (2007-2009)		Período III (2007-2009)	
	Valor	Percentual	Valor	Percentual	Valor	Percentual
<b>Efeito total</b>	1.205.330	100,00%	220.728	100,00%	1.426.058	100,00%
<b>Efeito crescimento do comércio mundial</b>	242.244	20,10%	311.993	141,35%	242.244	16,99%
<b>Efeito destino das exportações</b>	-19.817	-1,64%	992.414	449,61%	-19.817	-1,39%
<b>Efeito competitividade</b>	982.903	81,55%	-1.083.679	-490,96%	1.203.631	84,40%

Fonte: Resultados da pesquisa.

A análise do período III em relação ao período II mostra que o efeito crescimento do comércio mundial contribuiu mais que a análise da relação do período II com o I, contribuindo com 141,35%. O efeito destino das exportações foi o que mais contribuiu nesta análise. Considerando os mesmos mercados de destino, observa-se que as exportações foram destinadas para mercados mais dinâmicos do comércio mundial. Entretanto, o resultado encontrado para o efeito competitividade demonstrou que no período analisado as exportações de carnes bovinas, congeladas, pela Argentina não foram competitivas.

A análise do período III em relação ao período I indica quem os efeitos que contribuíram para o crescimento das exportações argentinas de carnes bovinas, congeladas, foram o efeito crescimento do comércio mundial e o efeito competitividade. O efeito crescimento do comércio mundial contribuiu, com 16,99%, enquanto o efeito competitividade foi o que mais contribuiu, com 84,40% indicando que as exportações foram competitivas no período analisado. O efeito destino das exportações com -1,39% indicam que as exportações foram destinadas para mercados menos dinâmicos do comércio mundial, embora esse índice seja pequeno.

## **4.2 O comércio de carnes brasileiro.**

De acordo com a AgraFNP (2010), publicada no ANUALPEC 2010 o crescimento do rebanho bovino brasileiro apresentou crescimento nos anos de 2001 a 2004 e apresentou quedas nos anos seguintes até 2007, só então retomou crescimento nos anos de 2008 e 2009. O total do rebanho saltou de 167 milhões de cabeças em 2001 para 176 milhões em 2005. As quedas registradas levaram ao efetivo de 168 milhões em 2007, o que pode ter contribuído para quedas nas exportações nos anos de 2007 e 2008. (AGRAFNP, 2010)

O efetivo por região teve destaque para região norte que teve crescimento de cerca de 10 milhões de cabeças no período, saltando de 25 milhões de cabeças, em 2001, para 36 milhões, em 2009. As regiões sul e nordeste tiveram certa estabilidade ou pequeno crescimento. As regiões sudeste e centro-oeste (maior quantidade de cabeças) tiveram decréscimo no efetivo total, no período analisado. (AGRAFNP, 2010)

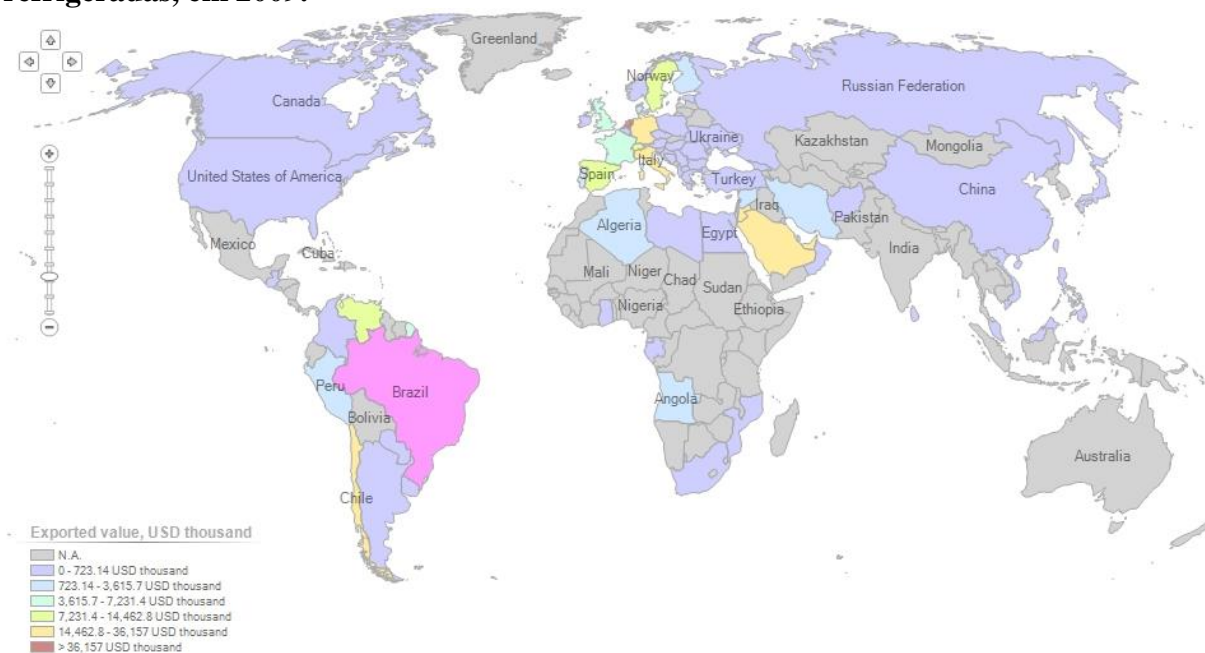
Embora a oscilação do efetivo total tenha demonstrado redução em certo período, o abate foi crescente até 2006, registrando em 2001 35,7 milhões de cabeças abatidas e em 2006 46,7 milhões de cabeças, e quedas nos anos de 2007, com 42,2 milhões de cabeças abatidas e 39,5 milhões em 2008 e 40 milhões em 2009. (AGRAFNP, 2010)

### **4.2.1 Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas.**

As exportações brasileiras de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, no ano de 2009 representou 23,40% do total exportado em dólar pelos países do Mercosul. Esse percentual definiu o Brasil como o segundo maior exportador de carnes bovinas congeladas, do Mercosul. Ressalta-se que a liderança dessas exportações no Bloco é da Argentina e Brasil, Paraguai e Uruguai se alternam na segunda posição.

Em 2009, os principais destinos das exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, foram para os mercados da OIC e UE27, com participação de 35,5% e 40,46% do total exportado. Quando analisado economias individuais o Chile foi o principal destino, com 19,13% do total, em dólares.

**Mapa 5 - Principais destinos das exportações brasileiras de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, em 2009.**



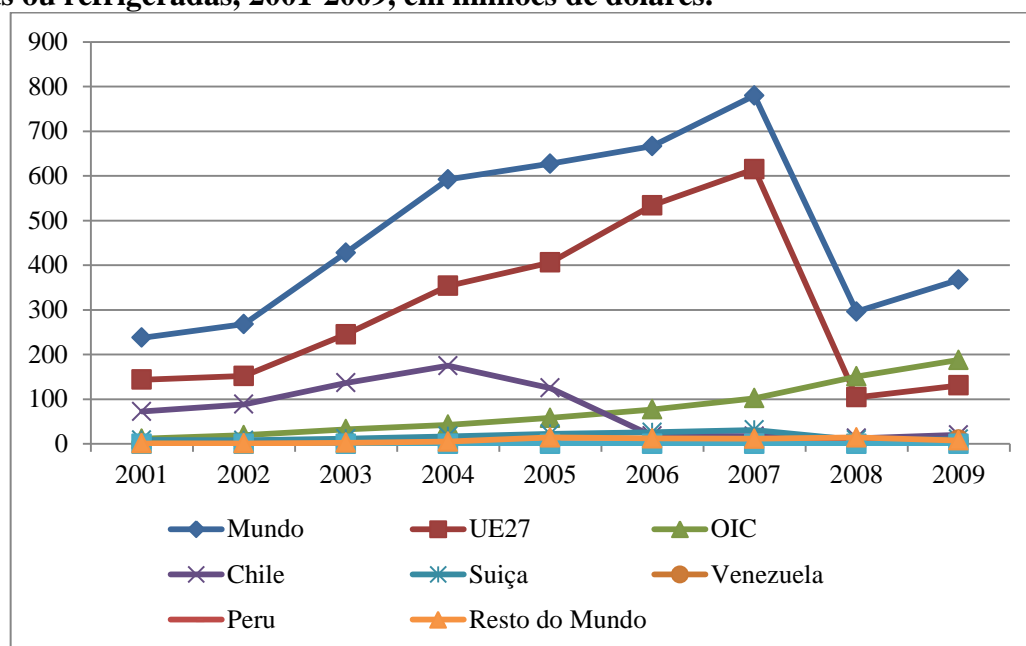
Fonte: Elaborado pela ferramenta MAP do ITC com estatísticas do COMTRADE.

Até 2007 a UE27 era o principal importador brasileiro de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas. Conforme observado no Gráfico 6, houve crescimento das exportações dessa *commodity* impulsionada pela UE27. Nos anos seguintes houve queda acentuada, a UE27 deixou de ser o principal importador, dando lugar a OIC, que tem apresentado crescimentos anuais.

Outra explicação para a queda nas exportações dessa *commodity* pode ser o fato de que a especialização brasileira nas exportações de carnes bovinas frescas ou refrigeradas (Tabela 10) é evidentemente menor que as exportações de carnes bovinas congeladas (Tabela 13). Essas dificuldades podem ocorrer em função das dimensões continentais do Brasil e também por possuir um sistema logístico insuficiente para transporte das produções nas regiões produtoras do Norte e Centro-Oeste do País.

Observa-se que não houve crescimento das exportações após o reconhecimento de área livre de aftosa pela UE de algumas das regiões brasileiras das quais havia suspensão desde 2005 (FAO, 2008).

**Gráfico 6 - Evolução das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009, em milhões de dólares.**



Fonte: Elaborado com dados do ICT.

Os efeitos dessa evolução poderão ser mais bem assimilados com as análises dos índices de VCR, IOR e também pela análise do CMS.

#### 4.2.1.1 Vantagem Comparativa Revelada

Conforme apresentado na tabela 10, o Brasil apresenta VCR para as exportações de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, no período analisado.

**Tabela 10 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

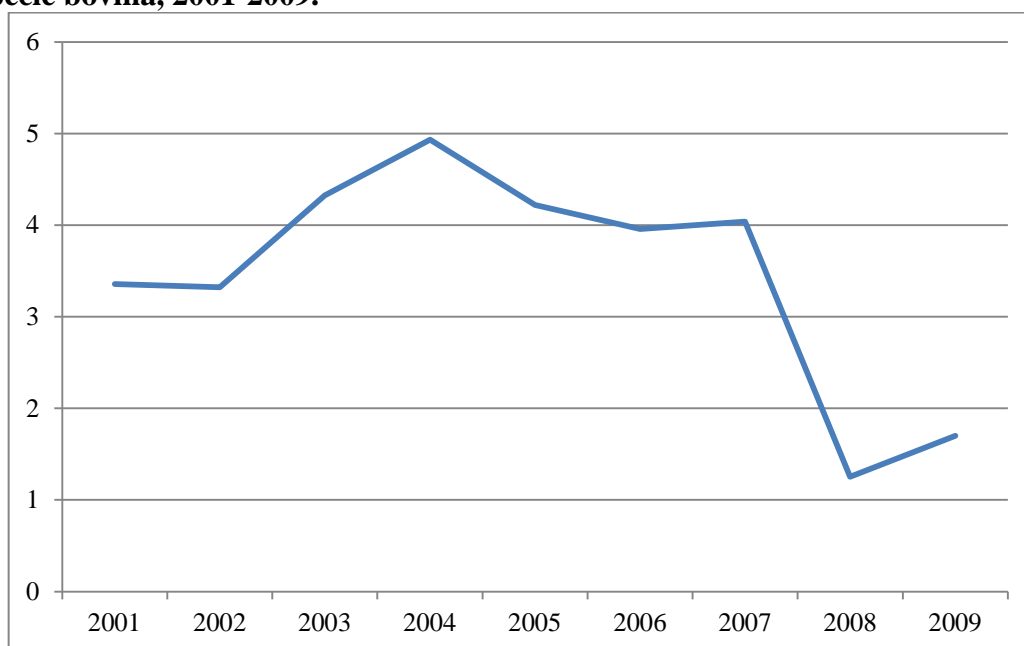
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>VCR</b>	3,36	3,32	4,33	4,93	4,22	3,96	4,04	1,25	1,70
<b>VCR simétrica</b>	0,54	0,54	0,62	0,66	0,62	0,60	0,60	0,11	0,26

Fonte: Resultados da pesquisa.

No período de 2001-2007 o índice de VCR manteve-se acima de 3,0. Houve uma pequena queda no ano de 2002, crescimento nos anos de 2003 e 2004, e quedas nos anos de 2005 e 2006, um pequeno crescimento em 2007 e queda acentuada em 2008 e um pequeno crescimento em 2009.

Os índices de VCR simétrica, positivos, demonstram que o país teve VCR. De 2001 a 2007 o índice foi superior a 0,54, chegando ao pico de 0,66 em 2004. Como o índice é maior quanto mais próximo de 1, verifica-se que, embora com VCR, o índice foi pequeno em 2008 e 2009, respectivamente com 0,11 e 0,26.

**Gráfico 7 - Evolução do índice de VCR das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa

Essa queda da especialização a partir de 2004, observada no Gráfico 7, pode ter ocorrido pelo aumento da especialização nas exportações de carne bovina congelada (Tabela 13).

#### 4.2.1.2 Índice de Orientação Regional

Ao longo do período pesquisado observou-se que o IOR das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, oscilou bastante (Tabela 11).

**Tabela 11 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>UE27</b>	4,21	3,73	3,86	4,32	6,20	13,79	11,06	1,76	1,93
<b>OIC</b>	0,69	0,93	1,04	0,92	1,16	1,32	1,64	11,09	8,86
<b>Chile</b>	18,41	19,78	17,70	15,40	7,90	0,95	0,83	1,75	3,24
<b>Suíça</b>	5,16	4,07	6,10	7,92	8,04	6,46	5,70	4,13	2,28
<b>Venezuela</b>	-	-	-	0,01	0,13	-	0,11	0,41	1,02
<b>EUA</b>	0,00	0,00	-	0,00	-	0,00	0,00	-	0,00
<b>Peru</b>	0,00	-	0,04	-	-	0,04	0,11	0,79	0,66
<b>Argentina</b>	0,04	-	-	-	-	0,00	-	-	-
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	-	0,00	-	-
<b>Uruguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Resultados da pesquisa.

Observa-se que houve orientação das exportações para a UE27, OIC, Chile, Suíça, Venezuela e Peru, conforme apresentado na Tabela 11.

O IOR calculado para a UE27 indicou queda na orientação nos anos de 2002, em relação ao ano de 2001. De 2003 a 2006, os novos índices indicaram que houve crescimento na orientação para esse bloco. Respectivamente para os anos de 2002, 2004, 2005 e 2006 o índice foi de 3,86, 4,32, 6,20, 13,79. Em 2007 o índice, de 11,06, foi menor que o índice de 2006, porém ainda alto, se comparado com os anos anteriores. Entretanto, o índice apresentou queda brusca caindo para 1,76 e 1,93, respectivamente para os anos de 2008 e 2009. Essas quedas coincidem com o período inicial da crise financeira global de 2008<sup>4</sup>.

Já para a OIC o índice era pouco representativo no período de 2001 a 2007, partindo de 0,69 e chegando ao pico de 1,64 em 2007. A evolução do índice sofreu pequenas oscilações, no entanto, a evolução ocorreu para uma maior orientação para os países da OIC. Mas foi em 2008 e 2009 que o índice foi bastante representativo, sendo respectivamente de 11,09 e 8,86, ao contrário do que ocorreu com a UE27.

Já para o Chile, a Tabela 11, mostra claramente que em determinados momentos as exportações para este país deixaram de ser significativas. Com um índice alto de 18,41 em 2001, 19,78 em 2002 o índice entrou em queda a partir de 2003, partindo de 17,70 para 0,83 em 2007. A evolução ocorrida em 2008 e 2009 começam a indicar que as exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas estão novamente sendo orientadas para o Chile, ainda que o índice seja pequeno, o crescimento é indicativo de orientação regional. O que também pode ser explicado é que o Paraguai (Tabela 17) aumentou sua orientação nas exportações para o mercado chileno a partir de 2005 e também o Uruguai teve grande participação em 2006 na exportação de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas para o Chile.

As exportações para a Suíça também indicaram perca da orientação regional. O IOR apresentou bastantes oscilações no período de 2001 a 2009. Em 2005 o índice atingiu o pico de 8,04, mas desde então manteve quedas nos anos seguintes, chegando ao IOR de 2,28 em 2009.

Uma explicação possível para a queda no IOR para os países analisados pode ser o aumento do consumo no mercado brasileiro, ou ainda a exportação de carnes congeladas, ou

---

<sup>4</sup> A crise financeira global de 2008 ocorreu em decorrência da elevação da inadimplência e da desvalorização dos imóveis e dos ativos financeiros associados às hipotecas americanas de alto risco (*subprime*). Teve início em meados de 2007, mas foi a partir de 2008 que tomou proporção global.

ainda a imposição de barreiras tarifárias ou não tarifárias para as importações dessa *commodity* brasileira.

#### 4.2.1.3 Constant Market Share

Para a análise de CMS das exportações brasileiras de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, tiveram como principais mercados de destino a UE27, OIC.

De acordo com a Tabela 12, as análises do período II em relação ao período I indicaram que o efeito que mais contribuiu para a evolução das exportações brasileiras de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, foi o efeito crescimento do comércio mundial, que contribuiu com 64,21%. O efeito competitividade contribuiu com 38,71%, enquanto o efeito destino das exportações, que foi negativo, apresentando o percentual de -2,92% indicou que as exportações brasileiras dessa *commodity* foram destinadas para mercados menos dinâmicos do comércio mundial.

**Tabela 12 - Resultados do *Constant Market Share* (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

Componentes	Período I (2001-2003)		Período II (2004-2006)		Período I (2001-2003)	
	Período II (2004-2006)		Período III (2007-2009)		Período III (2007-2009)	
	Valor	Percentual	Valor	Percentual	Valor	Percentual
<b>Efeito total</b>	952.550	100,00%	-442.789	100,00%	509.761	100,00%
<b>Efeito crescimento do comércio mundial</b>	611.607	64,21%	1.220.773	-275,70%	611.607	119,98%
<b>Efeito destino das exportações</b>	-27.768	-2,92%	-444.686	100,43%	-27.768	-5,45%
<b>Efeito competitividade</b>	368.712	38,71%	-1.218.876	275,27%	-74.077	-14,53%

Fonte: Resultados da pesquisa.

Os resultados da análise do período III em relação ao período II indicaram uma evolução negativa do crescimento das exportações. Mostraram que o principal componente do crescimento das exportações brasileiras de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas foi o efeito competitividade e o segundo efeito que mais contribuiu foi o efeito destino das exportações. Entretanto esses efeitos não foram grandes o suficiente para anular o efeito negativo do efeito crescimento do comércio mundial, que foi de -275,70, principal componente da redução das exportações na variação do período III em relação ao período II Isso implica que as exportações foram competitivas e direcionadas para mercados dinâmicos do comércio mundial. Esse efeito negativo alto, crítico do modelo, é relacionado pela escolha dos destinos de exportação.





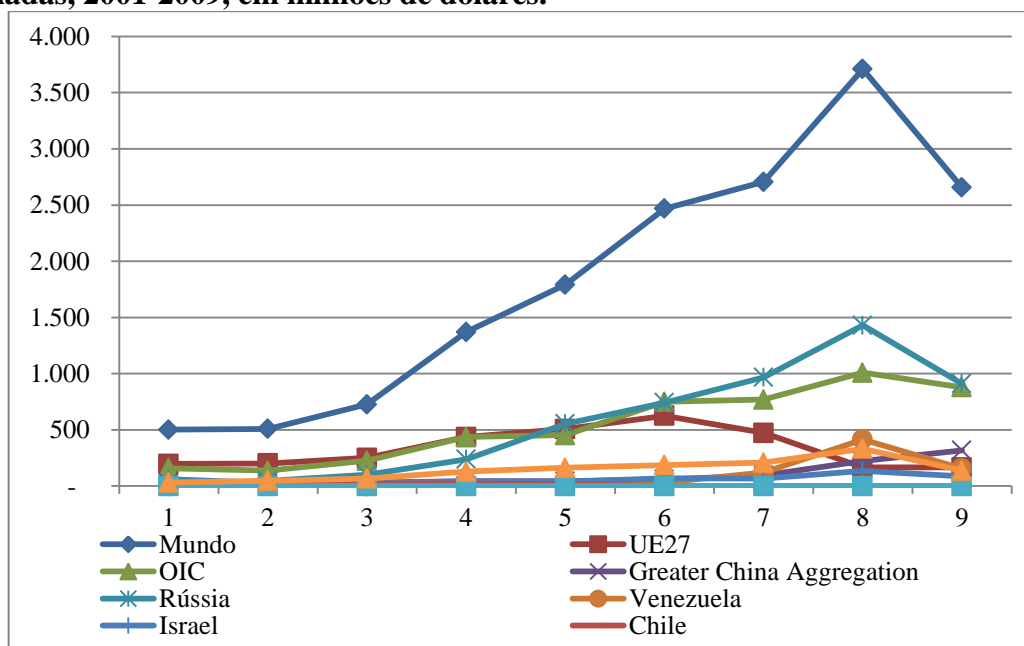
O principal mercado importador de carnes bovinas, congeladas, brasileiras em 2001 era a UE27, com total de 197,6 milhões de dólares, seguida pela OIC, com total importado de 158,8 milhões de dólares.

As exportações para a UE27 cresceram até 2006, chegando a 626 milhões de dólares neste ano. A partir de então as exportações para este bloco apresentou quedas, sendo que em 2008 e 2009 o valor exportado foi inferior às exportações de 2001, sendo respectivamente os valores de 166,6 e 166,3 milhões de dólares respectivamente.

Segundo estudos realizados (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008; MACHADO; CARVALHO; SANTANA, 2006), o Brasil aproveitou as crises ocorrida na UE na década de 90, ocasionada por causa da BSE para aumentar suas exportações para aquele bloco. Outros fatores que fizeram com que ocorresse crescimento das exportações foram também a desvalorização do Real, frente ao dólar.

Diferentemente da UE27, a OIC manteve certa regularidade nas importações de carnes bovinas, congeladas, do Brasil. Com pequena queda no total, apenas em 2002, o total exportado cresceu até 2008, registrando queda em 2009. As exportações brasileiras desta *commodity* para a OIC, que em 2001 foi de 158,8 milhões, saltou para um bilhão em 2008 e fechou em 2009 com 879 milhões.

**Gráfico 8 - Evolução das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009, em milhões de dólares.**



Fonte: Elaborado com dados do ICT.

A Rússia que em 2009 foi o maior importador de carnes bovinas, congeladas, do Brasil, em 2001 sua importação era muito pequena sendo de apenas 1,8 milhões de dólares. A partir de então as exportações para o destino Rússia cresceram até 2008, chegando a 1,4

bilhões de dólares. Assim como ocorreu com UE27 e com a OIC, houve queda nas exportações para a Rússia em 2009, sendo registrado o total de 910,5 milhões de dólares.

Com exceção da Grande China e do Chile, os demais destinos tiveram redução nas importações da *commodity* carnes de animais da espécie bovina, congeladas. Essa queda refletiu no total exportado pelo Brasil, caindo de 3,7 para 2,655 bilhões de dólares, respectivamente nos anos de 2008 e 2009.

#### 4.2.2.1 Vantagem Comparativa Revelada

O índice de VCR das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, foi bem significativo em todo o período analisado. Com pequenas oscilações, o índice se manteve acima de 9,0 em todo o período analisado, chegando ao pico de 23,36 em 2007, registrando pequenas quedas nos anos seguintes (Tabela 13).

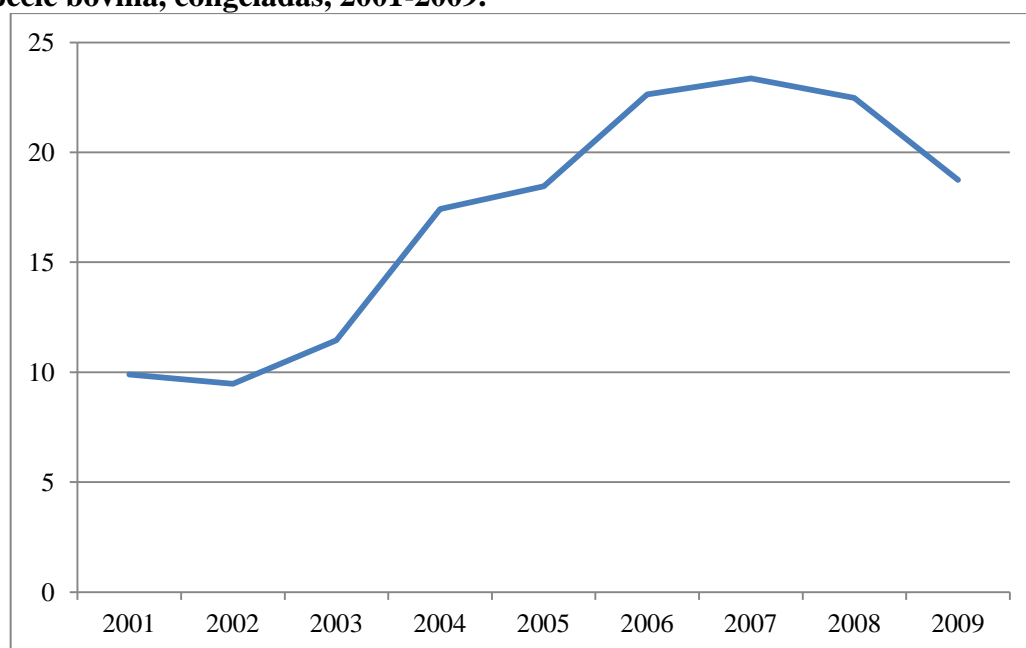
**Tabela 13 - Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>VCR</b>	9,89	9,47	11,45	17,43	18,46	22,64	23,36	22,48	18,75
<b>VCR simétrica</b>	0,82	0,81	0,84	0,89	0,90	0,92	0,92	0,91	0,90

Fonte: Resultados da pesquisa.

Uma melhor observação da evolução do índice de VCR pode ser observada no gráfico 9, embora tenha ocorrido uma pequena queda em 2002, em relação ao ano de 2001.

**Gráfico 9 - Evolução do índice de VCR das exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa.

Houve crescimento significativo nos anos seguintes até 2007 (Tabela 13). Observa-se que a curva de evolução dos anos 2008 e 2009 indicam uma forte queda nas VCRs da *commodity* carnes de animais da espécie bovina, congeladas, exportadas pelo Brasil.

No caso das VCR simétricas observadas na Tabela 13, o índice é sempre superior a 0,8 em todos os períodos. Por definição, como o índice é maior quanto mais próximo estiver de 1 então o índice revelado mostra que o Brasil possui VCR alta.

#### 4.2.2.2 Índice de Orientação Regional

O IOR calculado para as exportações de carnes bovinas, congeladas, no período de 2001 a 2009, apresentou maior crescimento para o mercado russo (Tabela 14). Os demais mercados tiveram alguma estabilidade ou mesmo perda da importância na orientação das exportações desta *commodity*.

**Tabela 14 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
UE27	1,79	1,89	1,52	1,36	1,34	1,17	0,63	0,15	0,23
OIC	6,44	4,50	5,71	5,57	3,85	4,43	4,33	3,99	4,19
Grande China	1,09	0,72	0,51	0,42	0,31	0,31	0,42	0,58	0,77
Rússia	0,19	4,68	7,64	12,08	17,76	16,80	23,34	26,05	27,31
Venezuela	0,09	0,23	0,04	1,04	0,52	0,52	1,56	4,72	2,58
Israel	59,63	32,12	15,99	14,40	9,67	14,59	11,50	18,69	19,03
Chile	1,99	1,99	1,20	0,67	0,27	0,01	0,03	0,00	0,01
Argentina	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Paraguai	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Resultados da pesquisa.

A UE27, maior mercado importador no ano de 2001, já apresentava um IOR baixo em 2001, 1,79 e em 2002, 1,89. As quedas que ocorreram nos anos seguintes implicam que o Mercado da UE vem perdendo importância para as exportações de carnes bovinas congeladas exportadas pelo Brasil. Observa-se na Tabela 14 que o índice chegou a orientação mais baixa em 2008, quando foi apenas de 0,15. Embora o índice tenha sido de 0,23 em 2009 este índice ainda é muito pequeno quando comparado ao índice de outros anos, ou se comparado com índices de outros mercados importadores como Rússia, Israel e OIC.

O IOR calculado para a OIC apresentou diversas oscilações que apresentaram queda em relação ao ano de 2001, quando o IOR foi o maior calculado, sendo de 6,44. Em 2005 o IOR alcançou o menor valor, 3,85. Embora o IOR calculado para a OIC tenha apresentado

essas oscilações, o índice é maior que o da UE27 e como apresentado na Tabela 14 confirma que há orientação regional para os países do bloco.

Outro mercado que o IOR apresentou pequenas evoluções, inclusive com quedas quando comparado o período de 2001 a 2005 foi o destino Grande China. O IOR para o ano de 2001 foi de 1,09 e em 2005, assim como em 2006 foi de 0,31. A partir de então o IOR apresentou crescimento passando nos anos seguintes, 2007, 2008 e 2009 para 0,42, 0,58 e 0,77 respectivamente.

A Rússia, principal importador atual de carnes bovinas, congeladas, do Brasil, foi o destino que apresentou maior evolução do IOR. Em 2001 o índice era de apenas 0,19, ou seja, havia alguma orientação, mas era muito pequena e pouco representativa. As evoluções do crescimento, com pequenas quedas em 2006 e 2008, indicam que este mercado tornou-se a principal opção das exportações brasileiras da *commodity* carnes bovinas, congeladas. O IOR de 27,31 em 2009 implica que há forte orientação das exportações para a Rússia.

A Venezuela é outro país que se tornou importante para as exportações dessa *commodity*. Em 2001 o IOR foi de apenas 0,09. Embora sempre que seja diferente de zero o IOR indique orientação regional, um índice perto de zero indica pouca importância das exportações de um país para um determinado mercado de destino. Os índices mais significantes foram identificados nos anos de 2007, 2008 e 2009, conforme Tabela 14. Esse crescimento provavelmente ocorreu em função da entrada da Venezuela como Estado Parte no Mercosul.

O maior IOR calculado foi encontrado para Israel no ano de 2001, quando este índice foi de 59,63. Nos anos seguintes o índice apresentou quedas, entretanto ainda apresentando um índice com grande significância, quando o menor índice foi calculado para o ano de 2005, 9,67.

O Chile ao longo do período analisado perdeu importância para as exportações de carnes bovinas, congeladas. Conforme Tabela 14, o decréscimo do IOR indica que houve queda nas exportações para o destino Chile, inclusive não havendo nenhuma orientação em 2008 e apenas 0,01 em 2009.

Ainda de acordo com a Tabela 14 não houve nenhuma orientação das exportações brasileiras para os demais países do Mercosul.

#### 4.2.2.3 Constant Market Share

Foram considerados como principais mercados de destinos para efeito da análise das exportações brasileiras de carnes bovinas, congeladas, os mercados da UE27, OIC, Grande China, Rússia e Resto do Mundo.

Nas análises de CMS efetuadas para as exportações brasileiras de carnes bovinas, congeladas, de acordo com a Tabela 15, o efeito competitividade foi o que mais contribuiu para o crescimento das exportações. O efeito crescimento do comércio mundial também foi favorável ao crescimento. O efeito destino das exportações foi positivo, 2,50%, na análise, o que indica que as exportações foram destinadas para mercados dinâmicos do comércio mundial.

A análise do período III em relação ao período II permitiu verificar que o componente que mais contribuiu para o crescimento das exportações brasileiras de carnes bovinas, congeladas, foi o destino das exportações, com 73,42%. O segundo componente que também contribuiu para o crescimento na relação dos períodos analisados foi o efeito crescimento do comércio mundial com 67,15%. O resultado negativo, -40,57%, encontrado, indica que as exportações de carnes bovinas não foram competitivas no período analisado.

A análise das exportações de carnes bovinas, congeladas, do período III em relação ao período I, permitiram verificar que o componente que mais contribuiu para o crescimento foi o efeito competitividade com 82,65%. O efeito crescimento do comércio mundial também apresentou resultado satisfatório contribuindo para o crescimento das exportações, com 16,02. Conforme indicado na Tabela 15 o efeito destino das exportações contribuiu com menor parte, 1,33, indicando exportações para destinos dinâmicos do comércio mundial.

**Tabela 15 - Resultados do *Constant Market Share* (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

Componentes	Período I (2001-2003)		Período II (2004-2006)		Período I (2001-2003)	
	Período II (2004-2006)		Período III (2007-2009)		Período III (2007-2009)	
	Valor	Percentual	Valor	Percentual	Valor	Percentual
<b>Efeito total</b>	3.894.523	100,00%	3.440.606	100,00%	7.335.129	100,00%
<b>Efeito crescimento do comércio mundial</b>	1.175.258	30,18%	2.310.364	67,15%	1.175.258	16,02%
<b>Efeito destino das exportações</b>	97.322	2,50%	2.525.956	73,42%	97.322	1,33%
<b>Efeito competitividade</b>	2.621.943	67,32%	-1.395.714	-40,57%	6.062.549	82,65%

Fonte: Resultados da pesquisa.

### 4.3 O comércio de carnes paraguaio.

#### 4.3.1 Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas.

As exportações paraguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, no período de 2001 a 2009 foram destinadas em grande parte para o Chile. O Brasil foi o segundo destino de maior importância para as exportações desta *commodity*.

O mapa 7, com dados de 2009, elaborado com a ferramenta Map do ITC mostra que o Chile é o principal mercado, seguido pelo Brasil. Com menor importância alguns países da UE e da OIC também aparecem como importadores do Paraguai.

Durante o período analisado o Chile foi o principal regulador das exportações paraguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas. Como pode ser observado no gráfico 10, as variações das exportações para o Chile influenciou fortemente na curva das exportações mundiais, por ser o mercado chileno o principal destino desta *commodity* exportada pelo Paraguai.

Embora as exportações para o Brasil terem sido a segunda mais importante, esta pouco influenciou no crescimento das exportações, em função do volume total exportado. Prova disso é que em 2009 87% das exportações paraguaias de carnes bovinas, refrigeradas, foram destinadas para o Chile, enquanto o Brasil importou apenas 5,62% do total exportado pelo Paraguai.

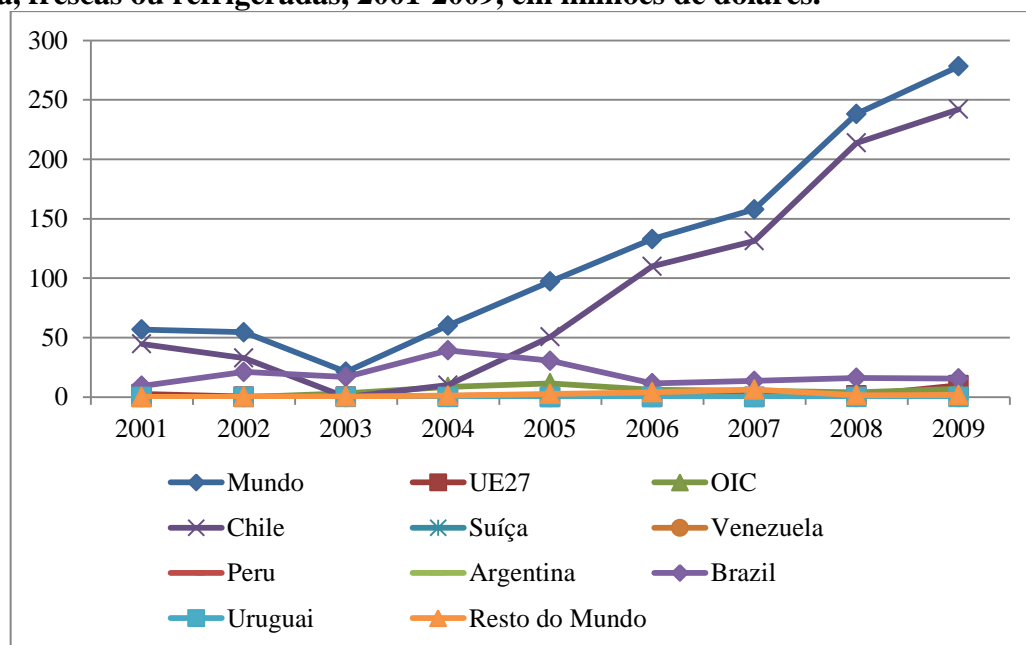
**Mapa 7 - Principais destinos das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, fresca ou refrigerada, em 2009.**



Fonte: Elaborado pela ferramenta MAP do ITC com estatísticas do COMTRADE.

Conforme Gráfico 10, apenas em 2002 e 2003 o Paraguai apresentou queda nas exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas. A partir de 2004 foi registrado crescimento das exportações de forma acentuada.

**Gráfico 10 - Evolução das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009, em milhões de dólares.**



Fonte: Elaborado com dados do ICT.

#### 4.3.1.1 Vantagem Comparativa Revelada

No período analisado as exportações paraguaias apresentaram grandes oscilações, embora tenha mantido um índice alto de VCR.

**Tabela 16 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

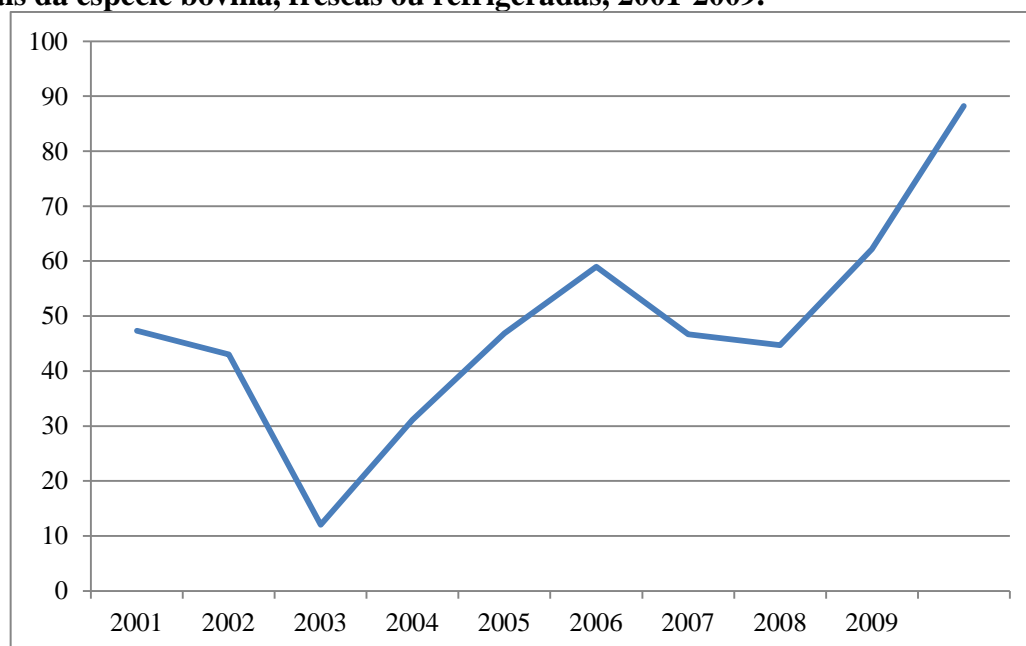
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>VCR</b>	47,32	43,00	12,02	31,16	46,86	58,99	46,67	44,71	62,19
<b>VCR simétrica</b>	0,96	0,95	0,85	0,94	0,96	0,97	0,96	0,96	0,97

Fonte: Resultados da pesquisa.

O índice do ano de 2001 foi de 47,32 (Tabela 16), seguido de quedas em 2002 e 2003, 43 e 12,02, respectivamente. Uma retomada no crescimento das VCRs nos anos seguintes levou o índice para 58,99 em 2006, com quedas nos anos de 2007, 46,67 e 2008, 44,71 e o pico de 62,19 em 2009, de acordo com o Gráfico 11.

O índice de VCR simétrico em todo o período foi próximo de 1, o que indica forte vantagem comparativa revelada. Mesmo em 2003, quando o índice VCR foi de 12,02, o VCR simétrico foi de 0,85.

**Gráfico 11 - Evolução do índice de VCR das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa.

#### 4.3.1.2 Índice de Orientação Regional

O IOR calculado para as exportações paraguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas apresentaram maior orientação para o Chile (Tabela 17).

**Tabela 17 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>UE27</b>	0,36	0,07	0,31	0,10	-	-	-	0,06	0,58
<b>OIC</b>	0,07	0,17	12,36	6,13	5,61	5,86	0,94	0,40	0,39
<b>Chile</b>	55,82	27,63	-	10,98	27,12	63,78	63,33	96,90	51,58
<b>Suíça</b>	-	-	-	-	-	-	-	0,04	0,07
<b>Venezuela</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>EUA</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Peru</b>	-	-	0,26	1,20	1,31	0,72	0,22	0,16	0,14
<b>Argentina</b>	-	-	-	-	-	-	-	0,00	-
<b>Brasil</b>	0,51	1,07	7,97	8,17	1,95	0,47	0,42	0,44	0,23
<b>Uruguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Resultados da pesquisa.



No ano de 2003 pode-se observar que não houve orientação das exportações para o Chile. Neste ano houve maior orientação para a OIC com um IOR de 12,36 e para o Brasil, com um IOR de 7,97.

Com algumas oscilações, o IOR das exportações paraguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, teve o maior índice em 2008, quando alcançou 96,90. Embora o índice tenha sido inferior em 2009, o IOR de 51,58 ainda indica forte orientação para o destino Chile.

O segundo destino mais importante, o Brasil, apresentou crescimento do IOR até 2004, quando apresentou o índice de 8,17. Nos anos seguintes pode-se observar que o destino Brasil deixou de ser importante, apresentando quedas seguidas chegando ao IOR de 0,23 em 2009.

Assim como para o Brasil, a OIC apresentou uma evolução de crescimento num determinado período, mas depois houve queda significativa o IOR. Os índices de IOR mais significativos de IOR para a OIC ocorreram nos anos de 2003 a 2006. Como pode ser observado na Tabela 17 o maior índice ocorreu em 2003, mas desde então o IOR apresentou queda, ou seja, as exportações vem perdendo orientação para aquele destino.

Com relação à Argentina e Uruguai não foi observado IOR durante o período analisado. Outros destinos que são grandes importadores de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, como Venezuela, EUA, não apresentaram IOR, ou o índice foi insignificativo.

Destacam-se as exportações para a UE27, Suíça e Peru apresentaram alguma orientação regional, com baixos índices em alguns dos períodos analisados.

#### 4.3.1.3 Constant Market Share

A análise de CMS realizada para as exportações paraguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas efetuada do período II em relação ao período I (Tabela 18) mostrou que o componente efeito crescimento do comércio mundial foi o que mais contribuiu para a evolução do crescimento das exportações da *commodity* carnes bovinas, frescas ou refrigeradas exportadas pelo Paraguai. Na mesma análise observa-se também que o efeito competitividade também contribuiu para o crescimento destas exportações. Já o efeito destino das exportações, que foi negativo, -678,90%, mostrou que as exportações foram realizadas para mercados menos dinâmicos do comércio mundial.

Segundo dados na Tabela 18, na análise do período III em relação ao período II o efeito competitividade foi o componente do crescimento que mais contribuiu para a evolução,

com 68,57%. O efeito crescimento do comércio mundial também foi favorável, com 48,83%. Enquanto o efeito destino das exportações apresentou resultado negativo.

**Tabela 18 - Resultados do *Constant Market Share* (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

Componentes	Período I (2001-2003)		Período II (2004-2006)		Período I (2001-2003)	
	Período II (2004-2006)		Período III (2007-2009)		Período III (2007-2009)	
	Valor	Percentual	Valor	Percentual	Valor	Percentual
<b>Efeito total</b>	157.706	100,00%	383.940	100,00%	541.646	100,00%
<b>Efeito crescimento do comércio mundial</b>	1.142.552	724,48%	187.460	48,83%	1.142.552	210,94%
<b>Efeito destino das exportações</b>	-1.070.673	-678,90%	-66.798	-17,40%	-1.070.673	-197,67%
<b>Efeito competitividade</b>	85.828	54,42%	263.278	68,57%	469.768	86,73%

Fonte: Resultados da pesquisa.

No período III em relação ao período I os componentes que mais contribuíram para o crescimento foram os efeitos crescimento do comércio mundial e competitividade, sendo que o primeiro contribuiu com 210,94% e o segundo com 86,73%. O efeito destino das exportações, que foi negativo, indicou que as exportações estão sendo efetuadas para mercados menos dinâmicos.

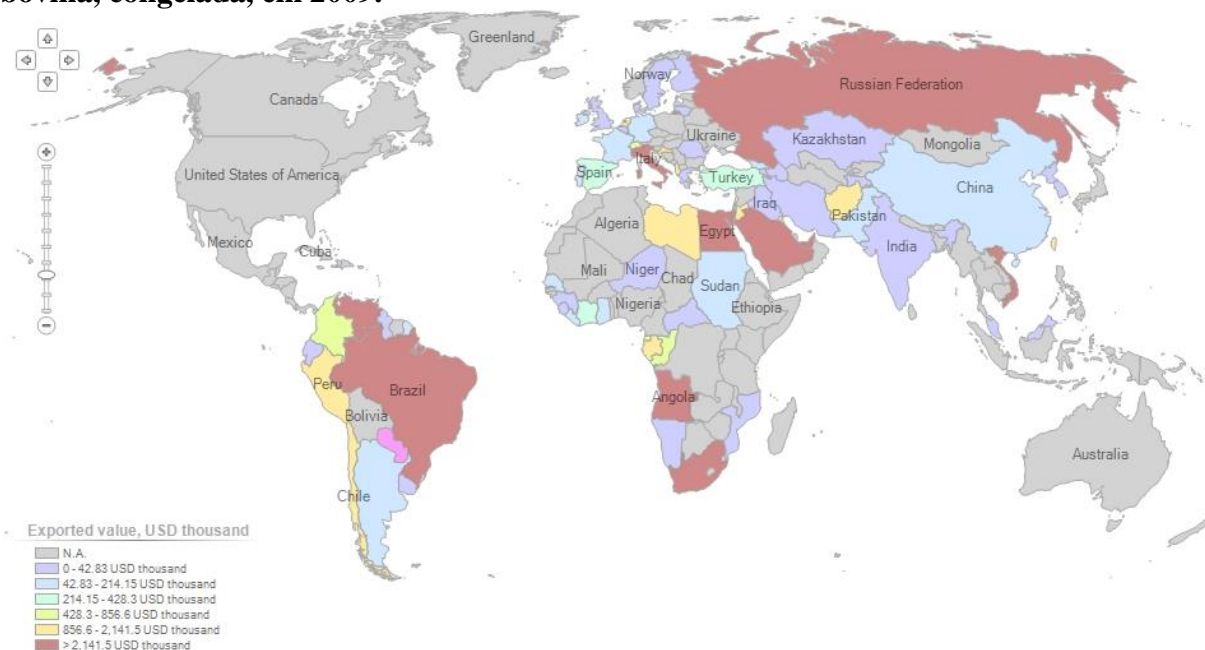
#### 4.3.2 Carnes de animais da espécie bovina, congeladas.

As exportações paraguaias de carnes bovinas, congeladas, tiveram como principal mercado de destino a Rússia, durante o período analisado, pelo fato de ter sido o destino que mais evoluiu, contribuindo para o crescimento das exportações desta *commodity*.

No ano de 2009, os principais importadores de carnes bovinas, congeladas, exportadas pelo Paraguai foram: Rússia, Venezuela, OIC, Israel, UE27, Brasil, Angola e África do Sul (mapa 8).

As exportações paraguaias de carnes bovinas, congeladas, têm vários destinos regulares, mas, como se observa no Gráfico 12, o crescimento das exportações dessa *commodity* foi definido principalmente pelo destino Rússia.

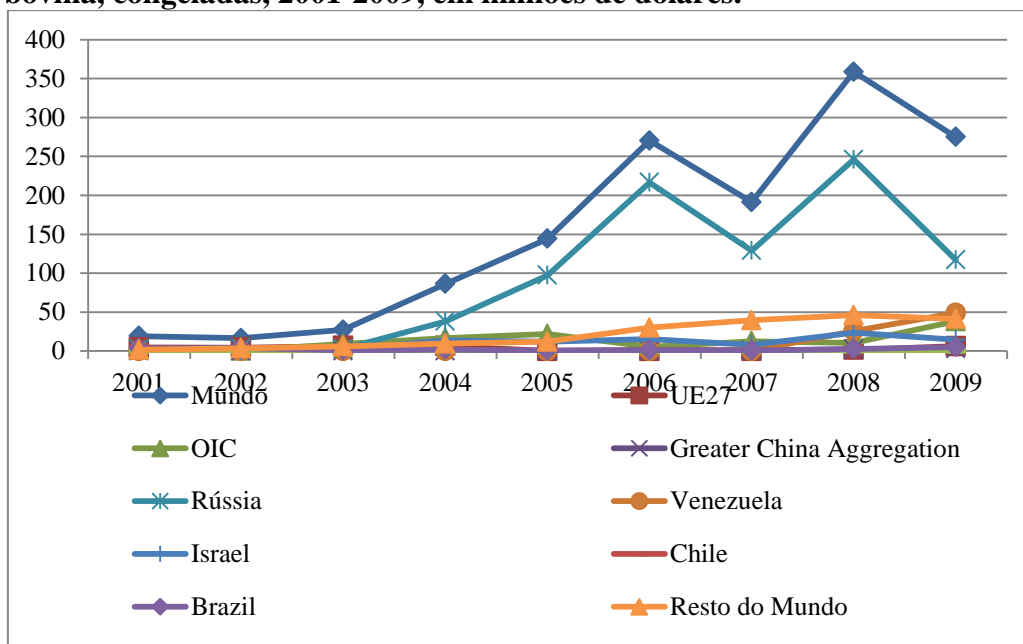
**Mapa 8 - Principais destinos das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congelada, em 2009.**



Fonte: Elaborado pela ferramenta MAP do ITC com estatísticas do COMTRADE.

De acordo com o Gráfico 12, as exportações para a Rússia contribuíram tanto para o crescimento que pode ser observado no período de 2003 até 2006, bem como a queda ocorrida em 2007, retomada do crescimento em 2008 e queda em 2009.

**Gráfico 12 - Evolução das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009, em milhões de dólares.**



Fonte: Elaborado com dados do ICT.

Outro destino que influenciou, amenizando a queda foi a Venezuela, que em 2008 e 2009 foi o segundo maior importador, contribuindo respectivamente com 48,9 e 48 milhões de dólares para o total das exportações paraguaias de carnes bovinas, congeladas (Gráfico 12).

#### 4.3.2.1 Vantagem Comparativa Revelada

As exportações paraguaias de carnes bovinas, congeladas, apresentaram VCR em todo o período analisado, conforme Tabela 19. Os índices alcançados tiveram o maior desempenho em 2006 quando as exportações dessa *commodity* alcançaram 185,32. O menor índice, no entanto que ocorreu em 2002, quando o índice foi de 19,54.

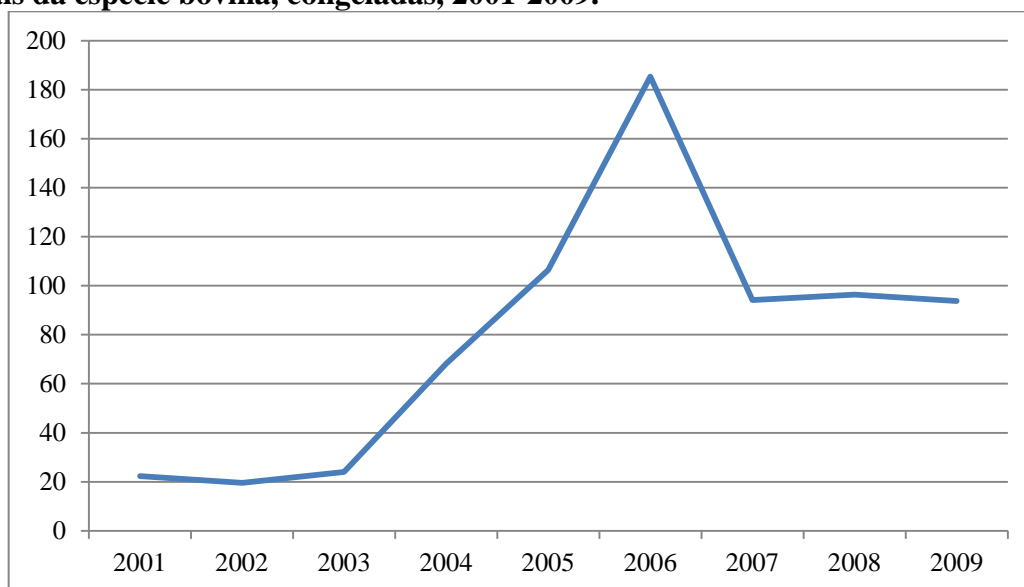
**Tabela 19 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>VCR</b>	22,29	19,54	23,95	68,22	106,42	185,32	94,17	96,38	93,79
<b>VCR simétrica</b>	0,91	0,90	0,92	0,97	0,98	0,99	0,98	0,98	0,98

Fonte: Resultados da pesquisa.

A evolução do índice de VCR pode ser observada no gráfico 13. Com uma pequena queda em 2002, o índice cresceu nos anos seguintes chegando ao seu maior valor em 2005. Embora tenha ocorrido queda em 2006 e 2007, pequeno crescimento em 2008 e pequena queda em 2009, o índice observado, 93,79, ainda é alto quando comparado com outras economias, o que significa que o Paraguai possui fortes vantagens comparativas nas exportações desta *commodity*.

**Gráfico 13 - Evolução do índice de VCR das exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa.

O índice de VCR simétrica apenas em 2003 foi de 0,90, que é um índice que demonstra que as vantagens comparativas reveladas são grandes. Como a definição de VCR simétrica indica que quanto mais próximo de 1, maiores são as vantagens comparativas reveladas, conclui-se que em 2006, com o índice de 0,99, o Paraguai apresentou seu melhor desempenho nas vantagens comparativas reveladas nas exportações de carnes bovinas, congeladas.

#### 4.3.2.2 Índice de Orientação Regional

De acordo com o IOR calculado, as exportações paraguaias de carnes bovinas, congeladas, estão mais orientadas para Rússia e Israel. A Venezuela até 2007 não possuía nenhuma orientação, mas ganhou notoriedade em 2008 e 2009, quando o IOR calculado foi de 1,27 e 5,31 respectivamente, conforme Tabela 20.

**Tabela 20 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>UE27</b>	2,44	3,70	4,56	1,21	-	0,01	0,00	0,05	0,35
<b>OIC</b>	7,54	6,75	35,00	8,98	7,38	2,59	1,89	0,73	2,48
<b>Grande China</b>	-	0,07	-	0,01	0,03	0,25	0,16	0,22	0,78
<b>Rússia</b>	43,18	63,22	52,72	30,70	31,79	29,07	39,27	34,76	17,69
<b>Venezuela</b>	-	-	-	-	-	-	-	1,27	5,31
<b>Israel</b>	48,28	44,66	50,52	20,42	10,99	6,77	12,67	8,87	8,13
<b>Chile</b>	4,34	0,89	0,00	0,06	0,07	0,03	0,06	0,03	0,03
<b>Argentina</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	0,00
<b>Brasil</b>	0,55	0,48	0,08	0,10	0,02	0,02	0,01	0,04	0,07
<b>Uruguai</b>	-	-	0,00	-	-	-	-	-	-

Fonte: Resultados da pesquisa.

No período analisado pode-se observar que ocorreram oscilações para todos os destinos que foram importantes para as exportações paraguaias de carnes bovinas, congeladas. As exportações para a Rússia apresentaram o melhor IOR em 2002, quando o índice foi de 63,22. As oscilações que ocorreram nos anos seguintes tiveram tendências de quedas, embora em algum período tenha apresentado crescimento, como ocorrido em 2005 e 2007, no entanto, em 2009 o índice foi bem inferior que todo o período analisado, registrando apenas IOR de 17,69.

Israel, outro destino importante para as exportações dessa *commodity* registrou oscilações, chegando a apresentar o maior IOR em 2003, quando o índice foi de 50,52. O menor IOR foi calculado para o ano de 2006, quando o índice foi de 6,77. O IOR calculado

para 2009 foi de apenas 8,13, índice inferior ao período inicial e a outros índices calculados durante o período.

A UE27 apresentou oscilações chegando a crescer no período 2001-2003, mas apresentou queda no ano de 2004 e nenhuma ou pouca orientação nos anos seguintes.

A OIC foi outro mercado de destino que apresentou grandes oscilações, chegando a ter um IOR de 35 em 2003, entretanto nos anos seguintes houve quedas acentuadas fazendo com que o índice caísse para 0,73 em 2008 e em 2009 registrasse 2,48.

O Chile foi outro mercado de destino que apresentou quedas logo após o ano de 2001, quando o IOR era de 4,34. Os índices que se seguiram revelam que as exportações deixaram de ser orientadas para o destino Chile.

As exportações para o Brasil apresentaram alguma orientação regional, conforme IOR calculados na Tabela 20, mas como se pode observar o índice foi muito pequeno em todo o período analisado.

As exportações para Argentina e Uruguai não apresentaram nenhum IOR no período analisado.

As quedas apresentadas para os principais mercados de destino revelam que as exportações paraguaias de carnes bovinas, congeladas tem orientação menor, em relação aos anos anteriores.

#### 4.3.2.3 Constant Market Share

A análise considerou UE27, OIC, Grande China, Rússia e resto do mundo como principais destinos para as exportações paraguaias de carnes bovinas, congeladas.

Os componentes do crescimento das exportações paraguaias de carnes bovinas, congeladas, que mais contribuíram, de acordo com análise da Tabela 21, foram o efeito crescimento do comércio mundial e o efeito competitividade, que contribuíram positivamente cada um. O primeiro efeito, crescimento do comércio mundial, contribuiu com 11,30%, enquanto o efeito residual, que representa a competitividade, contribuiu com 91,89% indicando que as exportações foram competitivas no período analisado. O efeito destino das exportações, que foi negativo representa aqui exportações para destinos menos dinâmicos.

Na análise do período III em relação ao período II observa-se que não houve competitividade das exportações, e o que mais contribuiu para as exportações foram a dinamicidade dos destinos exportados, que de acordo com a Tabela 21, contribuiu com 122,76%, enquanto o efeito crescimento do comércio mundial tenha contribuído com 20,47%.

O efeito residual, que foi negativo (-43,23) indicou que as exportações não foram competitivas no período analisado.

**Tabela 21 - Resultados do *Constant Market Share* (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

Componentes	Período I (2001-2003)		Período II (2004-2006)		Período I (2001-2003)	
	Período II (2004-2006)		Período III (2007-2009)		Período III (2007-2009)	
	Valor	Percentual	Valor	Percentual	Valor	Percentual
<b>Efeito total</b>	437.930	100,00%	324.122	100,00%	762.052	100,00%
<b>Efeito crescimento do comércio mundial</b>	49.502	11,30%	66.343	20,47%	49.502	6,50%
<b>Efeito destino das exportações</b>	-13.966	-3,19%	397.892	122,76%	-13.966	-1,83%
<b>Efeito competitividade</b>	402.394	91,89%	-140.113	-43,23%	726.516	95,34%

Fonte: Resultados da pesquisa.

A análise do período III em relação ao período I mostra que os efeitos crescimento do comércio mundial e efeito competitividade contribuíram respectivamente com 6,50% e 95,34%, e foram capazes de anular o efeito negativo do destino das exportações, -1,83%.

#### 4.4 O comércio de carnes uruguaio.

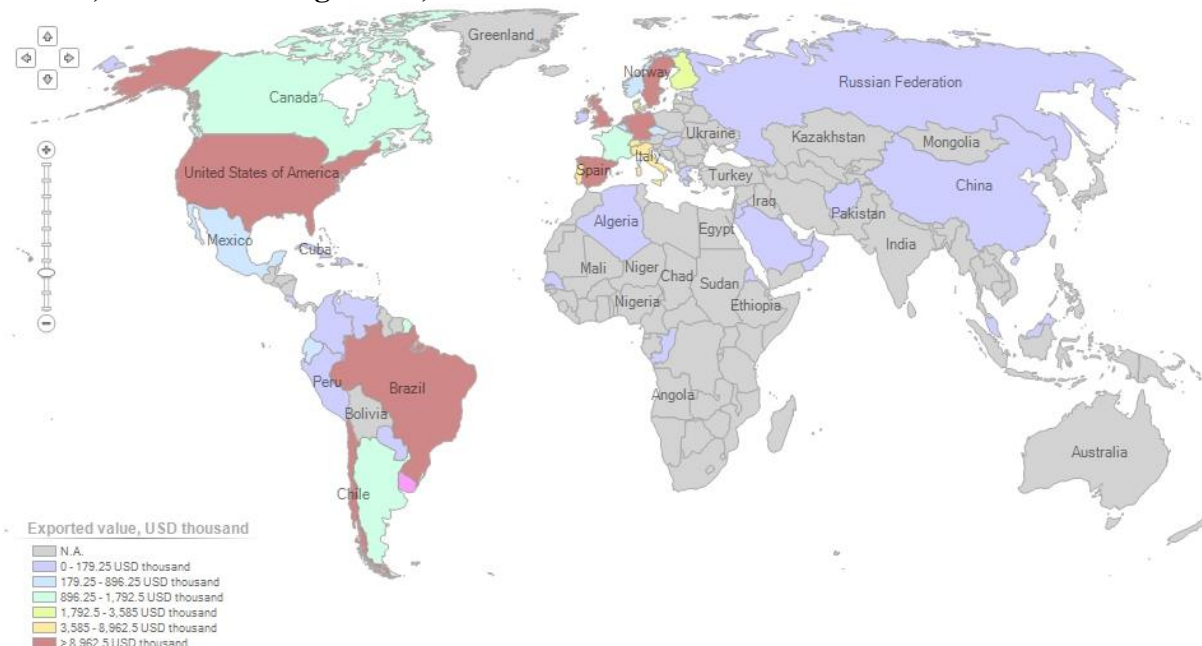
##### 4.4.1 Carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas.

Os principais destinos das exportações uruguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas foram para a UE27, Brasil, Estados Unidos e Chile.

Em 2009, conforme apresentado no mapa 9, pode-se observar que estes foram os principais mercados de destinos das exportações paraguaias da *commodity* carnes bovinas, frescas ou refrigeradas.

No período analisado foi constatado crescimento das exportações dessa *commodity* ocorreu até o ano de 2006. No ano de 2007 ocorreu uma queda em relação ao ano de 2006. Em 2008 as exportações cresceram novamente, mas voltaram a cair em 2009, fechando o ano com o total exportado inferior a 2007.

**Mapa 9 - Principais destinos das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, em 2009.**

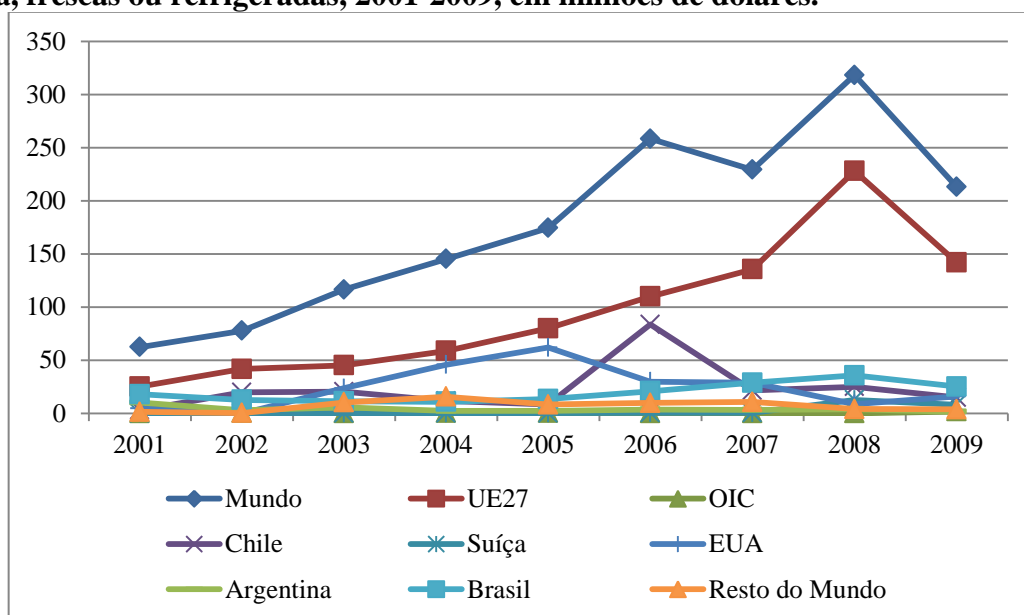


Fonte: Elaborado pela ferramenta MAP do ITC com estatísticas do COMTRADE.

O forte crescimento do total exportado pelo Uruguai, ocorrido em 2006, foi influenciado pelas exportações direcionadas para o Chile. Com a forte queda nas exportações também para o Chile, ocorrida em 2007, a evolução das exportações totais de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, o total exportado pelo país registrou queda em relação ao ano anterior.

Com essa exceção, a UE27 foi o mercado de destino que mais influenciou na evolução das exportações totais de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, do Uruguai (Gráfico 14).

**Gráfico 14 - Evolução das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009, em milhões de dólares.**



Fonte: Elaborado com dados do ICT.



#### 4.4.1.1 Vantagem Comparativa Revelada

As exportações uruguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, apresentaram VCR durante todo o período analisado. O índice foi crescente durante os anos de 2002-2006, ano em que foi registrado o maior índice, 53,45 (Tabela 22).

**Tabela 22 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, fresca ou refrigerada, 2001-2009.**

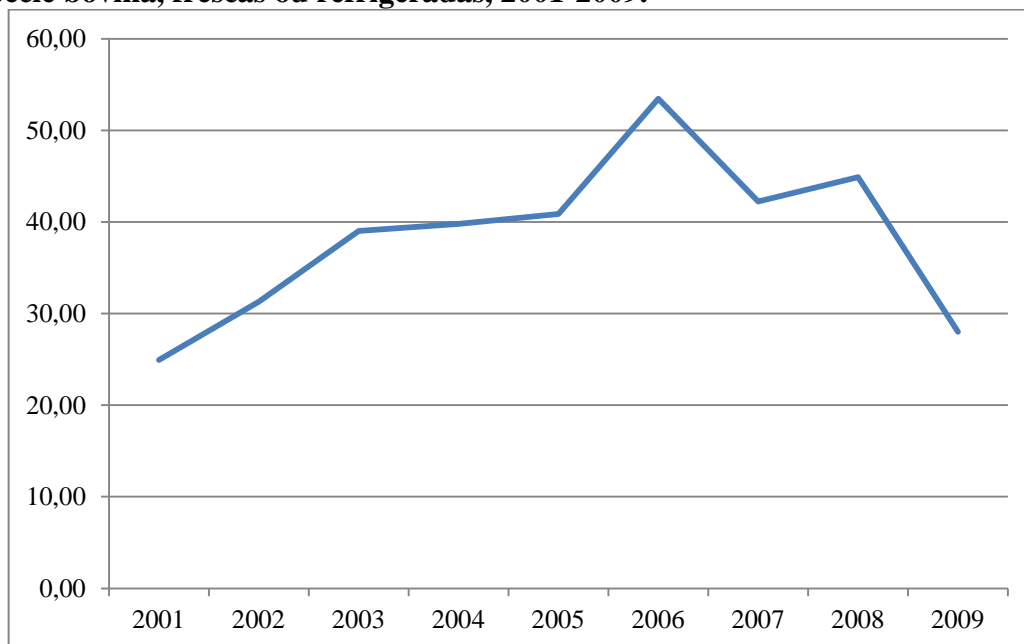
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>VCR</b>	24,95	31,32	39,01	39,79	40,87	53,45	42,22	44,89	28,02
<b>VCR simétrica</b>	0,92	0,94	0,95	0,95	0,95	0,96	0,95	0,96	0,93

Fonte: Resultados da pesquisa.

A tendência de queda registrada no período posterior a 2006, conforme gráfico 15, indicam uma perda da competitividade alcançada, embora o índice de 28,02 ainda indique que o Uruguai possui grande vantagem comparativa revelada em 2009.

Observa-se também, na Tabela 22 que o índice de VCR simétrica em todo o período analisado foi superior a 0,9. Como afirmado anteriormente, quanto mais próximo de 1, o índice de VCR simétrico, maior vantagem comparativa revelada o país possui nas exportações de determinada *commodity*. Dessa forma, os índices alcançados confirmam que o Uruguai possui grande competitividade apresentada pelo índice alto de VCR simétrica.

**Gráfico 15 - Evolução do índice de VCR das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa.

#### 4.4.1.2 Índice de Orientação Regional

O cálculo do IOR para as exportações uruguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, de acordo com Tabela 23, as exportações desta *commodity* ganharam grande orientação para a UE27.

A evolução do IOR para a UE27, com algumas quedas no índice em algum período, apresentou tendências de crescimento. Em 2001 o índice foi de 2,89 e em 2009 foi de 11,02. A evolução ocorrida demonstra que as exportações estão sendo orientadas para a UE27.

O Chile foi o país que apresentou o segundo melhor IOR em 2009, embora com um valor bem diferente do apresentado pela UE27. No decorrer do período analisado o índice que era de 2,3 em 2001 sofreu importantes oscilações, sendo que a maior orientação para o Chile, identificada na pesquisa, ocorreu em 2002 quando o IOR foi de 11,53. Nos anos que se seguiram o índice caiu, chegando a 1,99 em 2005. Em 2006 o IOR para o Chile novamente registrou um importante resultado, 10,96, mas voltou a cair novamente e com leve crescimento em 2009 fechou com 4,91.

**Tabela 23 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>UE27</b>	2,89	3,65	2,06	2,71	3,96	3,60	6,42	10,53	11,02
<b>OIC</b>	0,00	0,06	0,01	0,05	0,03	0,01	-	0,00	0,09
<b>Chile</b>	2,30	11,53	6,32	4,05	1,99	10,96	4,23	3,70	4,91
<b>Suíça</b>	3,49	0,60	0,22	0,00	0,05	0,13	0,13	2,82	2,98
<b>Venezuela</b>	-	-	-	-	-	0,00	-	-	-
<b>EUA</b>	0,87	0,00	1,99	1,79	1,82	0,83	1,14	0,73	2,23
<b>Peru</b>	-	-	-	-	-	0,20	0,04	0,10	0,04
<b>Argentina</b>	1,06	0,61	0,68	0,20	0,17	0,17	0,13	0,13	0,10
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	0,00
<b>Brasil</b>	1,48	0,64	0,40	0,41	0,53	0,51	0,74	0,63	0,52

Fonte: Resultados da pesquisa.

Os destinos Suíça e EUA apresentaram IOR pequeno, no entanto, a evolução do IOR para estes destinos indicou crescimento na orientação regional.

Os destinos Argentina, Brasil, OIC e Peru apresentaram IOR em alguns dos anos analisados, entretanto o índice calculado indicou que houve pouca orientação para estes destinos.

Conforme Tabela 23, não houve orientação das exportações para o Paraguai no período analisado.

#### 4.4.1.3 Constant Market Share

Foram considerados como principais destinos das exportações uruguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas a UE27, Chile, Brasil e o resto do mundo.

Na análise de CMS efetuada para o período II em relação ao período I verificou-se que o efeito crescimento do comércio mundial foi o que mais contribuiu como fonte de crescimento das exportações uruguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, contribuindo com 242,43% (Tabela 24). O efeito destino das exportações indicaram que as exportações foram efetuadas para mercados menos dinâmicos do comércio mundial. O efeito residual encontrado, 55,39%, evidenciou que houve competitividade das exportações no período analisado.

A análise do período III em relação ao período II mostrou que o efeito crescimento do comércio mundial contribuiu com 91,22% das exportações uruguaias de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas. O efeito destino das exportações, 18,55%, foi menos intenso que o efeito crescimento do comércio mundial, mas impactou no processo de crescimento das exportações no período de análise. O efeito residual contribuiu negativamente, indicando que as exportações uruguaias de carnes bovinas congeladas não foi competitiva no período analisado

**Tabela 24 - Resultados do *Constant Market Share* (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**

	Período I (2001-2003)		Período II (2004-2006)		Período I (2001-2003)	
	Período II (2004-2006)		Período III (2007-2009)		Período III (2007-2009)	
Componentes	Valor	Percentual	Valor	Percentual	Valor	Percentual
<b>Efeito total</b>	321.437	100,00%	182.627	100,00%	504.064	100,00%
<b>Efeito crescimento do comércio mundial</b>	779.262	242,43%	166.597	91,22%	779.262	154,60%
<b>Efeito destino das exportações</b>	-635.865	-197,82%	33.878	18,55%	-635.865	-126,15%
<b>Efeito competitividade</b>	178.039	55,39%	-17.848	-9,77%	360.666	71,55%

Fonte: Resultados da pesquisa.

A análise do período III em relação ao período I mostrou que os resultados positivos do efeito crescimento do comércio mundial (154,60%) e o efeito competitividade (71,55 %) foram fundamentais para o efeito total, reduzindo o efeito negativo dos destinos das exportações, que foi negativo.

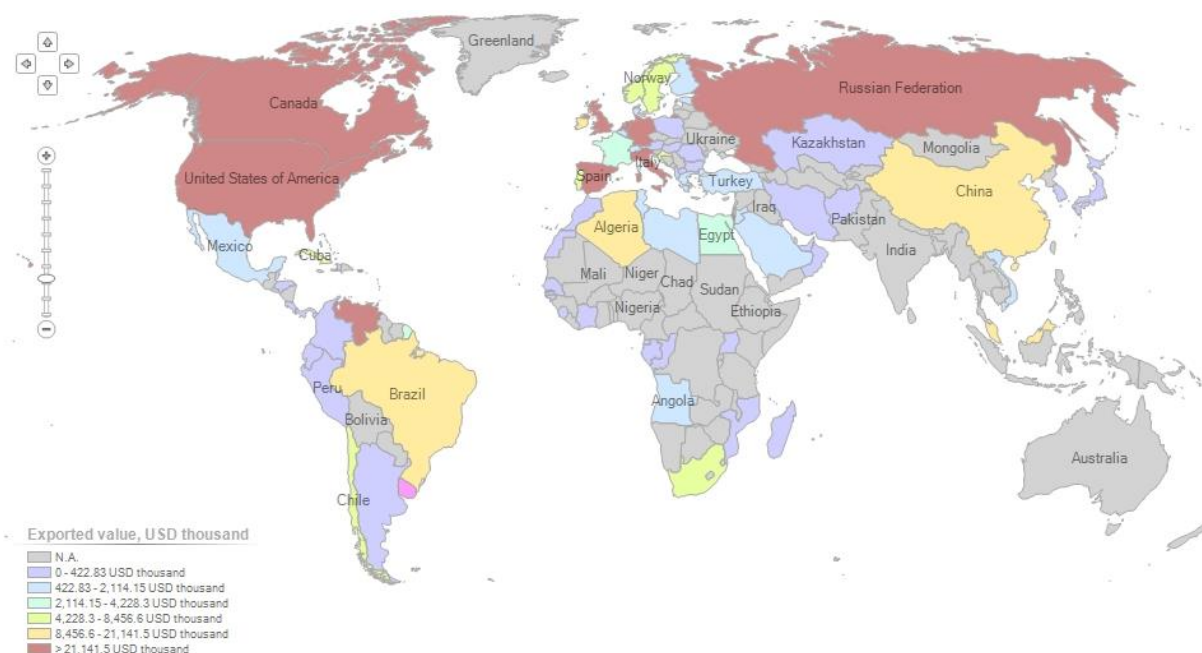
#### 4.4.2 Carnes de animais da espécie bovina, congeladas.

Os principais destinos das exportações uruguaias de carnes bovinas, congeladas, em 2009, foram UE27, Rússia, Canadá, Israel, Grande China, OIC e Venezuela (Mapa 10).

O destino Canadá não foi considerado, em função de que os destinos escolhidos são os principais importadores do Mercosul. Embora seja um destino importante para as exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, o Canadá não é muito representativo para as exportações dessa *commodity*, pelo Mercosul.

Embora este destino, assim como outros, não tenham sido considerados, verifica-se no Gráfico 16 que no período 2003-2007 outros destinos que não os analisados foram os que mais influenciaram na evolução das exportações uruguaias de carnes bovinas, congeladas. Essa influência passou a ser menor em 2008 e 2009, período em que as exportações para a UE27 e para a Rússia foram maiores que outros destinos.

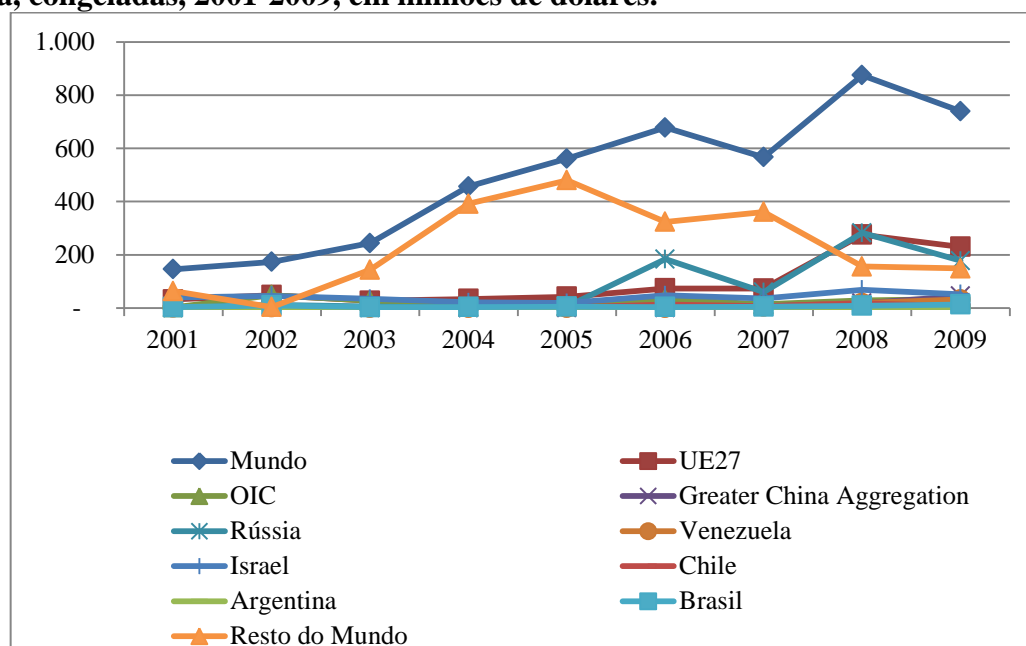
Mapa 10 - Principais destinos das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em 2009.



Fonte: Elaborado pela ferramenta MAP do ITC com estatísticas do COMTRADE.

A partir da análise do Gráfico 16 é possível inferir que o destino da *commodity* carnes bovinas, congeladas, exportadas pelo Uruguai tem destino importantes, além dos comuns aos países do Mercosul.

**Gráfico 16 - Evolução das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009, em milhões de dólares.**



Fonte: Elaborado com dados do ICT.

A partir desses dados a pesquisa faz a análise das exportações uruguaias de carnes bovinas, congeladas, abrindo uma lacuna para que seja realizada uma análise pontual para o Uruguai, considerando os principais mercados de destino que sejam diferentes dos analisados por esta pesquisa.

#### 4.4.2.1 Vantagem Comparativa Revelada

O índice de VCR para as exportações uruguaias de carnes bovinas, congeladas, de acordo com a Tabela 25 apresentou os maiores índices em relação aos demais países do Mercosul, em todo o período analisado, indicando forte competitividade das exportações de carnes bovinas, congeladas.

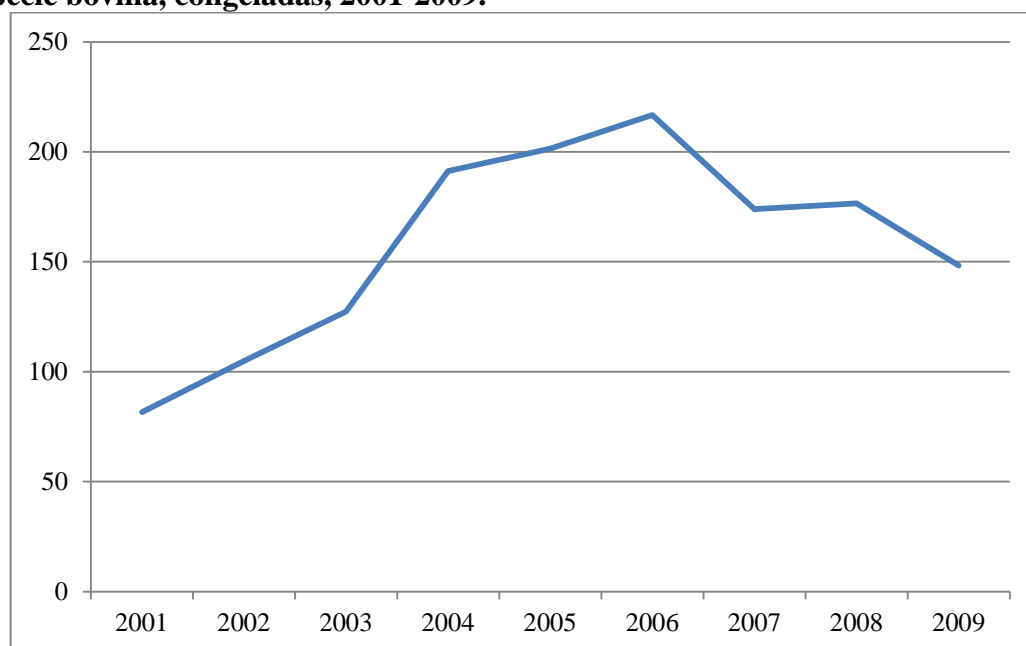
**Tabela 25 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2002.**

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>VCR</b>	81,56	104,94	127,40	191,21	201,44	216,78	173,95	176,63	148,34
<b>VCR simétrica</b>	0,98	0,98	0,98	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99

Fonte: Resultados da pesquisa.

A evolução foi crescente até o ano de 2006, quando atingiu o pico de 216,78. Nos anos seguintes o Gráfico 17 apresentou queda no índice de VCR, entretanto deve-se observar que o índice ainda é alto quando comparado com as demais economias analisadas.

**Gráfico 17 - Evolução do índice de VCR das exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa.

O índice de VCR simétrica foi o mais próximo de 1 entre os demais países, alcançando 0,98 nos anos de 2001, 2002 e 2003 e 0,99 nos anos seguintes.

#### 4.4.2.2 Índice de Orientação Regional

O IOR calculado, para os destinos selecionados, apresentou resultados mais homogêneos que os analisados para os demais países do Mercosul, entretanto os resultados identificam a Rússia como um mercado que apresentou crescimento nas orientações regionais, embora com uma pequena queda em 2009, conforme dados da Tabela 26.

Em 2001 não foi constatado IOR para a Rússia, no entanto em 2002 foi registrado um IOR de 7,77, seguido por quedas em 2003 e em 2004, quando o IOR foi respectivamente de 2,83 e 0,28. Nos anos seguintes foi registrado índices de IOR com oscilações tanto para cima, quanto para baixo, chegando ao maior IOR em 2008, quando foi de 8,04 e fechando em 2009 com IOR de 7,52 (Tabela 26).

O IOR calculado para o destino Israel apresentou quedas, quando comparado com os anos iniciais. Em 2001 o índice foi de 16,36, seguido por quedas nos anos seguintes, sendo que foram registrados os IORs de 12,58, 8,93, 5,40, 4,56, respectivamente para os anos de 2002, 2003, 2004 e 2005. Em 2006 e 2007 o IOR voltou a ser crescente, fechando em 5,33 e 6,57 respectivamente. Embora tenha ocorrido uma pequena queda em 2008, o índice de 2009

foi de 6,59. Dessa forma, observa-se que no decorrer do período analisado o destino Israel teve menor orientação das exportações da *commodity* carnes bovinas, congeladas (Tabela 26).

**Tabela 26 - Índice de Orientação Regional (IOR) calculado para as exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>UE27</b>	1,20	1,22	0,41	0,32	0,38	0,59	0,66	1,92	2,49
<b>OIC</b>	0,40	4,08	2,26	0,19	0,16	0,71	0,39	0,43	0,47
<b>Grande China</b>	0,21	0,30	0,04	0,01	0,01	0,01	0,22	0,56	1,03
<b>Rússia</b>	-	7,77	2,83	0,28	0,98	6,18	4,62	8,04	7,52
<b>Venezuela</b>	0,92	2,27	0,40	0,07	0,03	0,04	0,39	0,53	1,25
<b>Israel</b>	16,36	12,58	8,93	5,40	4,56	5,33	6,57	6,02	6,59
<b>Chile</b>	0,45	0,04	0,01	0,01	0,14	0,43	0,54	0,92	0,66
<b>Argentina</b>	0,02	0,02	0,01	0,00	0,01	0,01	0,01	0,01	0,00
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Brasil</b>	0,08	0,19	0,05	0,04	0,06	0,03	0,05	0,05	0,07

Fonte: Resultados da pesquisa.

Outros destinos como OIC, Grande China, Venezuela, Chile, Argentina, e Brasil tiveram alguma orientação regional, conforme os índices apresentados na Tabela 26. Vale ressaltar que não houve IOR para o destino Paraguai.

#### 4.4.2.3 Constant Market Share

Para análise de CMS das exportações uruguaias de carnes bovinas, congeladas, foram considerados como principais destinos a UE27, OIC, Grande China, Rússia e Resto do Mundo.

Os resultados obtidos da análise do período II em relação ao período I, Tabela 27, indicaram que os efeitos crescimento do comércio mundial e efeito competitividade contribuíram positivamente para o crescimento das exportações uruguaias de carnes bovinas, congeladas. O efeito destino das exportações indicou que os destinos das exportações foram para mercados menos dinâmicos do comércio mundial.

A análise do período III em relação ao período II indicou que todos os efeitos referentes ao crescimento do comércio mundial e efeito competitividade contribuíram positivamente para o crescimento das exportações. O efeito destino das exportações indicou que as exportações ocorreram para destinos menos dinâmicos que os outros períodos analisados.

Os resultados obtidos da análise do período III em relação ao período I, Tabela 27, indicaram que os efeitos crescimento do comércio mundial e efeito competitividade

contribuíram positivamente para o crescimento das exportações uruguaias de carnes bovinas, congeladas. O efeito destino das exportações indicou que os destinos das exportações foram para mercados menos dinâmicos do comércio mundial.

**Tabela 27 - Resultados do *Constant Market Share* (CMS) utilizando dados em milhares de dólares para as exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, 2001-2009.**

Componentes	Período I (2001-2003)		Período II (2004-2006)		Período I (2001-2003)	
	Valor	Percentual	Valor	Percentual	Valor	Percentual
<b>Efeito total</b>	1133257	100,00%	484541	100,00%	1617798	100,00%
<b>Efeito crescimento do comércio mundial</b>	318055	28,07%	561786	115,94%	318055	19,66%
<b>Efeito destino das exportações</b>	-83641	-7,38%	-139024	-28,69%	-83641	-5,17%
<b>Efeito competitividade</b>	898843	79,32%	61779	12,75%	1383384	85,51%

Fonte: Resultados da pesquisa.

#### 4.5 Similaridades e diferenças do Mercosul nas exportações de carnes bovinas.

##### 4.5.1 O comércio de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas.

Os países do Mercosul, analisados demonstraram certas similaridades nas exportações de carnes bovinas *in natura*.

Ao longo de todo o período analisado, Argentina, Paraguai e Uruguai, tiveram tendências de crescimento no total exportado de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, embora Argentina e Uruguai tenham apresentado queda em 2009, quando comparado a 2008.

A tendência de queda foi maior para o Brasil que teve grande redução nas exportações para a UE27. E redução nas exportações para o Chile a partir do ano de 2004.

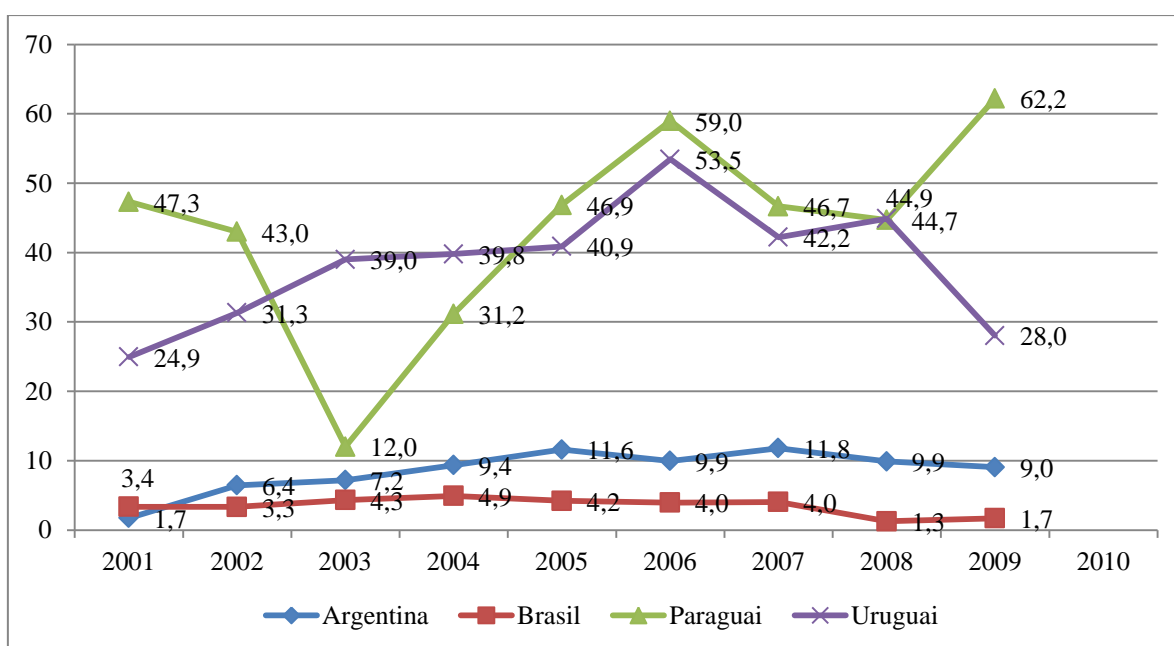
A Argentina que teve crescimento em 2008 em relação a 2007 (Gráfico 2), ao contrário do Brasil, que apresentou crescimento nas exportações para a UE27. As exportações para o Chile, com algumas oscilações foram mantidas para aquele mercado. Que de certo modo, é importante na concepção de exportações por bloco econômico.

A queda nas exportações no ano de 2009, também refletidas para o Uruguai, ocasionadas também por queda nas exportações para a UE27, indicam que os três países, Argentina, Brasil e Uruguai possuem similaridades nas exportações para o bloco UE27 e suas exportações foram sensíveis às variações daquele mercado.



As exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, mostraram que Paraguai e Uruguai e Argentina têm maior especialização nas exportações desses produtos que o Brasil (Gráfico 18 - VCR para carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, 2001-2009. Gráfico 18). A Argentina foi se especializando ao longo dos anos com as exportações desse produto e conquistando o mercado. O Paraguai que num lapso de tempo teve suas exportações ameaçadas, viu o índice de VCR cair para 12,02 em 2003, respirou nos anos seguintes e manteve sua competitividade no setor. O Uruguai foi bem regular, entretanto a queda das especializações em 2009 causa preocupações.

**Gráfico 18 - VCR para carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa.

O Brasil que apresentou baixa especialização nas exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, e que ainda vem apresentando quedas significativas do índice de VCR tem alguns fatores que podem explicar essa queda. A primeira explicação pode ser o aumento das exportações de carnes bovinas, congeladas, durante o período analisado, embora este crescimento não tenha aumentado as vantagens comparativas dessas exportações. Uma segunda explicação deve-se ao fato de que o Brasil é um país que possui um parque industrial mais desenvolvido que os demais países do Mercosul. Como o índice de VCR é diretamente influenciado pelo total das exportações do país, logo essas exportações influenciam na especialização dos diversos setores exportadores.

Uma explicação semelhante pode se dar à Argentina, por ser o segundo país mais importante do bloco. Embora os índices de VCR apresentados para as exportações de carnes

bovinas, frescas ou refrigeradas, tenham sido bem mais altas que os índices brasileiros, os índices argentinos são menores que os índices do Paraguai e Uruguai.

Os resultados do IOR mostram que os principais mercados de destino são UE27 e Chile. O Brasil que perdeu participação nas exportações para a UE27 e para o Chile apresentou crescimento para OIC, mercado pouco explorado pelos outros países, exceto Paraguai que deixou de orientar suas exportações para aquele bloco.

As exportações intrabloco mostraram-se pouca ou nenhuma orientação. Dentro do bloco o Brasil foi o principal importador e os demais países demonstraram alguma orientação para o Brasil, e o Uruguai orientou algumas exportações também para a Argentina, enquanto que o Brasil não apresentou orientação das exportações para os países do bloco.

A análise do CMS (Tabela 28) efetuada de forma individual para cada exportador permitiu verificar que quando comparados os períodos II (2004-2006) com o período I (2001-2003) os quatro países apresentaram similaridades nos resultados, no que diz respeito aos efeitos que influenciaram no crescimento do comércio.

**Tabela 28 - CMS para carnes bovinas, 2001-2009.**

	Carnes Bovinas, Frescas ou Refrigeradas			Carnes bovinas, Congeladas		
	Período I	Período II	Período I	Período I	Período II	Período I
	Período II	Período III	Período III	Período II	Período III	Período III
	Efeito crescimento do comércio mundial					
Argentina	96,13%	78,28%	53,69%	20,10%	141,35%	16,99%
Brasil	64,21%	-275,70%	119,98%	30,18%	67,15%	16,02%
Paraguai	724%	49%	211%	11%	20%	7%
Uruguai	242%	91%	155%	28%	116%	20%
Efeito destino das exportações						
Argentina	-51,80%	-5,68%	-28,93%	-1,64%	449,61%	-1,39%
Brasil	-2,92%	100,43%	-5,45%	2,50%	73,42%	1,33%
Paraguai	-679%	-17%	-198%	-3%	123%	-2%
Uruguai	-198%	19%	-126%	-7%	-29%	-5%
Efeito competitividade						
Argentina	55,67%	27,40%	75,24%	81,55%	-490,96%	84,40%
Brasil	38,71%	275,27%	-14,53%	67,32%	-40,57%	82,65%
Paraguai	54%	69%	87%	92%	-43%	95%
Uruguai	55%	-10%	72%	79%	13%	86%

Fonte: Resultados da pesquisa.

Na evolução dos períodos analisados, as exportações apresentaram crescimento, ou seja, exportaram mais no período II que no período I.

Os componentes do crescimento (Tabela 28) evidenciaram que os quatro países, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, tiveram aumento das exportações pelos mesmos fatores, que foram os efeitos do crescimento do comércio mundial e o efeito competitividade. Por outro lado, o efeito destino das exportações apresentou resultados negativos para todos os quatro países exportadores.

Estes resultados implicam que: (1) a existência do crescimento foi possível em função de uma demanda mundial que foi maior no segundo período do que no primeiro; (2) as exportações foram competitivas; (3) se as exportações fossem destinadas a mercados mais dinâmicos os resultados poderiam ser maiores.

Nas análises de CMS do período III (2007-2009) em relação ao período II (2003-2006) não houve a mesma similaridade para os quatro países. Isso pode ter ocorrido por causa das quedas nas exportações brasileiras (crescimento negativo) e da queda da VCR no período III e ainda por outra influência que não tenha sido detectada pelas limitações dos métodos utilizados nesta pesquisa.

Argentina e Paraguai apresentaram as mesmas fontes de crescimento: efeito crescimento do comércio mundial e efeito competitividade e efeito destino das exportações com resultado negativo.

Argentina, Brasil e Paraguai apresentaram similaridade em um dos componentes: o efeito competitividade, enquanto que o Uruguai foi o único país do bloco que não foi competitivo no período III em relação ao II.

Na análise de CMS do período III (2007-2009) em relação ao período I (2001-2003), Argentina, Paraguai e Uruguai tiveram como fonte de crescimento os mesmos componentes: (1) efeito crescimento do comércio mundial; (2) efeito competitividade; e (3) resultado negativo para os destinos das exportações. Isso implica que estes países sofreram influências das demandas mundiais, foram competitivos nas suas exportações e se tivessem destinado as exportações para mercados mais dinâmicos do comércio mundial.

O Brasil, por sua vez, apresentou crescimento positivo na comparação do período III em relação ao período II, entretanto esse crescimento ocorreu apenas pelo crescimento do comércio mundial. No período analisado as exportações não foram competitivas e o destino destas exportações mostrou-se pouco dinâmico.

#### 4.5.2 O comércio de carnes bovinas, congeladas.

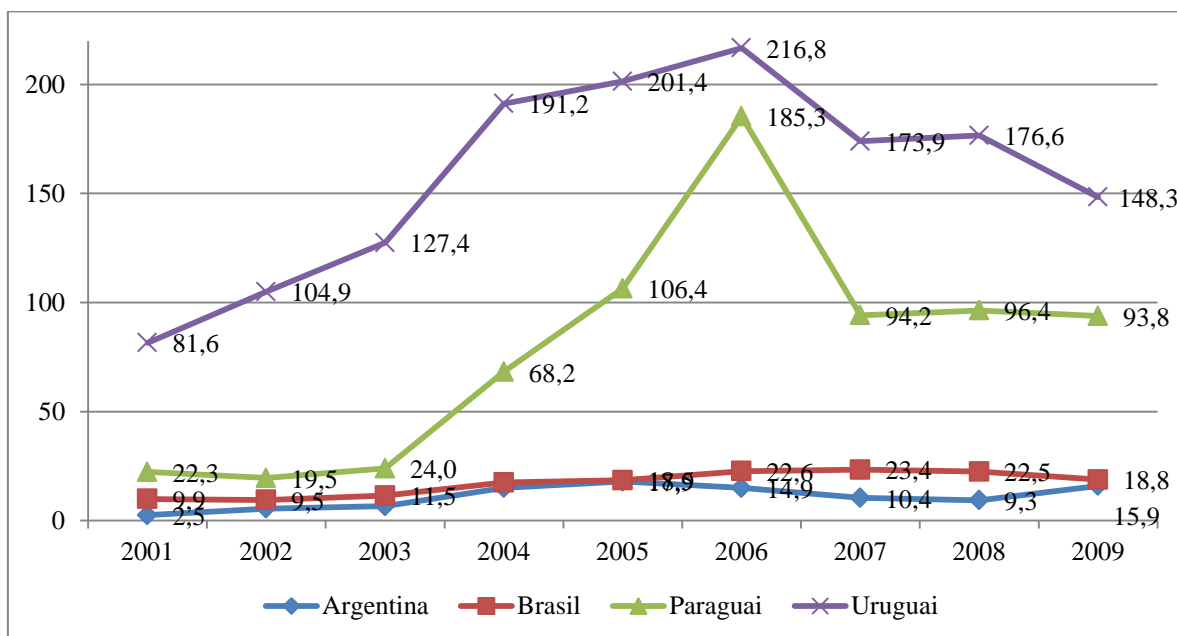
Dos dois produtos analisados, o que representou mais exportações em dólares (carnes bovinas congeladas) foi também o que manteve a maior regularidade das exportações dos quatro países analisados.

Argentina, Brasil e Paraguai tiveram em comum como principal destino a Rússia que apresentou importações expressivas de carnes bovinas, congeladas, a partir de 2004, refletindo fortemente no volume total das exportações desde então.

O Uruguai, diferentemente dos demais países do Mercosul, direcionou as suas exportações para outros destinos, mas em 2008 e 2009 também contou com exportações expressivas para a UE27 e para a Rússia, que influenciaram fortemente no crescimento das exportações de carnes bovinas, congeladas. Beneficiou-se de restrições às exportações de carnes impostas a Argentina (FAO, 2008).

Os quatro países do Mercosul, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, possuem grandes vantagens comparativas reveladas nas exportações de carnes bovinas, congeladas (Gráfico 19).

**Gráfico 19 - VCR para carnes bovinas, congeladas, 2001-2009.**



Fonte: Resultados da pesquisa.

Dos quatro países analisados a Argentina é o que possui menor especialização nas exportações dessa *commodity*.

O Brasil, por sua vez, apresentou vantagens comparativas reveladas durante todo o período. Isso ocorre pelo fato de que o Brasil foi o principal exportador do bloco e as

exportações da *commodity* carne bovina, congelada, responde por grande parte das exportações totais brasileiras.

Os índices de VCR do Paraguai e Uruguai que demonstram uma especialização das exportações de carnes bovinas, congeladas, muito superior a Argentina e ao Brasil, podem ser explicadas pela pauta das exportações desses países, que é formada em grande parte por produtos agroalimentares, enquanto Argentina e principalmente o Brasil possuem um parque industrial mais diversificado e com exportações diferenciadas tanto no mercado agroalimentar, quanto de máquinas e equipamentos.

Argentina, Brasil e Paraguai e Uruguai possuem uma similaridade grande na orientação para as exportações para o mercado russo e para o mercado israelense.

Outros mercados, embora sejam grandes importadores de carnes bovinas, congeladas, do Mercosul, apresentaram índice de orientação regional baixo. O que pode ser explicado que o método de análise do IOR faz uma análise das proporções de exportações do produto carnes bovinas, congeladas, intrabloco dividido pelo valor total das exportações do país, sobre o valor das exportações de carnes bovinas, extrabloco, dividido pelas exportações totais do país. Ou seja, o IOR mais baixo, além do volume total exportado pode ser explicado pela parceria existente com o mercado de destino, ou seja, se as exportações de carnes bovinas foram grandes para esses países, como no caso da UE27, mas o IOR foi baixo, isso pode ter ocorrido por uma pauta de exportações grande para mercado de destino.

Nesse caso, o IOR, proposto por Yeats (1997) é importante para a verificação do crescimento da orientação, ou seja, um índice alto não é representativo da importância do país ou bloco na parceria comercial. Mas, é verdadeira a afirmação de que o crescimento do índice indica orientação regional para o mercado de destino.

Nas importações intrabloco, o Brasil é o único país, dos quais os demais países do Mercosul orientaram as exportações de carnes bovinas, congeladas.

Nas análises de CMS (Tabela 28) do Período II (2004-2006) em relação ao período I (2001-2003) os quatro países analisados apresentaram similaridades nas fontes de crescimento das exportações.

Os resultados (Tabela 28) demonstraram que Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai foram competitivos nas suas exportações, sendo este o principal componente do crescimento nos períodos analisados.

Também deve-se ressaltar que o crescimento das exportações desses países foram diretamente afetados pelo efeito do crescimento da demanda mundial.

A escolha dos mercados de destino representou destinos não dinâmicos, exceto para as exportações brasileiras.

Nas análises do período III (2007-2009) em relação ao período II (2004-2006) as exportações argentinas, brasileiras e paraguaias não foram competitivas (Tabela 28). Apenas o Uruguai apresentou competitividade das exportações nesse período.

Embora a competitividade tenha sido desfavorável para Argentina, Brasil e Paraguai, todos os países do Mercosul, inclusive Uruguai tiveram resultados crescentes nas exportações.

Todos os quatro países foram beneficiados pelo crescimento do comércio mundial.

O outro componente que favoreceu o crescimento das exportações do período III em relação ao período II, com exceção das exportações uruguaias foi o destino das exportações. De acordo com as análises, apenas o Uruguai exportou para mercados menos dinâmicos, ou seja, se as exportações continuassem constantes, o Uruguai poderia ter exportado muito mais na ausência deste efeito.

Nas análises do CMS do período III em relação ao período I os quatro países do Mercosul, analisados, mostraram-se competitivos nas exportações de carnes bovinas, congeladas, sendo este o efeito que mais contribuiu para o crescimento.

O efeito crescimento do comércio mundial também foi responsável pelo incremento das exportações na variação dos períodos analisados, de 2001 a 2009.

As exportações Argentinas, Paraguaia e Uruguai foram destinadas para mercados menos dinâmicos, enquanto que o Brasil destinou a mercados mais dinâmicos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi analisar o desempenho competitivo das exportações de carnes bovinas *in natura* dos países do Mercosul no período de 2001 a 2009.

A capacidade do Mercosul de competir no mercado de carnes bovinas teve grande notoriedade em participação no total das exportações mundiais. A evolução que ocorreu durante o período de 2001 a 2009 evidencia a força desses países na produção e comercialização de carnes bovinas *in natura*.

O desempenho competitivo fica evidenciado com as vantagens comparativas reveladas que demonstraram que Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai são altamente competitivos, em relação à especialização no comércio de carnes bovinas. Se por um lado a especialização das exportações é importante para o reconhecimento internacional, por outro lado, mostra que os países do Mercosul ainda são grandes exportadores no comércio de produtos agroalimentares, principalmente Paraguai e Uruguai que apresentaram VCR muito superior aos índices encontrado para a Argentina e para o Brasil. Sendo que o Brasil que foi o maior exportador do bloco apresentou as menores vantagens comparativas, mas isso se deve pelo fato de que o Brasil apresenta um parque industrial muito maior que os demais países do bloco e por ter dimensões continentais, superior aos demais, também possui uma variedade maior de bens e serviços exportáveis.

As variações das exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas, que mostraram grandes dependências do mercado da UE27 evidenciaram que o Mercosul deve melhorar os seus meios de produção como forma de tornar mais atrativas suas exportações para aquele bloco, ou mesmo inserir-se em novos mercados como a OIC ou China, sendo uma forma de evitar que restrições impostas por um destino dominante causem grandes influências nas exportações.

As similaridades dos componentes de crescimento das exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas foram maiores entre Argentina, Paraguai e Uruguai. Talvez essa diferença tenha ocorrido porque o Brasil foi o único que apresentou crescimento negativo das exportações no período 2004-2006.

O crescimento das exportações durante os períodos analisados, na maioria dos casos foram influenciados pelo comércio mundial e pela competitividade das exportações desses países. Por outro lado, a pesquisa evidenciou que as exportações poderiam ser maiores se fossem destinadas a mercados mais dinâmicos do comércio mundial.

O comércio de carnes intrabloco não se mostrou significativo ao ponto de dizer que a integração aumentou o comércio de carnes dentro do bloco. Com exceção da Venezuela que é um potencial importador, os demais países são grandes exportadores, ou seja, a produção interna e com similaridades nos modos de produção não fomentou o crescimento das exportações intrabloco.

Entretanto, grandes mercados como Rússia, Grande China, OIC e Chile são parceiros importantes dos mercados analisados.

As exportações de carnes bovinas, congeladas, foram mais representativas em termos de valores do que as exportações de carnes bovinas, frescas ou refrigeradas. Esse fato ocorreu principalmente por causa da grande participação brasileira nas exportações dessa *commodity*.

A Rússia foi o principal mercado de destino das exportações de carnes bovinas congeladas, durante o período de 2001-2009, sendo que o destaque das exportações para esse país ocorreu a partir de 2004.

O efeito competitividade foi o que mais influenciou no crescimento das exportações de carnes bovinas, congeladas, pelos países do Mercosul. Além desse efeito, o crescimento do comércio mundial também foi fundamental para o crescimento. Embora as exportações, em sua maioria tenham sido destinadas para mercados menos dinâmicos, em alguns dos períodos analisados houve crescimento influenciado pelo efeito destino das exportações.

Em função das limitações dos métodos de análise utilizados, foge do alcance desta pesquisa indicar os fatores que influenciaram na especialização e competitividade do comércio de carnes bovinas, permitindo apenas inferir que o país possui ou não especialização e competitividade nos setores analisados. Entretanto, os métodos utilizados foram úteis para explicar a competitividade de forma que outras ferramentas como os *frameworks* do Diamante de Porter ou do IMD não podem explicar.

Dada as limitações do método e recursos os resultados desta pesquisa abrem algumas lacunas que precisam ser preenchidas com novas abordagens.

Sugere-se que novas pesquisas sejam efetuadas com a utilização das ferramentas empregadas para o nível regional dentro de um país. Por exemplo, qual a contribuição do efeito crescimento das exportações do setor de carne bovina do estado e para o país *j*.

Sugere-se ainda realização de pesquisa com triangulação dos dados. Esta pesquisa foi realizada com utilização dos dados do ITC com estatísticas do COMTRADE. A realização com pesquisas com dados da FAO, AliceWEB poderão enriquecer a pesquisa.

Também poderão ser realizadas novas pesquisas utilizando dados do SH com seis dígitos ou de oito dígitos da NCM. Também poderá ser efetuadas pesquisas com utilização



dessas subdivisões, agregando-as de forma que se possam fazer análises da pauta das exportações.

Sugere-se também a realização de pesquisa para entender o crescimento do consumo interno, ou do crescimento da produção do país, quais são as influências que estes dois fatores provocam nas exportações de carnes bovinas.

## REFERÊNCIAS

- AGRAFNP. **Anualpec 2010: anuário da pecuária brasileira**. São Paulo: AGRAFNP, 2010.
- ALICEWEB2. ALICEWEB. Disponível em:  
<<http://aliceweb2.mdic.gov.br/menu/index/item/variaveisConsulta>>. Acesso em: 06/10/2011.
- AZEVEDO, André Filipe Zago de; PORTUGAL, Marcelo Savino; BARCELLOS NETO, Paulo Chananeco Fontoura de. Impactos comerciais da Área de Livre Comércio das Américas: uma aplicação do modelo gravitacional. **Rev. econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, Ago. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-98482006000200002>>. Acesso em: 08/09/2010.
- BALASSA, B. Trade liberalization and “revealed comparative advantage. **The Manchester School of Economic and Social Studies**, v. 33, p. 99-123, 1965.
- BALASSIANO, M. Estudos confirmatórios e exploratórios em administração. In: BOTELHO, D.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa quantitativa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006. Cap. 7, p. 109-128.
- BANTERLE, A. Competitiveness and Agri-food Trade: An Empirical Analysis in the European Union. 11<sup>th</sup> Congress of European Association of Agricultural Economists (EAAE) “The future of rural Europe in the global agri-food system”. Copenhagen, **Anais...**Copenhagen, Dinamarca, 24-27/Ago./2005. Disponível em: <<http://ageconsearch.umn.edu/handle/24692>>. Acesso em: 13/03/2010.
- BENZAQUEN, Jorge; et al. Um índice Regional de Competitividad para um País. **REVISTA CEPAL**. Santiago, Chile, n. 102, Dez. 2010.
- BRANDÃO, L. A. G. A. **Integração regional e poder global: análise de condicionantes da dinâmica do MERCOSUL**. Dissertação (Mestrado). UFBA. Salvador. 2008.
- BRITO, Gustavo. Uruguay. In: IRURUETA, Martín. et al. **Estado actual de los sistemas de trazabilidad para bovinos de carne en los países del Cono Sur**. 2. ed. Montevideo: IICA, PROCISUR, 2006, p. 33-37.
- CARDOSO, F. H.; FALETTTO, E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1970.
- CARVALHO, F. M. A. Método "Constant Market Share". In: SANTO, M. L.; VIEIRA, W. C. **Métodos quantitativos em economia**. Viçosa: UFV, 2004.
- CASTRO, C. D. M. **A prática da pesquisa**. 2. ed. [S.l.]: PEB - PEARSON, 2006.
- CORONEL, Daniel Arruda. **Fontes de crescimento e orientação regional das exportações brasileiras do complexo soja**. Dissertação (Mestrado) Univ ersidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, Programa de Pós Graduação em Agronegócios. 2008.

CORONEL, Daniel Arruda; MACHADO, João Armando Dessimon; CARVALHO, Fátima Marília Andrade de. Análise da competitividade das exportações do complexo soja brasileiro de 1995 a 2006: uma abordagem de market-share. **Rev. econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, Ago. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-98482009000200005>>. Acesso em: 09/10/2011.

DALTO, José Luis. **Competitividade e desempenho das exportações do complexo agroindustrial brasileiro**: 1989/2002. 2004. 159f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.

DIZ, L.A.C. **Competitividade internacional das exportações brasileiras de manga e de uva**. 2008. 95 p. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2008.

DUPAS, G. Hegemonia Norte-Americana, governabilidade global e impasses nos grandes países da periferia. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 273-295, jul./dez. 2003.

FAO. Meat and Meat Products. Food Outlook. November 2008. Disponível em : <<http://www.fao.org/docrep/011/ai474e/ai474e09.htm>>. Acesso em: 20/09/2010.

FIGUEIRAS, M. S. **Mercosul no contexto Latino-Americano**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

FUENTES, Victoria Telma. La relación Bilateral Argentina – Rusia: más que socios comerciales. **Relaciones Internacionales**. Universidade Nacional de La Plata, La Plata, Buenos Aires, n. 30, p. 1-12, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10915/9765>> . Acesso em: 17/11/2011.

GARELLI, S. Competitiveness of Nations: The Fundamentals. **IMD Mundo competitiveness yearbook : 2002**. disponível em: <<http://members.shaw.ca/compilerpress1/Anno%20Garelli%20CN%20Fundamentals.htm>>. Acesso em: 15/06/2011.

\_\_\_\_\_. The fundamentals and history of competitiveness. **IMD Mundo Yearbook 2011. 2011**. Disponível em: <<http://www.imd.org/research/centers/wcc/upload/Fundamentals.pdf>>. Acesso em: 15/06/2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1994.

**IMD. Mundo Competitiveness Yearbook 2011. 2011. IMD**

IRURUETA, Martín; CRUZ, Juan Ángel. Argentina. In: IRURUETA, Martín, et al. **Estado actual de los sistemas de trazabilidad para bovinos de carne en los países del Cono Sur**. 2. ed. Montevideo: IICA, PROCISUR, 2006, p. 9-12.

KANO, André Hiroshi Flores de Almeida. **O impacto do NAFTA nas exportações brasileiras**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Economia, Rio de Janeiro, 2007.

KRUGMAN, Paul; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional: teoria e política**. 6. ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.

\_\_\_\_\_. **Economia internacional**. 8. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

KUME, H., PIANI, G. **ALCA: uma estimativa do impacto no comércio bilateral Brasil-Estados Unidos**. Rio de Janeiro: IPEA, dez.2004. Texto para Discussão nº 1058.

LAURSEN, K. **Revealed comparative advantage and the alternatives as measures of international specialization**. Copenhagen: Danish Research Unit for Industrial Dynamics, 1998 (Working Paper, 98-30).

LEAMER, E.E.; STERN, R.M. **Quantitative international economics**. Chicago: Aldine Publications, 1970. 209 p.

LEISHMAN, David; MENKHAUS, Dale J. WHIPPLE, Glen D. Revealed Comparative Advantage And The Measurement Of International Competitiveness For Agricultural Commodities: An Empirical Analysis Of Wool Exportadores. Annual Meeting, July 11-14, 1999, Fargo **Anais...**, Fargo, ND 35691, Western Agricultural Economics Association. 1999. Disponível em: <http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/35691/1/sp99le01.pdf>, acesso em: 07/10/2011.

MACHADO, L. V. N. et al. Análise do desempenho das exportações brasileiras de carne bovina: uma aplicação do Método Constant Market-Share, 1995-2003. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 4, p. 195-217, 2006.

MAPA. **Cartilha do novo Serviço de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos SISBOV**. Brasília: SDC/ABIEC/CNA/ACERTA, 2006. Disponível em: <[http://extranet.agricultura.gov.br/primeira\\_pagina/extranet/SISBOV.html](http://extranet.agricultura.gov.br/primeira_pagina/extranet/SISBOV.html)>. Acesso em: 08/10/2011.

MARCHETTI, V. **O Mercosul e a construção de vantagens competitivas**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. Mercosul e a inserção internacional. **Economia**, Curitiba, v. v.28/29, p. 27-69, 2002/2003.

MERCOSUL. Sobre o MERCOSUL. **MERCOSUL**, 2010. Disponível em: <<http://www.mercosur.org.uy/show?contentid=661&channel=secretaria>>. Acesso em: 25/11/2010.

MÜLLER, Carlos André da Silva. **Avaliação econômica do programa de erradicação da febre aftosa no Brasil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004.

NOCE, Rommel et al. Desempenho do Brasil nas exportações de madeira serrada. **Rev. Árvore**, Viçosa, v. 27, n. 5, out. 2003. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-67622003000500012>>. Acesso em: 07/10/2011.

OLIVEIRA, A. J. N. D.; ONUKI, J.; OLIVEIRA, E. D. Coalizões Sul-Sul e Multilateralismo: Índia, Brasil e África do Sul. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, V. 28 n. 2, julho/dezembro 2006. 465-504.

OLIVEIRA, Patrícia Borges de. **Competitividade e saldos comerciais da indústria agroalimentar no Brasil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Economia. 2005.

OLIVEIRA, Sibele Vasconcelos de; FREITAS, Claílton Ataíde de . As exportações de carne bovina dos países do Mercosul no período de 1986-2004: uma análise de Constant-Market-Share. **Revista Economia e Desenvolvimento**. Online. n.17, p. 1-25, 2005.

PEREIRA, P. R. R. X. **Rastreabilidade e sanidade**: desafios para as exportações brasileiras de carne bovina. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, Programa de Pós-Graduação em Agronegócios. 2009.

PEREIRA, Pollyana Cardoso. **A inserção brasileira no mercado internacional de produtos lácteos**: evolução e perspectivas. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos. Viçosa: PPGVTA, 2008.

PEROBELLI, F. S.; HADDAD, E. A. Exportações internacionais e interações regionais: uma análise de equilíbrio geral. **Estud. Econ.**, São Paulo, v. v. 36, n. 4, p. 833-866, out./dez. 2006.

PICARDI, Marta Susana; BLANCO, Josefina; PERRIER, Julieta. Competitividad de las exportaciones de carne vacuna de Argentina durante el período 1996 – 2007: Análisis comparativo con Brasil. **Atlantic Review of Economics, Universidad Nacional del Sur, Bahía Blanca, Argentina.**, v. 2, dez. 2011. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3920731.pdf>>. Acesso em: 28/11/2011.

PIRES, Pedro Paulo; AMARAL, Thaís Basso. Brasil. In: IRURUETA, Martín, et al. **Estado actual de los sistemas de trazabilidad para bovinos de carne en los países del Cono Sur**. 2. ed. Montevideo: IICA, PROCISUR, 2006, p. 19-22.

PITELLI, Mariusa Momenti; MORAES, Márcia Azanha F. Dias de. Análise do impacto das variações institucionais européias sobre a governança do sistema agroindustrial brasileiro da carne bovina. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 44, n. 1, mar. 2006 . Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032006000100002>>. Acesso em 14/11/2011.

PORTER, M. E. The Economic Performance of Regions. **Regional Studies**, Vol. 37.6&7, pp. 549–578, August/October 2003.

\_\_\_\_\_. **A vantagem competitiva das nações**. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

\_\_\_\_\_. A vantagem competitiva das nações. In: PORTER, M. E. **Competição = On Competition**: estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 1999. Cap. 6, p. 167-208.

PROCÓPIO, Diego Pierotti; CORONEL, Daniel Arruda; LÍRIO, Viviani Silva. Competitividade do mercado internacional de carne bovina: Uma análise dos mercados brasileiro e australiano. **Revista de Política Agrícola**. Ano XX – n. 2 – Abr./Maio/Jun. 2011.

RANGAN, S. Sete mitos relacionados à estratégia global. In: MINTZBERG, H., et al. **O processo da estratégia**: conceitos, contextos e casos selecionados. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. p. 247-250.

RIBEIRO, P. M. T. **Certificação e desenvolvimento de marcas como estratégia de diferenciação de produtos**: o caso da cadeia agroindustrial da carne bovina. 2008. 227 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

RICARDO, David. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RICHARDSON, J. D. Constant-market-shares analysis of export growth. **Journal of International Economics**, v.1, p. 227-239, 1971.

RUBIN, Luciane da Silva; ILHA, Adayr da Silva; WAQUIL, Paulo Dabdab. O comércio potencial brasileiro de carne bovina no contexto de integração regional. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 46, n. 4, dez. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032008000400007>>. Acesso em: 14/10/2011.

SANABRIA, Fernando Pérez. et al. Paraguay. In: IRURUETA, Martín, et al. **Estado actual de los sistemas de trazabilidad para bovinos de carne en los países del Cono Sur**. 2. ed. Montevideo: IICA, PROCISUR, 2006, p. 27-31.

SCHMITTER, P. C. A experiência da integração europeia e seu potencial para a integração regional. **Lua Nova**, São Paulo, v. 80, p. 9-44, 2010.

SCHUMPETER. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura: 1961.

SEREIA, V. J.; NOGUEIRA, J. M.; CÂMARA, M. R. G. As Exportações Paranaenses e a Competitividade do Complexo Agroindustrial. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 103, p. 45-59, jul./dez. 2002.

SMIT, A. J. The Competitive advantage of nations: is Porter's Diamond Framework a new theory that explains the international competitiveness of countries? **Southern African Review**. V. 14, n. 1, 2010. P.105-130

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**: investigação sobre a sua natureza e suas causas, com a introdução de Edwin Cannan. Apresentação de Winston Fritsh. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SILVA, Martim Francisco de Oliveira e; Silva, Jorge Ferreira da. **A Vantagem Competitiva das Nações e a Vantagem Competitiva das Empresas: A Localização é Importante?** Rio de Janeiro, 2009. 204p. Tese (Doutorado) – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

TEIXEIRA, Carlos H.; CARVALHO, Daniel E. de; FELDMANN, Paulo R. A internacionalização da JBS e uma discussão sobre o Diamante de Porter. **Future Studies Research**. São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 175 - 194, Jan./jun. 2010.

TYSZYNSKI H. World Trade in Manufactured Commodities, 1899–1950. **The Manchester School of Economic and Social Studies**, n. 19, p. 222–304, 1951.

VALVERDE, Rosembergue. Vantagens Comparativas do BRIC e Gestão do Comércio Exterior. In: 30º Encontro ANPAD. 23 a 27 de setembro de 2006. Salvador/BA – Brasil. **Anais...** Salvador: 2006, ENANPAD. Disponível em: <[www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-esob-1457.pdf](http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-esob-1457.pdf)>. Acesso em 28/07/2010.

VITTI, Aline. **Análise de competitividade das exportações brasileiras de frutas selecionadas no mercado internacional**. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2009. Piracicaba, 2009.

ZHEMOYDA, Oleksandr; GERASYMENKO, Nataliia. Concentration of Agriculture and Competitive Advantage of East-European Countries. 113º EAAE Seminar “A resilient European food industry and food chain in a challenging World”. **Anais...** Chania, Crete, Grécia, 3-6/set./2009. Disponível em: <<http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/58147/2/Zhemoyda.pdf>>. Acesso em: 13/06/2011.

YEATS, Alexander. Does Mercosur’s trade performance raise concerns about the effects of regional trade arrangements? **Policy Research Working Paper**, Washington, n. 1729, p. 1-33, Fev./1997.

**ANEXOS**



**Tabela 1A – Exportações totais, em milhares de Dólares FOB.**

Exportadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Argentina	26610055	25709371	29938752	34575706	40106386	46546224	55779580	70018851	55669065
Brasil	58286593	60438650	73203222	96677246	118528688	137806190	160648870	197942443	152994743
Paraguai	990204	950600	1305733	1553515	1655111	1843244	2817188	4463309	3167021
Uruguai	2057580	1861038	2208150	2937154	3404501	3952321	4517549	5941895	5385509
Mundo	6118895777	6419988089	7470790638	9100715788	10367893511	12013917899	13843138110	15981789284	12318898161

Fonte: Organizado pelo autor com dados do ICT.

**Tabela 2A – Exportações de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, em milhares de Dólares FOB.**

Exportadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Argentina	56209	220954	291063	401903	583377	566108	790925	826414	711297
Brasil	237357	268031	427928	592163	627144	666559	779738	296085	367254
Paraguai	56827	54540	21203	60124	97229	132923	157941	238131	278144
Uruguai	62258	77765	116406	145167	174428	258271	229139	318272	213082
Mundo	7420876	8566494	10096499	11303830	12996880	14686800	16631051	19070456	17396728

Fonte: Organizado pelo autor com dados do ICT.

**Tabela 3A – Exportações de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em milhares de Dólares FOB.**

Exportadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Argentina	57521	125320	170481	421734	586935	549983	418407	542398	818575
Brasil	501449	508302	726582	1370942	1791967	2467947	2705989	3710161	2655312
Paraguai	19204	16500	27102	86248	144230	270258	191307	358671	274880
Uruguai	145997	173443	243790	457027	561588	677872	566664	875058	739306
Mundo	5323414	5701717	6473959	7406131	8489978	9505145	9982470	13325487	11400479

Fonte: Organizado pelo Autor com dados do ICT.

**Tabela 4A – Principais destinos de exportações argentinas de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, em milhares de Dólares FOB.**

Importador	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Mundo	56209	220954	291063	401903	583377	566108	790925	826414	711297
UE27	28655	203814	241013	330766	402456	430410	541738	664618	506897
OIC	18	199	342	740	837	646	805	876	1298
Chile	6630	78	31098	29177	136249	88261	175299	104456	146945
Suíça	218	276	1400	2056	2544	1886	3901	14869	13383
Venezuela	-	-	2087	16143	12402	17473	24695	3187	6874
EUA	5435	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	612	1429	2222	3380	3412	1667	2511	1907	1631
Brasil	10928	12479	10687	13600	17425	21516	35431	33836	30170
Paraguai	-	-	-	-	-	268	-	-	-
Uruguai	-	772	34	724	1695	39	634	211	-
Resto do mundo	3713	1907	2180	5317	6357	3942	5911	2454	4099

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT

**Tabela 5A – Principais destinos de exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Mundo	237357	268031	427928	592163	627144	666559	779738	296085	367254
UE27	143493	151687	245094	353744	406141	533857	614797	103971	130700
OIC	11244	19052	32368	42366	57997	76832	101971	150753	187717
Chile	72314	88311	136487	174605	125106	17918	17178	12329	19888
Suíça	8433	7884	11432	16526	22068	25616	30914	8814	10366
Venezuela	-	-	-	121	1594	-	2509	3171	8812
EUA	73	103	-	72	-	62	68	-	45
Peru	5	-	128	-	-	317	869	2735	2356
Argentina	940	-	-	-	-	50	-	-	-
Paraguai	-	-	-	-	-	-	7	-	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Resto do mundo	855	994	2419	4729	14238	11907	11425	14312	7370

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT.

**Tabela 6A – Principais destinos de exportações paraguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	56827	54540	21203	60124	97229	132923	157941	238131	278144
<b>UE27</b>	2480	357	441	412	-	-	-	1293	9948
<b>OIC</b>	44	31	3229	8429	11541	6006	5323	3860	6923
<b>Chile</b>	44720	32773	-	10017	50659	110002	131461	213736	242120
<b>Suíça</b>	-	-	-	-	-	-	-	119	469
<b>Venezuela</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>EUA</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Peru</b>	-	-	82	891	1724	1416	1293	1327	1343
<b>Argentina</b>	-	-	-	-	-	-	-	112	-
<b>Brasil</b>	9456	21129	16926	39234	30606	11552	13618	16147	15645
<b>Uruguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Resto do mundo</b>	127	250	525	1141	2699	3947	6246	1537	1696

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT.

**Tabela 7A – Principais destinos de exportações uruguaias de carnes de animais da espécie bovina, frescas ou refrigeradas, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	62258	77765	116406	145167	174428	258271	229139	318272	213082
<b>UE27</b>	25199	41771	45086	58748	79930	109952	135591	227958	142018
<b>OIC</b>	5	432	65	426	319	196	-	43	1824
<b>Chile</b>	3001	19638	20344	11526	8267	83534	21470	25038	14914
<b>Suíça</b>	153	46	39	-	69	448	505	12660	8127
<b>Venezuela</b>	-	-	-	-	-	5	-	-	-
<b>EUA</b>	4680	-	23663	45760	61825	29785	28745	8592	15841
<b>Peru</b>	-	-	-	-	-	281	101	425	82
<b>Argentina</b>	10032	2979	5690	2315	2466	3533	3282	3882	1441
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<b>Brasil</b>	17925	12605	11267	10774	13357	20742	28723	35676	25146
<b>Resto do Mundo</b>	1263	294	10252	15618	8195	9795	10722	3998	3687

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT

**Tabela 8A – Principais destinos de exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	57521	125320	170481	421734	586935	549983	418407	542398	818575
<b>UE27</b>	6729	45066	44679	59897	39642	28823	25916	93651	105036
<b>OIC</b>	6065	42034	45209	79493	61345	25581	27272	52223	63312
<b>Grande China</b>	2339	4126	5738	7063	5780	3234	3466	11970	29746
<b>Rússia</b>	565	120	27996	147940	343059	391402	189351	200540	322987
<b>Venezuela</b>	70	137	894	26750	8048	9468	50215	39858	113559
<b>Israel</b>	12986	13819	28266	60025	59332	60867	76350	81465	117665
<b>Chile</b>	973	-	522	419	5591	2414	5417	6297	5860
<b>Brasil</b>	8862	9723	7483	9476	13330	11401	12220	23550	26662
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Uruguai</b>	-	380	-	-	70	-	1183	-	-
<b>Resto do mundo</b>	18932	9915	9694	30671	50738	16793	27017	32844	33748

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT

**Tabela 9A– Principais destinos de exportações brasileiras de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	501449	508302	726582	1370942	1791967	2467947	2705989	3710161	2655312
<b>UE27</b>	197579	201876	250936	436199	508164	626178	472784	166610	166361
<b>OIC</b>	158834	137766	225680	435714	452772	749113	769669	1009130	879073
<b>Grande China</b>	25155	21482	31102	43957	42724	59314	95715	222655	318471
<b>Rússia</b>	1869	45808	100122	238722	554544	742749	967504	1429922	910597
<b>Venezuela</b>	898	1551	242	21569	17682	33724	122124	415137	156122
<b>Israel</b>	62155	28062	28664	42397	37719	69368	67338	134834	86574
<b>Chile</b>	22675	23947	22385	24333	14876	725	2089	89	435
<b>Argentina</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Uruguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Resto do mundo</b>	32284	47810	67451	128051	163486	186776	208766	331784	137679

Fonte: Organizado pelo autor com dados do ICT.

**Tabela 10A– Principais destinos de exportações Paraguaiaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	19204	16500	27102	86248	144230	270258	191307	358671	274880
<b>UE27</b>	4563	4315	6417	6429	-	89	76	1532	6098
<b>OIC</b>	1428	363	9137	16631	21718	5545	12598	10359	38233
<b>Grande China</b>	-	37	-	23	226	1193	882	2028	2926
<b>Rússia</b>	2660	3626	2382	38089	97232	216579	128866	245956	116966
<b>Venezuela</b>	-	-	-	-	-	-	-	25760	48940
<b>Israel</b>	1305	303	2182	13635	12098	15317	7948	23475	14333
<b>Chile</b>	4283	763	-	92	385	604	903	947	1065
<b>Argentina</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	89
<b>Brasil</b>	3376	3674	1038	1919	641	973	562	2502	4863
<b>Uruguai</b>	-	-	35	-	-	-	-	-	-
<b>Resto do mundo</b>	1589	3419	5911	9430	11930	29958	39472	46112	41367

Fonte: Organizado pelo autor com dados do ICT.

**Tabela 11A – Principais destinos de exportações uruguaiaias de carnes de animais da espécie bovina, congeladas, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	145997	173443	243790	457027	561588	677872	566664	875058	739306
<b>UE27</b>	32184	48388	27110	34029	42411	73650	73200	275389	230201
<b>OIC</b>	2337	48033	27535	4944	6181	32069	13863	28190	33373
<b>Grande China</b>	2004	3546	578	296	126	197	5370	18365	44537
<b>Rússia</b>	-	11795	6458	754	6096	183627	59965	282307	177717
<b>Venezuela</b>	1459	2348	254	340	144	491	4753	18677	31916
<b>Israel</b>	39450	45646	34570	21145	18981	47811	35503	68882	51667
<b>Chile</b>	1444	182	57	128	1981	12556	7378	18164	7442
<b>Argentina</b>	595	253	125	92	255	346	320	500	147
<b>Paraguai</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Brasil</b>	3027	9560	2994	3511	5118	3518	4992	8673	13717
<b>Resto do mundo</b>	63497	3692	144109	391788	480295	323607	361320	155911	148589

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT

**Tabela 12A - Exportações totais da Argentina, por mercado de destino, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	26610055	25709371	29938752	34575706	40106386	46546224	55779580	70018851	55669065
<b>UE27</b>	4697045	5309300	6080919	6316529	6877896	8122719	9837720	13175080	10278896
<b>OIC</b>	2346242	2329357	2446459	3290391	3714788	3935195	5478802	7655057	5873133
<b>Grande China</b>	1253649	1259109	2702071	2817874	3404878	3729773	5445141	6636741	4018454
<b>Brasil</b>	6205630	4827791	4663289	5411830	6328294	8140972	10486056	13273283	11373514
<b>Chile</b>	2851693	2961084	3536326	3830577	4497161	4404623	4176201	4713567	4388840
<b>EUA</b>	2900129	2957202	3133533	3707822	4570411	4119115	4344407	5401769	3671360
<b>Uruguai</b>	743587	541608	531297	687425	861529	1198721	1204876	1800421	1606292
<b>Venezuela</b>	234487	148415	139721	431771	509739	809480	1176183	1419684	1041779
<b>Suíça</b>	30371	19106	22036	20737	97151	518547	535000	757984	945550
<b>Paraguai</b>	498778	340925	445172	477366	508939	622707	778662	1087839	842728
<b>Rússia</b>	150657	149283	199101	357689	670224	901391	783521	969874	824941
<b>Peru</b>	393954	444305	414431	497889	599278	728913	957848	1312616	793023
<b>Israel</b>	86451	62138	99682	173879	208409	134854	212511	219643	267239
<b>Resto do mundo</b>	4217382	4359748	5524715	6553927	7257689	9179214	10362652	11595293	9743316

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT

**Tabela 13A – Exportações totais do Brasil, por mercado de destino, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	58286593	60438650	73203222	96677246	118528688	137806190	160648870	197942443	152994743
<b>UE27</b>	15515968	15639437	18853239	24720888	27098612	31123402	40492224	46459487	34080054
<b>OIC</b>	3911870	4614632	5357279	7462481	9575009	12352438	13496935	16931173	16154692
<b>Grande China</b>	2684010	3479122	5917638	7043787	8551601	10194524	12901046	19689050	23017288
<b>Rússia</b>	1.102.621	1252511	1500226	1658048	2917435	3443428	3741296	4652979	2868561
<b>Venezuela</b>	1095270	798974	608229	1469802	2223706	3565424	4723940	5150188	3610339
<b>Israel</b>	137979	109748	187495	213848	262964	272531	355751	398566	270503
<b>Chile</b>	1354943	1464799	1886979	2555916	3623663	3913549	4264400	4791703	2656794
<b>Argentina</b>	5009810	2346508	4569768	7390967	9930153	11739592	14416946	17605621	12784967
<b>Paraguai</b>	721253	559625	708750	873353	962721	1233639	1648191	2487561	1683902
<b>Uruguai</b>	643392	412542	405792	670582	853138	1012598	1288440	1644126	1360078

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT.

**Tabela 14A – Exportações totais do Paraguai, por mercado de destino, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	990204	950600	1305733	1553515	1655111	1843244	2817188	4463309	3167021
<b>UE27</b>	112005	83009	83168	97041	104662	110823	243402	373117	190691
<b>OIC</b>	10445	3156	18701	40269	38816	14776	101291	174647	193980
<b>Chile</b>	61461	49129	13678	27784	63821	128993	204782	370091	365071
<b>Suíça</b>	34372	33441	101908	65963	14325	33887	82165	61799	79755
<b>Venezuela</b>	7352	9690	6648	8304	6991	7640	84871	256796	124031
<b>EUA</b>	29318	38036	47477	50121	52184	64572	69334	77264	54580
<b>Peru</b>	15617	17927	19364	19200	22420	27290	102873	148231	105111
<b>Argentina</b>	60825	34720	69807	93388	102586	149137	518593	727038	343129
<b>Brasil</b>	277887	352973	433279	290232	315912	311772	521232	628108	655501
<b>Uruguai</b>	180013	165052	269803	444142	474134	412515	261344	780214	534109

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT.

**Tabela 15A – Exportações totais do Uruguai, por mercado de destino, em milhares de Dólares FOB.**

Importadores	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Mundo</b>	2057580	1861038	2208150	2937154	3404501	3952321	4517549	5941895	5385509
<b>UE27</b>	392122	449181	517755	589823	599783	674362	832506	1148739	826980
<b>OIC</b>	80925	159886	117858	161213	223741	259023	274325	425993	492746
<b>Grande China</b>	129784	121579	115002	134972	140518	182769	191412	219469	314549
<b>Rússia</b>	6511	17311	21027	17110	37780	224172	112852	332300	217591
<b>Venezuela</b>	22418	11176	5701	32691	33491	78151	97113	235394	187514
<b>Israel</b>	45546	51361	40116	26132	25892	55471	45493	83130	60704
<b>Chile</b>	44422	52971	71632	61237	83150	165260	107854	133970	81233
<b>Argentina</b>	316366	113343	155223	223365	266928	301486	445720	506527	345614
<b>Paraguai</b>	82805	61685	47804	58558	55812	58146	77256	106745	84534
<b>Brasil</b>	440695	431790	471026	483833	458246	582529	731551	987980	1099064

Fonte: organizado pelo autor com dados do ICT.